

ODILON GARCEZ AYRES



Edição
Fac-similar

Oche y Sefe TIARAVÓ

méritos
editora

ROMANCE

Odilon Garcez Ayres

OCHÉ Y
SEFÉ
TLARAYÚ



Edição
Fac-similar

Passo Fundo
2006

méritos
editora

2006 - Versão livro em papel
2023 - Versão fac-similar em ebook/PDF

© Livraria e Editora Méritos Ltda.
Rua do Retiro, 846
Passo Fundo - RS
CEP 99074-270
Página na internet: www.meritos.com.br
E-mail: sac@meritos.com.br

Charles Pimentel da Silva
Editor

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998.

Partes deste livro podem ser reproduzidas desde que citados o título da obra, o nome dos organizadores, da editora e os demais elementos de referência bibliográfica, conforme normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

G215o Garcez Ayres, Odilon
Oché y Sefé Tiarayú: Romance /
Odilon Ayres Garcez. Passo Fundo:
Méritos, 2006.
192 p.

1. Literatura brasileira 2. Romance
I. Título

CDU: 869.0(81)-31

Catálogo na fonte: bibliotecária Marisa Fernanda Miguellis CRB
10/1241

2006 - Versão livro em papel - ISBN 85-89769-13-5

Impresso no Brasil

*Aos que me derem a honra de sua
leitura, primeiro perdoem-me os
pecados da língua, depois, lembrem-se
de que este romance guarani mistura
ficção com realidade. Quaisquer
coincidências com a vida real são
apenas peças que o destino apronta.
Porém, aqueles que conhecem a
verdade, saberão distinguir a história
da fantasia, os personagens irrealis dos
i m o r t a i s .*

*Muito obrigado Deus Pai, Deus
Filho e Deus Espírito Santo, pela
permissão e inspiração deste cuatiá.*

ÍNDICE

<i>Prisioneiros de Santa Tereza</i>	/ 9
<i>Expedição ao Paraguasú</i>	/ 12
<i>Os mamelucos</i>	/ 23
<i>O Conselho dos camés e tapes</i>	/ 29
<i>A Rainha de Sabá</i>	/ 36
<i>A Tapera dos Pinarés</i>	/ 46
<i>Ñande rey soldadan'chè</i>	/ 49
<i>A Lenda das Jabuticabas</i>	/ 56
<i>Kaloko</i>	/ 62
<i>Ãng yavevé</i>	/ 66
<i>Festa de San Juan Bautista</i>	/ 76
<i>O céu do Tapes</i>	/ 91
<i>Navidad em San Juan</i>	/ 97
<i>Declaração de guerra</i>	/ 104
<i>Cavallhada</i>	/ 115
<i>Chamuchina da vitória</i>	/ 119
<i>Ano de paz</i>	/ 126
<i>Cuarahîhesapé apagou-se</i>	/ 131
<i>Genocídio em Caiboaté</i>	/ 143
<i>Fim da yvimarae'y</i>	/ 154
<i>Yaguapitã y kirikiri</i>	/ 161
<i>O fim dos Sete Povos das Missões e a transmigração</i>	/ 173
<i>Otras plagas de deus</i>	/ 180

<i>Introdução à onomástica guarani</i>	/ 185
<i>Obras consultadas</i>	/ 189

PRISIONEIRO DE SANTA TEREZA

Era meados de março de 1638, a bandeira de Andrés Fernandes Oliveira resumia-se a poucos homens brancos, vários mamelucos, franceses, holandeses, judeus e espanhóis, alguns tamoios e muitos tupis. Desde que tinham saído da Coxilha do Albardão, descendo pelas serranias do mar, tudo transcorria na mais absoluta calmaria. O tempo seco e ensolarado vinha ajudando os paulistas desde a empreitada em que se aventuraram alguns meses antes na futura Província Del'Rei.

Quase todos os dias, a mesma rotina: levantar com uma nesga de sono e percorrer o acampamento com um olhar em círculo, os guaipecas ao lado do borralho e os companheiros estendidos nas redes de tucum, com o bacamarte e o *fala-verdade* à mão. Dormiam com bota e tudo, acostumados com aquela lida.

Na noite passada um capincho servira de jantar, assado em postas grandes, acompanhado de muita *guaripola*, paçoca e café.

Os outros da comitiva estavam esparramados ao relento, a frescura das paragens era benigna aos temíveis e incautos predadores.

Os prisioneiros, ligados pelas mãos e acorrentados pelos pés com gargalhas, aclimatados com o frio do sul do continente, dormiam mal na cansa de léguas e léguas já percorridas, atazanados pelos mosquitos, vespas, muriçocas e um sem-fim de insetos da grande mata que costeava o mar, sem contar as

pisaduras nos braços e nas canelas pelo constante roçar das tiras de couro e dos cadeados ferro com ferro.

Da pouca ração que recebiam, comiam mais couro, nervos e pelancas do que carne, as mãos enebadas percorriam os ferimentos.

O mameluco tambeiro foi o primeiro a levantar-se, atiçou o fogo, pegou a cambona e desceu ao riacho tirar a ressaca. Quando voltou para preparar o café, o dia já vinha clareando, muitos já perambulavam pelo acampamento, arrumando as catraias, basicamente se resumiam em redes, embornais, facões, espingardas, vasilhames e o pessuelo, a caixa de couro do chefe. Cada um servia-se da carne que restara e do pão seco feito há dias numa parada na aldeia carijó despovoada.

Todos guardavam na mente esse lugar de nome antigo, Barra do Camacho, onde não só os Fernandes, mas os Dias e os Raposos tinham levado de nossos irmãos caris mais do que se poderia contar numa noite estrelada. Naquelas paragens de Embitiba (Imbituba) o bisavô do meu avô também ouviu um guarani contar sobre dom Matias Albuquerque, um bravo carijó de nome Aberaba que se tornara irmão dos portugueses.

Os burros de carga, poucos, mas as mulas iam com as brucacas carregadas de traia, tinham nos surrões de mantimentos o charque, feijão, milho, batatas, canjica e paçoca.

Tio Pedro Velho, o tambeiro, percorreu, com os olhos acostumados, os prisioneiros valiosos que sabiam ler e escrever que seriam vendidos em Piratininga.

Andrés Fernandes, o cristão novo, tocou a buzina e os guaranis se levantaram com a boca seca e o estômago churirgado, as *mitãnbu'i* (crianças pequenas) choravam baixinho, as *cuñá* (mulheres) resmungavam e os *avá* (homens) feitos quietos, tristes, com o olhar distante, faziam por donde para não levar um talagaço de chicote dos mamelucos.

Os tupis acompanhavam tudo de soslaio, mas partiram na frente de Andrés, seus irmãos, do pai e do filho padre que iam a cavalo. Os tupis Jurupari, Irapuã e Tatanguar rasgavam selvas, matas, rios e pântanos como se fossem ali pertinho pescar. Suas bordunas já tinham servido outras bandeiras, com esta seria a terceira, já estavam bem aculturados e viviam com suas mulheres nas saias do padre Anchieta, por isso, eram tidos em alta conta, ao todo eram mais de cinco mãos.

Cuarahíhesapé levantou e puxou levemente o sovêu que os ligava, todos se moviam ao som sutil de sua voz de comando, jovens, velhos, homens, mulheres e crianças. O *twichá*, não fosse o brilho diferente que emanava do seu rosto, pouco se diferenciava da maioria dos guaranis, agora ligados pela tragédia, com seus olhos amendoados que faiscavam, às vezes cordiais, às vezes sérios, outras raivosos, contidos pelo ferro, porque se não fosse este, as suas macanás (tacapes) fariam estragos horrendos naqueles mentirosos e traiçoeiros que se escudavam num padre com cruz de uma travessa só.

Quando amanheceu e o sol se aprumou no horizonte, a bandeira já tinha percorrido uma légua dentro da mata. Esperavam que lá pelo entardecer, se nada de mal lhes acontecesse, chegariam a Laguna, onde rilhariam as areias pertinho do mar, onde poderiam se refrescar e cicatrizar as feridas dos espinhos, bernes e carrapatos.

Homens e animais sentiam a aragem do *mar grande* entrando pelas narinas, era o aroma purificador da água salgada trazido pelo vento leste, porém o barulho das patas dos animais, dos facões abrindo picada, dos mamelucos atijando os cargueiros e dos cativos arrastando correntes era sinistro e nada prazeroso, já não se podia ouvir o canto dos inumeráveis pássaros, apenas alguns bandos de periquitos e baitacas tentavam abafar a cacofonia enquanto a araponga martelava os ouvidos dos cativos:

— *Muerte! Muerte! Muerte!*

EXPEDIÇÃO AO PARAGUASÚ

Ao oeste, *Tupã* dera outra sorte ao povo do *mburuvichaguasú* (grande cacique) Ituporanga. Na sua aldeia próxima do Rio Iguaçu peixes não faltavam, os varais ficavam cobertos de surubis e dourados moqueados ao natural na *oga* (casa) principal. As mulheres nem faziam conta dos peixes menores, ia tudo pra farinha. Das roças se colhia com fartura, milho *morotí*, *tupí* e *pororó*; *jirimu* (abóbora) guria e de pescoço; *jati* (moranga) branca e colorida; banana caturra e de macaco; mandioca doce e amarga; enfim, os giraus estavam cheios, sem contar as cabaças abarrotadas de farinha e o que ficou nas roças, nas tigüeras e na tapera velha. Só faltava uma coisa, o *yuké* (sal), que deixava as mulheres em polvorosa com o frenesi de uma possível expedição até a terra de seus milenares ancestrais em busca do precioso condimento.

A caminhada seria grande, léguas e léguas, luas e luas, mas valeria a pena ir mariscar e pegar o *yuké* que pudessem, pois já andavam cuspidando aquela cinza insossa de aroeira que usavam de tempero, e, além do mais, as mulheres fartar-se-iam em colecionar conchas, vieiras e caramujos para seus colares e enfeites.

O *mburuvichaguasú* reuniu os mais velhos e valentes guerreiros no meio da praça espaçosa, à luz da fogueira de canela-guaicá, para consultar um a um se queriam ou não enfrentar as asperezas da descida da serra de Urubici, rumo ao *mar grande*.

Não mais do que duas mãos de guerreiros em pleno vigor se prontificaram, entre eles, o filho e a filha guerreira de Ituporanga e uma mão de mulheres casadas. O ancião Curupayty, o mais velho dos pajés, depois de lançar baforadas e baforadas de ervas aromáticas de seu *petima* (cachimbo) de taquara, exortou sobre os perigos do caminho e vaticinou que um contratempo difícil se apresentaria, com risco de sangue e de vidas e que, portanto, estivessem atentos e cautelosos.

O filho *tuvichá* (chefe) Curityguasú lhe tranqüilizou, de que andariam entre povos irmãos da nação guarani e que, de mais a mais, já fizera esse trajeto duas vezes, que levaria nas mãos as suas armas e no peito a *curusú* (cruz) de duas travessas que o padre jesuíta Francisco de San Martim lhe dera de presente quando de sua estada na Redução do Guairá (terra da juventude) lá por 1628, onde aprendera um pouco de música, de latin, de espanhol e de manejo com a espada, como qualquer fidalgo castelhano, presente que também seu avô ganhara de dom Alvar Nuñez Cabeza de Vaca em 1553 quando por ali passou com destino a Buenos Aires.

Com essa arenga todos ficaram contentes, até que, a um sinal do futuro chefe, a longa reunião se dissolveu e cada um se dirigiu à sua *tavaroga* (casa comunitária) para preparar as armas e mantimentos para a longa aventura dali a dois dias.

Na manhã seguinte, a aldeia fervilhava, as *cuñá* arrumavam cambucas, moringas, as panelas de barro e os mantimentos, e os *avá* poliam as macanás e fabricavam mais *ívô* (flechas). Entusiasmados com a fala de Curityguasú, mais duas mãos de guerreiros iriam fazer parte da expedição, o que equivaleria a uma incursão de guerra, tal a força numérica dos guerreiros de Ituporanga.

À noitinha, fogo aceso, de louro e cerejeira, crepitava na *oga* grande, era visível a alegria nos rostos dos guerreiros e mulheres que iriam rumo à costa.

A lauta refeição de peixes, catetos (porcos do mato) assados, farinha de mandioca, batatas-doces, bananas, abacaxis e jaracatiás foi o intróito para os guaranis extravasarem o seu contentamento com a realização de diversas recomendações dos pajés Itapiranga e Cunhaporã, dos chefes de família e a realização da dança da colheita e da dança de proteção às divindades dos campos, das matas, das montanhas, dos rios, dos lagos e do mar.

Ao final, o grande cacique Ituporanga autorizou um brinde do néctar dos deuses, a *guaripola* (cana de mel com suco de milho), e despediu-se de um por um, a começar por seu filho, sua filha e depois os chefes de família em número de quatro mãos, com seus filhos e mulheres: os guaranis Peritiba, Araranguá, Piratuba, Ibicará, Tangará, Urupema, Ibirama, Itaió, Corupá, Içara, Itá, Garuvá, Itapirubá, Itapoçu, Guaramirim, Ubatuba, Ipuaçú, Embaú, Papanduva, Urussanga, Aguti, Cunhaporã, Itajá, Aiure, Garopaba, Itajubá, Apiúna, Itapoã, Biguaçu, Jaborá, Bocaina, Guabirubá, Jupιά, Botuverá, Guaporanga, Joaçaba, Caibi, Guaraciaba, Maracajá, Camboriú, Ibicuí, Massaranduba, Capivari, Mirim, Caraíba, Indaial, Pericó, Catandubas, Iomerê, Pindotiba, Catuíba, Arakitan, Itaperiú, Criciúma, Iraputá, Tímbé, Tupitinga, Chapecó, os gêmeos gês adotados Xaxim e Xanxerê e mais o Goio-em.

A estrela D'Alva ainda piscava sobre a aldeia situada no planalto de Guarapuava enquanto os guerreiros da expedição coletora já andavam longe pisando o orvalho friorento da madrugada, caminhando lépidos e quietos, com confiança, pois sabiam a direção do sol. Quando os primeiros cantadores começaram a gorjear, ouvia-se ao longe uma siriema tristonha, ao que as saracuras respondiam:

— Póte-póte-quebrei-três-pótes.

Já começava a confusão no capão de mato que ainda bordavam os campos de Santa Fé quando o bugio abriu o gogó e

disse aos guaribas, pregos e micos quem é que mandava naquele torrão. O gavião de penacho também soltou seu grito de alerta às lebres campeiras e aos pássaros desavisados.

Quando o sol levantou lá muito longe na *Wítirusú* (serrania) verde-esmeralda, a comitiva parou à beira do campo aberto, num riacho de águas límpidas que refletiam as primeiras nuvens brancas da manhã prometendo mais um dia quente naquele verão. Nos *curitiva* (pinheiros) esparsos, o ouriço espiou aquela espécie que, de cócoras, enchia cabaças, levava e sorvia a água puríssima nas mãos em concha. O *yaguareté* (tigre) rugiu, não muito longe dali, desconfiado.

Em círculos familiares todos repartiam as suas provisões de viagem com gosto e alegria, não era a refeição principal, apenas um desjejum e uma parada para acertos e comentários, porque dali pra diante as graças de Deus e da mãe natureza iriam alimentá-los com frugalidade invejada, com araçás do branco e do vermelho, araticuns, pitangas rosas e vermelhas, ingás, cerejas, amoras azuis, veludinhos, *guaririvas* acres e uvaías açucaradas.

Não há traição, não há ataque, surpresa, desastre ou outro qualquer mal na vastidão dos campos e na umbrosidade das florestas, a natureza segue o seu curso, de nascer, de viver, e morrer, sem ferir o espinheiro... às aves; as onças... às árvores; as águas... aos peixes; o céu... às abelhas e o vento... ao *guainumbí*.

Nos vários dias que se sucederam, as léguas de campos, os eitos de matos e as subidas de morros altaneiros foram vencidos um a um sem qualquer percalço. O amuleto sagrado que balançava no peito do dileto *tenondeguara* (filho primogênito) guiava com precisão, dia e noite, na escuridão e na cerração, aqueles gentis filhos da recém talada *plaga* sulina do Brasil, meio portugueses, meio castelhanos, permeados de várias nações, das quais se destacavam as tupis, gês, tapuias e guaranis.

À noite era uma festa, o fogo de labareda alta servia para alumiar, esquentar e espantar os mosquitos e morcegos, também era onde se comentava a quarteada do dia, tomava-se *ca'á* (erva-mate) e recobrava-se as forças.

A fartura se abatia com facilidade, a flecha com ou sem ponteira derrubava macuco e nambu, e matava cateto, capivara e até tatu-canastra. As mãos nuas se lambuzavam de carnes, umas secas, outras gordurosas amansadas com farinha de mandioca, não raro com *guaripola* e mate à vontade. Risos tímidos, modestos e serenos; conversa franca sem malícia; causos curtos; comentários sobre as *panambí* (borboletas) amarelas no lodaçal, um escorregão e um tombo; a cobra verde que fugiu espavorida; a panela que se quebrou; a flechada certa no macaco lá na copinha do ingazeiro; o namoro de longe da Ocarapotí com o atarracado do Embaú-bá; a chubarada repentina da noite passada.

Coisas assim, que os *avá* e as *cuñá* sentem e dizem de seu viver, sem contar os causos de batalhas vividos pelos mais velhos, quando os aldeamentos dos jesuítas, ditos espanhóis, foram dizimados no Guairá e obrigados a fugir para os esteros quentes do Paraguai e depois Uruguai abaixo na pampa.

Não estavam sozinhos, andando como andavam nas cristas das montanhas de Urubici, avistavam aqui, ali e acolá o fogo das fogueiras dos parentes tremulando ao longe, noite adentro, comungando o mesmo céu e o mesmo luar.

Quando pareceu que a caminhada não teria fim para os mais jovens, o *tuchava* Curityguasú, numa daquelas breves paradas na mais alta das altas montanhas, distendeu a mão espalmada por cima de seus rasgados olhos de *taguató* (águia) e divisou a sua referência, os picos esbranquiçados que ficavam à direita de seu destino, o *paraguasú* dos *caraíba*. Verificado isso, todos divisaram ao longe daquelas paragens as montanhas pálidas de que seus pais e seus avós contavam

em longas noites de causos, sobre a chuva branca (neve) que cobria campos e matos e se eternizava inverno e verão. Lá era território da nação dos caingangues, arredios, de outra língua, que viviam nas profundezas da floresta dos montes escarpados, morando em choças de palha, escavadas em forma de concha na terra pura, e andavam cobertos de peles de tigres, de sussuaranas, de antas e capivaras, para aguentar as invernias, as friagens e a neve do inverno.

Distendeu a lança pau-ferro de ponteira reluzente, que sempre trazia à mão, em direção ao leste e sentenciou que dali a uma mão de luas estariam chegando na terra de seus irmãos, onde tudo era diferente e belo, onde *Tupã* acariciava os *avá* ora manso, ora bravo, onde lavava, enchagoava e rejuvenescia a *agã* (alma) cansada dos viventes, revigorava-os e devolvia-os sorridentes novamente à sua luta.

Não findara os dedos das mãos naquela descida alucinante serra abaixo, na ânsia de chegar, depois de árduas caminhadas por campos e matos, vadeando rios e cascatas e agora descendo cerros, peraus e precipícios, pois parecia que ali a terra tinha caído de repente no rio que serpenteava, ficou mais funda, avistaram ao longe um rio grande e largo de horizonte a horizonte, ovalado, ora azul, ora esverdeado, ora branco espumando, ora anil, muito maior, muito maior mesmo que os rios Iguasú (salto grande de água) e o Rio Paraná (unido e mesclado ao mar), juntos eram o *paraguasú* (mar grande). O contentamento e o êxtase tomaram conta dos sorridentes guaranis, em especial, dos neófitos que nem sequer imaginavam, quando lhes contavam, como era a imensidão daquelas águas salgadas.

Os que já o conheciam também se regozijavam pelo sucesso e ofereciam conhecimentos pormenorizados daqueles sítios, o comentário era geral, parecia uma chegada de *mbaitá* (baitacas) no poiso. Mais uma lua e estariam chegando na aldeia de seus irmãos carijós para revê-los, matar as saudades, talvez uma na-

morada, pescar nesse rio grande, caçar, mariscar, colher enfeites e pegar o *yukê*, pelo qual vieram.

Yas'yateré (curupira) lhes enganou!

No outro dia, já respiravam a brisa do mar, o ar era diferente, uma neblina tênue emoldurava estes baixios, agora, ao oeste, às costas de onde vieram, uma cerração cobria os verdes montes, e à frente diversas ilhas figuravam a paisagem entrecortada de baías e enseadas. Era um silêncio que se podia ouvi-lo. Só o grilo cricrilava para a mamangava escutar. Mal e mal se ouvia um pássaro ao longe. Os mirins roçavam pernas e braços à procura do novo.

Algo estava errado!

Não se ouvia o canto mavioso dos irmãos na roça, nem o assovio dos caçadores de atrás do *virá* (veado), nem dos pescadores batendo o remo nas *igã* (canoas).

A névoa branca subia e acariciava os montes, teimando em esconder o sol.

Tristeza das tristezas. Quando chegaram, não encontraram o sorriso de um único irmão para recebê-los, só o cheiro nojento de restos queimados, tudo fora incendiado, só restara uma palhoça, a maior, que ficava no centro da aldeia e escapara do fogo inimigo. A coisa acontecera faz tempo, nem papagaio, nem tucano, nem serelepe ficou no girau ou mesmo brincando no beiral da palhoça. Simplesmente todos se foram. Para onde? Pescar, caçar, plantar? Impossível! Isso com certeza tinha a ver com os malévolos paulistas do Brasil.

Bueno! Que se podia fazer? Depois de bater e revirar as redondezas e não achar de alma viva nem vestígio, resolveram continuar a marcha em direção ao *paraguasú*. Dali enxergavam o monte alto, com uma *humbaitá* (pedra negra) na ponta, adonde os corvos faziam morada. Seguiram em frente.

No outro dia, já ao cair da tarde, avistaram mais nitidamente o monte ondulado em forma de tabuleiro, que olhava do mar para a terra. Uma enseada à esquerda e outra menor à direita, onde desaguava o Rio Cachiveo (canoas). Adiante, várias ilhas, de uma saíam e voltavam papagaios sem conta. Uma outra ilha verde-escura, grande e íngreme parecia querer tocar o céu e estava quase emendada com a terra dos carijós. Diziam os *caraiiba*: *Santa Catarina*, outros a chamavam de *Nossa Senhora do Desterro*.

A enseada de areias brancas e dunas alterosas margeavam toda a orla até encostar no Morro dos Corvos, e parecia encontrar a ilha grande. No outro lado, o rio serpenteava pela planície e adentrava mansamente pelas areias do mar, dando um colorido diferente às ondas quando batiam nas grandes pedras que quebravam o avanço do gigante.

Tudo era belo e grandioso, as montanhas, as matas, as ilhas, as praias, as dunas, até os pássaros eram diferentes, não cantavam, grasnavam, e estavam em constantes idas e vindas até as ilhas dentro do mar: gaivotas, garças, maçaricos, cormorões ou *mbiguá*, como diziam os carijós.

Avá e *cuñá* olhavam extasiados aquelas maravilhas dantes jamais vistas, apenas contadas, mas que agora se sobrepujavam a tudo que tinham ouvido. Uns pegavam a areia que escorria entre os dedos, outros molhavam os pés com receio e os cancheiros já estavam dando braçadas naquelas águas tépidas, serenas e salgadas. Alguns paravam boquiabertos vendo cardumes passando entre suas pernas e as mulheres não cabiam de contentamento pela quantidade e pela diversidade de conchas e moluscos que a maré depositava aos seus pés. Colares, braceletes, gargantilhas e pingentes já povoavam suas imaginações. Como ficariam contentes suas *si* (mães), *tíké* (irmãs) e *tembirecoríké* (cunhadas) com tão diferentes e ricos enfeites que lhes fariam regalo. Já se

viam ostentando seus adornos nas festas de casamento e nas de pajelança.

O primeiro dia foi de banho, caminhada e reconhecimento de toda aquela maravilha, diferente como a noite do dia, em nada semelhante aos campos aureolados e aos capões verdejantes do planalto serrano de sua querida e já saudosa aldeia.

Destros nos rios, idem no mar, as lanças e flechas certas apanhavam tainhas, arraias, corvinas, anjos e paratis, que foram assados em espetos de taquara e saboreados calmamente ao redor do fogo.

Todos estavam muito alegres e contentes, esquecidos das agruras da descida da serra, quando num lampejo o experiente *tuvichá* lembrou a todos das desventuras de seus ancestrais e determinou que os guerreiros Itapirubá, Urussanga e Papanduva, no outro dia bem cedo, fossem percorrer aquele tabuleiro à procura das *yukítí* (salinas) naturais que formavam-se entre as bacias das pedras; que abatessem qualquer animal feroz que pudesse molestar os coletores e, ainda, que um deles, tão pronto isto fizesse, que ficasse de *ma'êngurú* (atalaia) lá na pedra do corvo, abrigando-se naquela caverna donde se avista tudo em roda munido da buzina de guerra, para avisá-los de qualquer perigo.

Os cestos bem trançados de taquara estavam sendo forrados com folhas de bananeiras e os demais já salgavam os peixes quando avistaram, vinda das bandas da Palhoça, uma mão de carijós. Todos pararam... Com a chegada e a saudação reconheceram os mais velhos que se tratavam de Imaruí, Araquari, Mondaí, Jaguaruna, Arabutã e duas mulheres, os quais, por sorte tinham escapado.

Passaram, então, a contar as nuances do ataque dos mameucos paulistas, da morte de muitos guerreiros que resistiram bravamente às armas trovejantes dos invasores e do

aprisionamento do restante dos homens, mulheres, *yaguané* (velhos) e até das crianças de colo, os quais, foram reunidos, trancafiados e maneados a couro e ferro, sendo levados em direção ao norte por um tal que todos chamavam de Raposo Tavares, depois incendiaram tudo, só não sabiam que a palhoça tinha resistido.

Curityguasú lamentou a perda daqueles irmãos carijós, convidou estes para que permanecessem junto a eles até a sua partida, e relatou tudo que acontecera desde a saída de sua aldeia até aquele momento em que se deparou com o vazio e o silêncio dos filhos arrancados por armas de *caraiíba* (branco) do seu torrão amado.

Dois guerreiros voltaram e contaram sobre as salinas que encontraram no outro lado, de frente para o mar grosso, e da inexistência de animais, somente víboras venenosas habitavam as fendas, e que o irmão Papanduva ficara acampado na caverna perto da pedra do *irívú* (corvo); que tinham achado umas coisas de *caraiíba* muito interessantes naquela abertura da pedra: uma caixa com diversos *cuatiá*, uma cruz, cabaças reluzentes, adornos de *cuñá* e uma imagem quase que de uma irmã guarani, mas que só aparecia a testa e os olhos, pois tinha uma venda que tapava o nariz e a boca, por cima da cabeça tinha um manto com uma estrela na testa, e que não tinha cocar, nem penas, nada, só uma coroa.

Desenhou na areia sua descrição. A esse relato todos ficaram pensativos e logo argüiram do que se tratava. Curityguasú tranqüilizou-os, ele sabia que era apenas uma imagem de alguma divindade que os jesuítas carregavam em suas andanças e que iria vê-la tão logo aprontassem o carregamento.

Arabutã, canoeiro e pescador, junto com seus companheiros, agradecidos pela hospitalidade, propiciaram um belo passeio em canoas até as ilhas próximas, onde puderam apreciar os ninhais dos milhares de papagaios e de gaviotas,

o criadouro das focas e lobos do mar e até a migração dos maiores peixes do mundo, as baleias. Se não fosse a presença dos carijós, com certeza os guaranis que acompanhavam o filho de Ituporanga e sua irmã teriam que ter voltado a nado para terra firme, tal o espanto que lhes causara aqueles monstruosos, mas inofensivos e dóceis, gigantes dos mares. Passada a estupefação e a alegria de terem presenciado uma das maiores maravilhas da natureza, dedicaram-se a uma relaxante pescaria, onde viram *pirá* (peixes) dantes nunca conhecidos, tamanha era a variedade.

OS MAMELUCOS

Andrés, sua gente e seus cativos saíram das lagunas alguns dias depois de terem aproveitado vários banhos medicinais, lavado as roupas, curado as feridas e redobrado a vigilância, pois além de várias mortes de velhos e crianças que ficavam insepultos à mercê dos corvos e carneiros, dois prisioneiros, Chuí e Saicã, não se soube como, fugiram, embrenhando-se nas restingas costeiras, não sendo mais vistos.

A marcha era penosa, não para os cavaleiros, mas para os muares e os cativos. Já fazia quase dois meses que a bandeira predadora conduzia os guaranis da Redução de Santa Tereza. Agora, felizmente, sabiam que estavam a meio caminho, pois saíram das selvas e margeavam a orla marítima, poderiam novamente descansar à beira-mar e mudar a alimentação, de animais silvestres para *pirá*.

Era quase meia-tarde, as mulheres em fila aglutinavam os cestos de *yuké* que eram trazidos pelos homens junto às choças improvisadas para o acampamento, quando a inúbia de guerra tocada por Papanduva ecoou do tabuleiro pela praia, quebrando o silêncio e alvoroçando as aves costeiras. A correria teve início, as mulheres se escondiam atrás das pedras, e os guerreiros em louca disparada para armar-se e congregarem-se em redor de seu *tuwibá*. Foi espantoso, mas deu no tempo para que a buzina soasse novamente, alertando o bombeiro de que o perigoso inimigo estava a um tiro de flecha, pronto para a batalha.

De fato, quando os bandeirantes, galgaram a crista pardacenta da magestosa duna, ambos, índios e mamelucos, deram-se às caras, e não eram amigos.

Andrés Fernandes, seu pai, um tio e o padre jesuíta seu filho, todos bem a cavalo, munidos de suas armas trovejantes e espadas de Toledo faziam a frente junto com os três tupis de arco, flechas e lança, e mais duas dezenas de mamelucos, temíveis, com seus bacamartes, lanças e facões.

Curityguasú percebeu a gravidade do momento e reconheceu pela *curusú* (cruz) que o padre carregava com a mão levantada, tratar-se de inimigos, ainda mais que todos se apresentavam em posição de batalha, escarceando os cavalos e mirando-lhes suas armas de pequenos a longos canos.

Gritou para seus valentes guerreiros:

— Rastejai como a *jarará* (cobra) e usai primeiro vossos escudos (courças de algodão), depois disparai ligeiro vossas flechas em desabalada corrida e em ziguezague como os *taútetú* (porcos do mato), por último, usai vossas lanças para depois matá-los com vossas macanás. — E continuou:

— Firmes, portai-vos com valentia e coragem. Lutaremos por nosso pai Ituporanga, pela nossa gente e para vingar nossos irmãos carijós da Palhoça.

A buzina soou pela terceira vez!

O alarido que se seguiu foi arrepiante; cada guerreiro, como que tirava de suas entranhas o seu ancestral, seu padrinho de nascimento, saíam de seus âmagos sons estridentes, da boca e das narinas, das mãos e depois das armas, e eram sons furiosos como os do tigre, do tapir, do puma, do macaco e do bugio, como os do silvado da cobra, os da jaguatirica, do mão-pelada, do maracajá, do gavião-rei, como os do estrondo do raio, do ribombar do trovão, todos com os músculos encrespados e os rostos irados, então, para vingar a afronta, lançaram-se como se fossem um só contra cavalos e cavaleiros.

Bacamartes e pistolas cuspiram fogo ao relincho dos cavalos, derrubando dois guerreiros. Os tupis despejavam suas flechas e quando os mamelucos posicionaram suas lanças e desembainharam seus facões, os guerreiros guaranis já estavam em cima, já tinham disparado com precisão as suas flechas e lanças causando visíveis estragos, tal a fúria com que arremeteram; um cavalo com cavaleiro caiu, vários mortos e feridos entre os mamelucos, que terçavam seus facões com as bordunas; lanças voavam, gritos e ordens em diversas línguas; os burros orneavam, mulas escoiceavam, em roda tudo era silêncio, só Deus ouvia.

Surpresa maior, dantes nunca vista, Curityguasú floreava a espada, que seu avô ganhou de dom Alvar, com um irmão de Andrés; o pai deste, já posto que de avançada idade, tratava de salvar-se atravessando o Rio Cachiveo. Uma mão de tupis, inclusive o *tuchava* Irapuã, caíram mortalmente feridos, a batalha ainda era renhida, mas já pendia, pois a fúria dos carijós sobreviventes, fazia estragos dobrados.

O sol já estava querendo se esconder por cima das serranias quando o combate começou a mermar. Mamelucos e tupis pareciam se esfumaçar fugindo pela vegetação rasteira e, por fim, Andrés e seu irmão seguiram o pai a galope, um dos irmãos ficara estrebuchado; quanto ao padre, ninguém tocou na batina preta, posto que, de pé com a *curusú* na mão levantada, como Moisés, só rezava pedindo a Deus pela vitória dos predadores, que não veio.

O estrago fora medonho: guaranis, uma mão de mortos, uma mão de feridos, um português morto, duas mãos de mamelucos, uma de tupis, um carijó, um cavalo. Dois mamelucos feridos e o padre foram feitos prisioneiros.

As mulheres dos guaranis prontamente acorreram para tratar dos feridos. Água doce e salgada, mel de camoatim, graxa de capivara, pó de semente de *cá'a*, cozido de ervas, emplasto, para cada lastimado um lenitivo era aplicado com presteza.

Aquela noite seria longa e triste, todos chorariam seus mortos. Três jovens, dois chefes de família, duas *cunãtembirecô* (mulheres casadas) ficaram viúvas. Quando voltassem para casa, nos campos curitibanos, mães, pais e irmãos chorariam muito seus jovens guerreiros sepultos longe, muito longe de sua querência amada, apenas as cabeças seriam levadas, os corpos mutilados ficariam.

Sem cerimônia, o padre português deu extrema-unção aos mamelucos e a seu irmão e pediu aos guaranis que também os sepultassem. Missa foi rezada. Todos assistiam em silêncio respeitoso. Ocarapotí chorava baixinho, com entrecortados soluços, pois um dos jovens guerreiros que morreu era seu pretendente, planejavam, na volta, casar-se com o consentimento dos pais, dentro dos ritos guaraníticos.

Urussanga chegou correndo com os olhos arregalados e segredou algo estranho ao ouvido de Curityguasú, que prestes embrenhou-se na orla do mato. O pasmo foi grande.

Além dos muares amarrados em fila num guapuruvu, carregados com os pertences dos paulistas, várias mãos de irmãos acorrentados estavam de cócoras aguardando o desfecho da batalha que não presenciaram.

Curityguasú saudou-os secamente e perguntou:

— Quem sois? Que fazeis aqui? Sois tupis ou guaranis? Dizei-me.

À voz de comando de Guaraé, todos se levantaram, rangendo as correntes. A saudação foi retribuída em guarani, desanuviando o semblante do vingador.

— Sou Cuarahîhesapé, *tuvichá* destes irmãos cativos que me restaram. Fomos aprisionados traiçoeiramente e seríamos vendidos longe daqui se não fosse vossa mercê em salvar-nos.

— Hee... — Prosseguiu Guaraé:

— Essa é uma longa história para um outro dia mais apropriado. No momento, ainda somos prisioneiros!

— Disseste bem, irmão, falamos a mesma língua, acautelai-vos, sossegai, sou um filho cristão do Guairá, do tempo das onze Reduções do Tibagi, do Ivaí, do Corumbataí e do Iguasú. Soltarei-lhes! Hoje permaneci aqui, não é justo confraternizarmos quando choramos nossos mortos e saramos nossos feridos.

— Rebuscai-vos da comida dos algozes, amanhã se *Tupã* permitir será outro dia, ainda nos veremos, ficai.

— Hee... *Tupã tecó bovasapí!* (Deus seja bendito!) A gratidão siga com vós, vitorioso Curityguasú. Hee... Assim seja!

Lá, a tristeza comedida, aqui, a alegria tomou conta dos guaranis de Guaraé, depois que Urussanga, se valendo de um machado, de um a um, partiu as correntes e cortou as maneias de sovêu feitas de couro cru.

A fome era tanta que praticamente saquearam o que havia nas bestas de carga: charque, biscoito, pão seco, farinha de fubá e de mandioca, feijão, arroz e rapadura. Só depois é que foram tratar dos feridos, das pisaduras, de todos indistintamente. Libertos, revigorados, acenderam fogueira grande de guajuvira e foram-se noite a dentro, cada um lamuriando as suas mágoas, desde o dia terrível em que foram aprisionados covardemente em seu torrão no distante pago do sul até aquele momento em que, enfim libertos, visualizaram a volta à sua querência em liberdade, se assim o permitisse seu salvador.

Separados por um vôo de flecha disparada com os pés, as duas nações irmãs comungaram na mesma noite faiscante de pirilampus. De permeio, de um lado o canto triste para os irmãos que tombaram na batalha, o gemido gutural dos feridos e o choro desmedido da viúva, do outro, a conversa baixinha, a alegria íntima, contida, o agradecimento no peito, o respeito pela dor do vizinho, a felicidade da libertação e a incerteza do futuro. Quem ouvisse compreenderia o paradoxo da situação e o espírito fraterno daquela gente.

A noite era alta demais, o vento da madrugada bordejava o mato e acariciava as dunas, o sono, determinação sagrada, presente de *Tupã* para todos, veio de mansinho, venceu a alegria e a tristeza e se fez igual à morte. Amanhã seria outro dia.

Quando os pássaros do alvorecer começaram a piar e a chilrear, o sol rosáceo começou a pintar os cumes da ilha grande de Santa Catarina, ambos os povos já estavam de pé, vencedores e ex-prisioneiros, todos retomando sua faina: reavivar o fogo, banhar-se, verificar o estado dos feridos, alimentar os reféns e o padre, comer um resto de assado, pendurar os peixes sobre o varal, buscar *yuké*, mariscar e, o principal, procurar saber quem eram e de onde vieram os irmãos guaranis, coisa que requeria tempo e cerimonial, mas antes buscariam informações do jesuíta português.

O *twichá* Guaraé, embora não demonstrasse, e, apesar das agruras do cativo, estava em pleno vigor da meia-idade. Porte esbelto, acima da média, impunha respeito e admiração, desde quando se punha em pé, nos gestos e no linguajar rebuscado e já mesclado com alguns vocábulos castelhanos. Foi essa a impressão que causara aos guerreiros de Curityguasú, quando lhes veio ao encontro naquela manhã para externar-lhes todo o seu agradecimento e de sua gente aos irmãos guaranis, que por um feliz acaso do destino ali estavam para defendê-los e libertá-los.

Em resposta, ouviu de seu irmão, de que nada sabiam do seu aprisionamento e que aprestaram-se para a batalha visando unicamente vingar os seus amigos da nação carijó (cários, carys, carijós, cariócas), que sumiram prisioneiros, como o vôo da águia que risca os céus, sem deixar vestígio, mas que, nessa noite, estavam todos convidados para ao redor do fogo grande de camboatá, para confraternizar, comer e beber e que gostaria de ouvir a arenga daquele irmão do sul e também do jesuíta.

Guaraé, agradeceu e retirou-se da presença do seu igual.

O CONSELHO DOS CAMÉS E TAPES

A meio caminho de onde estavam seus guerreiros, seu olhar se deparou pela primeira vez com a *cuñataĩ* (moça) mais bela que seus olhos já haviam visto, era a irmã de Curityguasú. Um misto de alegria e, ao mesmo tempo, de tristeza bateu em seu coração ao se deparar com a mulher dos seus sonhos, de pele bronzeada e cabelos negros como as asas do anu, simples, sem adornos, altiva como as de sua raça, os olhos vivos e serenos como aquelas águas da enseada do *paraguasú*, ancas e coxas perfeitas, seios mimosos e alteados como a flor do cactus, em suma, uma beleza cativante atrás de um sorriso cálido e sincero.

A beleza estonteante e fora do comum revirou os sentimentos do *tuvichá* do Igay e o fez balançar. Foi amor à primeira vista, ele havia se deparado com a sua Deusa, talvez com a *yasí* (lua), o tempo parou em roda de repente, nada mais existia, somente ele e ela, voltou aos tempos de sua juventude. Depois daquela troca de olhares ficou estático como uma palmeira, não conseguiu dizer nada e não disse, apenas cumprimentou-a respeitosamente.

Na noite da confraternização não a viu, apenas sentia a sua presença entre aqueles corpos nus, cheirando a fumaça aromática de jacarandá e alecrim, naquela multidão de cabeças coloridas com seus cocares de variadas penas e cores.

A nova paixão foi como se o vento tivesse afastado vertiginosamente as nuvens escuras e de repente raiasse o sol. Até

seus companheiros de infortúnio e seus parentes mais chegados notaram a mudança de comportamento do altivo guerreiro.

Por várias ocasiões o viram pensativo, longe, distante, mas estava perto, perto dela, seu coração bebia a alegria de amar como nunca aquela linda criatura. Se lhe perguntavam, dizia que pensava com saudade dos pagos.

Foram dias alegres, participando da faina dos *iraiti-inbacamé* (camés), mas de sofrimento também, porque ficava imaginando várias formas de lhe falar, mas sempre uma ou outra coisa atrapalhava e, às vezes, tinha receio de ser ridículo, ou ridicularizado, pois um recém liberto, embora um maioral, também já era um *twichá* de cabelos nevados, diante da jovem mulher mais bela que os seus olhos já puderam ver e o seu coração encontrara.

Pensava...

Aquilo não poderia estar lhe acontecendo, *twichá* que fora de mais de dois mil tapes e de outro tanto de ibiangularas convertidos pelo padre Pedro Romero na serra de Iviturusú, guerreara contra os caingangues e os ibiraiaras, andara com o padre Francisco Ximenes a cavalo visitando todas as Reduções Jesuíticas, seus olhos viram centenas de filhas guaranis e de outras nações, andara até no Paraguai com o padre Cuatiá, Roque Gonzáles de Santa Cruz. “— Como? E por quê?” Ele se perguntava. Que nessa idade viria a se apaixonar no Caroi, pela filha mais bela de todas as filhas de Itú-porã-gá?

De dia andava que nem curupira, pra lá e pra cá, mas sempre que podia, às vezes disfarçadamente, escondido pelas dunas, ficava absorto mirando a sua Deusa. Sabia por que não lhe falava, às vezes queria, outras vezes não e o tempo foi passando na praia dos carijós.

Certa noite, levantou de madrugada, muito antes do sol, quando a lua estava crescente, descambando e ainda brilhando, assim como a estrela D’Alva (do amanhecer), acima dos contrafortes da ilha grande. Ali, fez um pedido em voz audível três

vezes a *Tupã* (Deus) e àquela linda estrela do amor, para que Ocarapotí o viesse a amar também.

Acreditou no pedido que fizera e saiu a caminhar pela beira da praia, para ouvir os murmúrios do mar, pois já estava farto do seu. Como fazia todos os dias, depois de convertido a *Tupã* (Deus) e *Kitú* (Jesus), dizia uma oração que os padres rezavam na missa.

Naquele instante, uma tristeza imensa tomou conta de Guaraé. Enquanto rezava, as lágrimas rolavam pelo seu rosto, soluçava e engolfava o ar em frenesi de profunda tristeza, e então pediu perdão a *Tupã*, por ter lhe pedido um amor impossível.

Ali, como um relâmpago que risca o céu, compreendeu que tudo tinha terminado, por ironia do destino, o que nem havia começado ainda, pois só ele a amava, ela não sabia disso até hoje, já que Guaraé não tinha tido a coragem de lhe dizer depois de saber que ela estava de luto pela morte do jovem guerreiro Embaú-bá.

As *cuñá* preparavam as iguarias do mar, juntamente com a farinha de mandioca, canjica e vinho de guabiju para a grande festança na noite de confraternização entre os guaranis da nação dos tapes e seus irmãos salvadores, os camés.

O fogo grande de angico foi aceso e o Conselho dos principais de Curityguasú foi formado.

Guaraé e os seus chegaram ataviados com o que de melhor poderiam apresentar naquelas circunstâncias, cocares e braçadeiras de penas multicores de gavião-penacho, tucano, uruburei, caburé e gaturamo, sem pintura de urucum, meio que, desenchavidos, mas altaneiros e contentes ao serem apresentados um a um pelo nome, por seu *tuvichá*:

— Ajuricaba, Tabaí, Curumim, Giruá, Humaitá, Tabajara, Guaporé, Ibiaçá, Taim, Ibirapuitã, Aratiba, Panambí, Arambaré, Ibirubá, Tapera, Jarí, Miraguai, Inhacorá, Taquaruçu, Toropi, Tucunduva, Ipuaçú, Tupãndi, Jaguari, Tupãrendi, Itaara, Tupy-

nambá, Ijucapirama, Caiçara, Itapuã, Taquarichim, Irai, Itati, Tupãnciretã, Seberi, Itatiba, Ijuí, Ituim, Caibaté, Carazinho, Ivoti, Sarandí, Jacutinga, Pirapó, Gaurama, Jaquirana, Timbaúva, Tapejara, Tupãntuba, Juá, Carovi, Itáqui, Mirim, Itáimbézinho, Massambará, Sapucaia, Parai, Toroquá, Imbé, Cacequi, Parobé, Gravataí, Paverama, Tiaraju, Tramandaí, Pejuçara, Vacacaí, Cotiporã, Pirai, Pitanga, Ingaí, Itápuca, Ibaré, Putinga, Tupancy, Tamanduá, Itáuba, Quaraí, Jaguarão, Ibarama, Quaraim, Piratini, Botucaraí, Canguçu, Canhemborá, Bocopari, Ivorá, Sananduva, Guaíba, Itácorubi, Taquari, Capivarita, Atiaçu, Capané, Caçapava, Caverá, Sapiranga, Camaquã e Aceguá.

À medida que ia fazendo a apresentação, pesava seu semblante pensando nos filhos, nas mulheres, nos pais e nas mães que foram mortos e extraviados desde Santa Tereza. Infelizmente, hoje na frente de duas nações, teria que rememorar e contar a uma platéia silenciosa, não o seu canto de guerra, mas o seu canto de morte e de tristeza. Ele é que mandara chamar os jesuítas, ele chamara várias nações irmãs para aldeia-los sob o manto da cruz de *Kitú*, ele reunira até seus inimigos, os ibiangularas sob seu teto, ele se batera contra os feiticeiros e pajés, Mbopoari e Parapoti, grandíssimos velhacos e mercadores de seus irmãos do Ibia, defendendo a ordem estabelecida pelos loyolistas. Ele, então, era um dos maiores responsáveis pelo fracasso, pela derrota e pela dispersão de seu amado povo.

Como estaria agora a Santa Tereza de Los Pinales do Igay, com suas manadas de gado, cabras, porcos e galinhas trazidos pelo padre Cristóvão Arenas, que também já fora trucidado? Seus ervais mimosos, trigais e milharais ondulantes? Onde andariam os padres e os seus irmãos que escaparam? Graças a *Tupã* que ainda estes se salvaram. Mas quantos foram aprisionados, escravizados e trocados de nome? Hoje já não existem mais, só restaram esses companheiros de infortúnio no banquete dos *tuvichá* Guaraé e Curityguasú.

Em tudo isso pensava quando do outro lado da fogueira, entre o fogo e a fumaça bruxuleante, avistou novamente a sua última paixão. Parecia que todo o sofrimento se diluía naquele instante, a visão real e ao mesmo tempo fantasmagórica daquela noite festiva, da graciosa e bela filha de Ituporanga caía feito um bálsamo sobre o coração sofrido do experiente guerreiro.

As tigelas grandes estavam abarrotadas e, ao convite do anfitrião, as mãos ávidas levavam os bocados à boca, e os *iguarcavos* (cabaças) de vinho de guabiju e de aguardente de milho fermentado com mel começavam a ser esvaziadas. A conversa corria solta, descontraída, cada um tinha sua história pra contar, a noite era grande e a festa recém começava.

Guãimingué (urutau) se assustou e voou!

O *tuvichá* anfitrião pediu a Guaraé que fizesse sua narrativa, pois todos estavam com a curiosidade atizada e a impaciência começava a tomar conta dos comensais.

Ao sinal de quem manda, respeitoso silêncio se fez, quando Guaraé levantou apenas a voz do fogo crepitava.

— Sou Cuarahîhesapé (luz do sol) para meus irmãos guaranis, Tape Ivituruguara (tape serrano); Cuarahîsé (sol do leste) para os espanhóis e jesuítas e de apelido Guaraé para os portugueses.

Agradeceu primeiro pelas iguarias oferecidas à sua *tavacuitara* (comunidade) e depois manifestou as qualidades de seu anfitrião, um legítimo *porocuitara* que tão valorosamente se portara na batalha que resultou no seu livramento e passou a contar que, quando sua gente, composta de quatro mil almas, se preparava para comemorar o Santo Natal, o nascimento de *Kitú*, juntamente com o padre Francisco Ximenes, na sua véspera, no lusco-fusco do dia, de inopino, de repente, sem que só uma flecha ou tiro fosse disparado, tendo à frente o padre português, Francisco Fernandes de Oliveira, ali presente, seu pai, Andrés Fernandes Oliveira, seus irmãos, Baltazar e Domingos, e seu

tio Jorge, com centenas de mamelucos e tupis, os aprisionaram sem resistência, pois adentraram na Redução de Santa Tereza disfarçados, o padre português de jesuíta e os *caraiíba* travestidos de soldados espanhóis, com uma escolta de tupis enfeitados com *acângapé* (cocares) de penas vermelhas e amarelas, como se fossem guaranis.

Quando deram conta do engodo já era tarde. Padre Ximenes pediu que não derramassem sangue no Santo Natal e que aguardassem uma melhor oportunidade para reverter a situação, o que até hoje não aconteceu.

No outro dia, depois de ter rezado três missas, o padre Francisco Ximenes, de joelhos, pediu aos bandeirantes que soltassem seus filhos guaranis.

O sorriso sarcástico brilhou nos olhos do padre Fernandes de Oliveira, ali e lá presente, quando seu pai respondeu que os soltaria, mas bem longe dali, em Piratininga, para onde estavam sendo levados e se não fosse a mão de *Tupã* e de Curityguasú essa desdita teria acontecido.

O restante de sua história todos sabiam, pois dali alguns dias os paulistas os tinham colocado nas gargalhas e iam os arrastando por campos, rios, matas e serras por mais de setenta léguas, com destino à Laguna dos Patos. Guaraé fez uma mesura e acocorou-se.

Pela primeira vez o padre português resolveu falar, levantou-se e disse:

— Tudo que Guaraé falou é a pura verdade. *Cuatí mondé* (quati) come milho e meu pai leva a fama! Se não fossem vocês, os venderíamos cada um, por cinquenta cruzados em São Paulo. Não queríamos este encontro, eles seriam embarcados e levados de navio, porém fomos avisados de que não fôssemos ao Porto de Ibera (Laguna), pois estava deserto, somente centenas de cadáveres estavam estendidos nas areias vítimas pelo sarampão, nenhum marinheiro sobrou, e, de mais a mais, isto não importa

muito, meu pai e seus amigos fincaram pé em Santa Tereza dos Pinhais e Ervais, e, mais dias ou menos dias, voltarei para ajudá-los e outros tantos súditos dos espanhóis serão colocados na paliçada e nas gargalhas.

Todos se revoltaram e gritaram improperios ao atrevido padre português.

Curityguasú o mandou que se calasse, pois só de ódio poderiam matá-lo, não o faziam porque realmente eram cristãos.

— Mas não abuses do respeito que temos pelos padres, homens de *Tupã*. Amanhã, no mais, pegues teu cajado e tua cruz e sume da minha frente.

Francisco Fernandes Oliveira fez um muxoxo com ar de desdém e continuou a falar pedindo pela vida dos mamelucos capturados na batalha, para servir-lhe de escolta e guias em sua volta, ainda mais que precisava fazer umas averiguações naquelas paragens sobre relíquias da Igreja perdidas ou deixadas pelos padres Inácio de Sequeira e Francisco Carneiro numa gruta não longe dali, pois ditos padres eram *mui* amigos de Morunaguasú, chefe dos ibiangularas, e que ele é que tinha entregado de bandeja os carijós da Palhoça para os bandeirantes portugueses.

Novos gritos de ira e intenções de matá-lo, mas Curityguasú, ardiloso, pediu silêncio e indagou:

— Do que se trata? Conta mais. — Já sabendo mais ou menos do que se tratava.

A RAINHA DE SABÁ

Demonstrando interesse para ter seus pedidos atendidos, começou uma arenga que até perigava a verdade, de tão diferente e distante, mas dizia e afirmava que estava no *cuatiá* (livro) de todos os jesuítas e padres.

— Conto-lhes:

— O ladino padre português, ordenado por incrível que pareça em Assunção no Paraguai, contou que ditos padres que ali andaram em 1635, antes de virem para o Brasil, tinham sido missionários no outro lado do mundo, num lugar chamado *Etiópia*, na grande terra Africana, mãe de todos os homens de cor preta e cobre-escura. E que nesse lugar quem mandava não era um *tuwichá*, mas uma *cuñácarai* (mulher guerreira), uma amazonas, que tinha milhares e milhares de soldados guerreiros às suas ordens, muito mais do que os portugueses e espanhóis juntos e, ainda, que eram guerreiros altos, magros e fortes, duas vezes a altura de um tupi, que também usavam lanças, flechas, cavalos e camelos, este uma espécie de cavalo para o deserto, lugar igual às areias daqui, e que esses bichos agüentavam setenta léguas sem beber uma gota d'água.

Risada geral... uns se engasgaram com a farinha de tanto rir... até vinho voava pelo nariz da indiada, ao ouvirem tamanha mentira.

O Judeu Fernandes Oliveira, filho, animou-se mais ainda e continuou:

— A Rainha de Sabá, assim chamava-se a mais bela, culta e inteligente rainha dos guerreiros etíopes da África Oriental, a qual ouviu contar durante um Conselho que fora realizado pelos seus ministros, corregedores e generais, que numa cidade distante, há duzentas e setenta léguas dali, chamada Oolibá (cidade da verdade), havia um rei, um *tuchava*, chamado Oohélet, que, como nós, adorava somente a *Tupã* que era o *porocucitara* de todos os judeus, uma raça de brancos avermelhados, descendentes de um homem justo chamado Abraão e que, este rei era muito, mas muito mais rico, cheio de ouro, de pratarias, de pedras preciosas, de gados, ovelhas, muares, tigres, leões baios, cavalos, camelos, soldados e guerreiros, escravos e mulheres, muito mais do que as estrelas do céu que se podia contar daqui donde estais vendo e que esse rei era mais sábio, mais justo, mais orador, arengador e charlador do que a Rainha de Sabá e do que todos nós juntos aqui.

— Escrevera muitos *cuatiá* que faziam parte do *cuatiá* sagrado e que era capaz de ficar arengando ao pé do fogo de cedro do Líbano três luas sem parar.

Outra gargalhada geral... estavam gostando de ouvir as mentiras do padre.

— A Rainha de Sabá ficou maravilhada ao saber da existência daquele rei de tamanha sabedoria e deu ordens aos seus súditos, que aprontassem sua liteira, suas pagens, cozinheiros e copeiras, cáfilas de camelos, esquadrões de cavalaria, batalhões de soldados, bestas e dromedários de carga, para que em breve, o mais rápido, partissem para a Judéia, a fim de ver e conhecer com os próprios olhos e certificar-se de que tudo aquilo que Asaf, o informante dos ministros, tinha falado sobre esse extraordinário rei pacífico. Inclusive, diziam que este rei mandou um amigo seu, um tal de Hirão de Tiro, de barco buscar ouro, pedras preciosas, madeiras cheirosas e aromáticas, bugios e aves coloridas do Rio Japurá, aqui no Brasil.

— Mas bá, como sabe mentir bem esse padre! — Disse Xaxim para Xanxerê, no que concordou plenamente Erechim.

— Psitio!! — Ralhou Goyo-em. — Vamos ouvi-lo!

— Quando se vai visitar um *twichá*, um corregedor, um rei ou rainha, ou se falar com *Tupã* na Santa Igreja, não se vai mal vestido ou andrajoso, tanto homem como mulher, cada um veste a sua melhor roupa, cada um coloca suas jóias e ornamentos, se pinta de antimônio e urucum, coloca seu cocar colorido e suas braçadeiras. Assim também fez a rainha, lavou o seu corpo e ungiu-se de preciosos cheiros, entrançou os cabelos e pôs uma coifa magnífica de pérolas sobre a cabeça, vestiu-se com os vestidos de sua gala. Calçou os pés com sandálias de couro de cabra, pôs braceletes de ouro e jóias feitas de açucenas com pedras preciosas, e arrecadas, e anéis, e pingentes, e ornou-se com todos os seus enfeites.

— O Senhor lhe acrescentou a gentileza, porque todo esse adorno procedia não de algum mau desejo, mas de virtude, e por isso o Senhor lhe aumentou tal formosura, que aparecesse aos olhos de todos de incomparável beleza.

— Com todo o seu séquito entrou em Oolibá (Jerusalém) e apresentou-se ao rei Oohélet (Salomão) com grande comitiva e rica equipagem e presenteou-o com incenso, canas de suave cheiro e infinitos aromas, quantidades de ouro e pedras preciosas, como nunca dantes se vira em Oolibá.

— Recebida com pompa merecida, passou à sala do trono, onde, inquirido, Salomão lhe instruiu em todas as coisas possíveis e inimagináveis, nada passou sem uma sábia e elucidativa resposta.

— Vendo tal sabedoria, a sua casa, o seu palácio, o templo de Deus em construção com centenas de artífices, os manjares de sua casa, os aposentos dos oficiais, as coparias, os vestidos, os holocaustos que se oferecia na casa do Senhor e as riquezas

do templo, com suas bacias de ouro, enfeites de bronze e tudo mais, ficou transbordada de contentamento e disse ao rei:

— “É verdadeiro o que ouvi de ti, eu não acreditava totalmente, eu vim de tão distante, mas valeu a pena, vi com meus próprios olhos, pois não me diziam a metade do que tenho ouvido e visto; infinitamente maior a tua sabedoria e as tuas obras do que a fama que se propaga. Bem aventurado todo o teu povo, bendito seja o Senhor teu Deus para sempre a quem agradastes e que te colocou sobre o trono de Israel, porque o Senhor amou Israel para sempre e te constituiu rei de povos e nações para governar com equidade e justiça.”

Nesse ponto da conversa, o maioral fez sinal para o carijó Arabutã que se aproximou e segredou-lhe algo ao pé do ouvido. Igualmente chamou Papanduva, o atalaia que assentiu e partiu sem ser notado.

Fez sinal ao padre para prosseguir, pois todos estavam extasiados com a rica história do rei e da rainha. Então o padre continuou:

— A Rainha de Sabá passou vários dias como hóspede do rei Salomão até que num dia, também carregada de mimos e presentes, regressou para a Etiópia, levando consigo, diziam, um herdeiro de nome Menelick e uma réplica da verdadeira Arca da Aliança e outros utensílios e adereços de culto cristão-judáico.

Depois de um gole d'água, acrescentou:

— Deus a constituiu, juntamente com todos os apóstolos de Jesus, em juíza rigorosa dos homens e mulheres nos fins dos tempos, no dia do juízo-final, porque a Rainha do Meio-Dia saiu lá da extremidade da terra para ouvir a sabedoria de Salomão e se converteu ao único Deus do universo, juntamente com todos os seus súditos.

— Como sabes disso? — Inquiriu Cacique Doble. — Se nossos padres nunca contaram tal coisa?

— Quando fui ordenado Sacerdote lá na terra-mãe dos Ervais, em Assunción, os meus irmãos padres me mostraram por escrito esta linda e verídica história e, ainda mais, carregavam em seus apetrechos para a catequese e a santa missa dentro de uma caixa ornamentada, réplicas de uma oração da Rainha de Sabá, de um bracelete, de uma coifa, de uma gargantilha e de uma arrecada de pedras preciosas e de uma estrela de ouro que lhe dera Salomão, a qual usava na testa enfeitando sua coroa real.

— E ela, como era? Era bonita? — Perguntou o Cacique Maraú.

— Sim! — Disse o padre Oliveira. — Eu vi a sua imagem, era muito linda, estatura mediana de cor acobreada, como vossas índias guaranis, olhos azul-escuro, cabelo preto como a noite, sorriso doce, talvez, pois usava um véu que lhe deixava tênue o nariz, a boca e o rosto, bem feitos, talvez só Salomão a tenha visto como mulher. Essa é a descrição, nunca mais vi outra imagem igual!

— E a oração, o que dizia? — Perguntou uma guria.

— A bem da verdade, eu li, mas não me lembro dela de cor, apenas alguns fragmentos, como:

“Porque ela veio de longe, debaixo de um sol escaldante só para ouvir um sábio falar de Deus, Ele a designou de Rainha do Meio Dia...”

— Estava escrito lá, eu me lembro. E na hora do almoço, das refeições, é ela que o abençoa e então devemos dizer: “Rainha do Meio Dia, lembra-nos sempre, que nem só de pão vive o homem, como tu fizeste, mas de toda a palavra que vem de Deus”.

— Ah! E além disso me disseram os padres que ela era a padroeira e protetora das mães que não casaram, porque teve um filho com Salomão sem ter se casado e, ainda, que também era a padroeira dos viajantes, dos peregrinos que andam solitos. Do restante da oração não lembro mais, só isso.

— Ei... E Salomão? — Perguntou Bagé.

— O Rei Salomão ficou no seu reino, muito rico, muito sabido e muito mulherengo como vocês. Tinha mais de setecentas mulheres e trezentas concubinas.

Com esse disparate, a risada uníssona ecoou na noite... tal o tamanho da mentira, pois nenhum ali, nem os *twichá* teriam uma tribo inteira de mulheres.

Realmente, esse padre português, às vezes, parecia falar a verdade, mas de repente vinha com cada mentira, de fazer *tapii* (anta) dar risada na beira do rio.

Naquela noite, aqueles incipientes novos cristãos da América do Sul teriam seus sonhos adornados por reis e rainhas de outro mundo. O Conselho se desfez, cada um tratou de achar o seu lugar, a sua rede, o seu fogo, o seu sonho de viver.

Arabutã saíra na noite escura levando os dois prisioneiros mamelucos para uma outra noite tenebrosa. Depois de realizados todos os rituais, vingariam a destruição da aldeia e a prisão dos carijós comendo-os, como mandava a tradição.

Papanduva, no lusco-fusco da aurora, já tinha atravessado as dunas e costeando o tabuleiro, dirigiu-se à caverna do corvo para cumprir as ordens, esconder em outro lugar a caixinha com os livros e orações, as relíquias e as jóias com a imagem da Rainha de Sabá.

Guaraé perdia o sono e ia madrugada adentro pensando nela, que talvez o mesmo acontecesse com ela, o amava em silêncio e não podia falar, ou até que tudo não passava de ilusão, de sonho, de visagem, de tormento dos deuses e dos entes da natureza, dos rios e das matas, ou talvez do poder que emanava daquelas serranias ou do próprio mar... mil coisas passavam pela sua razão e outras duas mil pelo seu coração que terminou vencendo, e disse pensando:

— Fala pra ela o que te aconteceu, dize o quanto a amas, o quão bela é. Não há vergonha alguma em se amar outra pessoa, mesmo um amor distante, proibido, ou um amor não-correspondido.

Amanhecera pensando em tudo isso quando uma mão pequena e bem feita tocou de leve o ombro do guerreiro.

— Vim despedir-me e desejar-te um bom regresso a tua nação dos pagos do sul. Eu vou retornar à minha *tava* (aldeia) com meu pai, meu irmão e minha gente. Que *Tupã* te proteja. Adeus!

Guaraé petrificou, virou *itá* (pedra)! Como *sói* acontecer, depois de tantas *peleias*, guerras, agruras e combates nos campos e nas selvas, um homem guerreiro, um guarani de tamanho porte, cantado e decantado pelas moças, pelos jovens e por velhos da grande nação dos Tape, ficar hirto diante da irmã de Curityguasú?

Uma vespa zumbiu e bateu no rosto do cacique. Parecia que tinha passado um dia inteiro desde que aquela mão lhe tocara, se virara e pela última vez apreciara a formosura e a altiveza daquela linda filha da nação dos *iraiti-inbacamé*.

— Adeus minha amada Ocarapotí (flor silvestre), vá com *Tupã*. Guarde o meu nome no teu coração como seu eu fosse um querido amigo. Hoje eu vou chorar pela tua partida e por ti, mas o tempo que é o melhor remédio, me fará te esquecer, pois eu sei que meu amor é impossível de realizar-se, então me restará apenas a saudade.

Guaraé rodopiou os calcanhares na areia macia e partiu mais rápido que o *guainumbí* (beija-flor), deixando a guria sem entender muito bem aquela despedida, pois fora a segunda vez que lhe falara.

Enquanto *voava* pensava...

— Como poderia eu, declarar o meu amor à irmã do meu salvador? É claro que poderia! Se fosse noutros tempos, quando eu era um guarani que não sabia ler, escrever, contar

nem plantar, quando eu vivia só pra guerrear, para abater os caingangues e os ibiangularas e roubar suas mulheres. Hoje, não posso fazer isso! Larguei de divindades e demônios, larguei de várias mulheres e concubinas, hoje só tenho uma, a qual foi abençoada pelo padre Pedro Mola que nos casou na presença de *Tupã*. Se eu dissesse tudo o que pensei estaria perdido, mas eu não disse, só pensei e me despedi, pronto! Mas que vou ter que carregar essa saudade... ah se vou! Até o dia que *Tupã* quiser.

Bom... pensando bem, até poderia se justificar, pois todos na aldeia sabiam que Guaraé não dormia mais na sua *oga* (casa), há alguns anos que tinha separado sua palhoça feita de barro socado, coberta de capim santa-fé, da casa grande de sua família.

Desde a conversão, sua *cuñátambirecó* (mulher casada) só se interessava pelas crianças.

O padre Dias Tanho trouxera muitos livros espanhóis e o catecismo em guarani feito pelo padre Ruiz de Montoya, padre Cuatiá, como carinhosamente o chamavam os aldeados. Desde então, Yasitátá (estrela de fogo), mulher de Guaraé, passava dias e noites entretida em ensinar as crianças de Santa Tereza, enquanto os homens, com o recebimento de armas de fogo, adestravam-se para receberem os paulistas a flecha-e-fogo.

Tudo isso se passava em sua cabeça, num piar do *ñandú* (avestruz). Agora teria que levar seus filhos de volta aos Curity na serra de Iviturusú lá nas nascentes do límpido e puro Rio Igay.

Santa Tereza, San Joaquim e Jesus Maria tinham sido destruídas pelos tupis e mamelucos dos Buenos, dos Prieto, dos Tavares, dos Pedrosos, dos Alvarez e dos Fernandes, talvez Visitação do Caapi e alguma outra tenham se salvado, tentaria resgatar sua mulher e seus filhos e procurar outra querência para viver.

A alegria da partida dos filhos de Ituporanga, finalmente, depois de tudo que lhes acontecera, era eivada de afazeres ligeiros e de sorrisos abertos, ainda mais, que não precisariam

carregar os cestos de *yukê* (sal), os muares dos paulistas, o fariam por eles.

Recém Papanduva e Arabutã tinham chegado, quando o padre dirigiu-se ao *twichá* perguntando o que decidira sobre seus pedidos. À vista disso, sem responder, o *twichá* perguntou ao seu guerreiro o que tinha ido a fazer?

— Conforme tuas ordens juntei todas aquelas coisas dos padres e as joguei no profundo do mar, como mandaste.

O padre caiu de joelhos, isto não poderia ter acontecido, não poderia ser verdade, tais relíquias não poderiam se perder deste jeito, levantou-se com o punho fechado para bater, mas foi contido pela mão férrea de Corupá, que o fez ajoelhar-se novamente, ficando ali, a olhar o vazio, banhado em lágrimas.

Depois se recompôs e gritou:

— Vede, agora só restou esta réplica da oração da Rainha de Sabá! Lede...

— Não sei... não é espanhol, não é guarani. — Disse a mesma guria.

— É claro que não sabes, ignara. É Latim, ouve! — Ninguém lhe deu ouvido.

— Agora estamos de partida. — Disse Curityguasú. — Graças a *Tupã* não quero mais te ver, parte para onde quiseres, solito, pois teus mamelucos os dei de presente aos carijós, hoje à noite não viverão mais para prear nossos povos. “Laus sus chris!”.

E se foram alegres, sorrindo, cantarolando, vencendo dunas e areais rumo às serranias de Urubici, deixando Pinheira e a ilha de Santa Catarina sem sal às suas costas, e ainda carregados agora de outras especiarias e muitas histórias para contar para seu pai e seu povo.

A despedida de Guaraé e de sua gente foi breve, pois era visível o desconforto e a tristeza do *tuvichá*, que não queria de modo algum cruzar novamente o seu olhar com aquela guria que lhe partira o coração desde a sua chegada naquela praia adornada de belos montes.

Estendeu o braço no ombro de seu igual, depois lhe apertou as mãos com firmeza e reverência, e disse-lhe:

— *Tupã* que te pague e te conserve em paz e com saúde, que teu povo seja feliz e cada vez mais grande. Saudai também seu pai Ituporanga e tua irmã Ocarapotû. Adeus *porocuitara* Curityguasú!

Partiu sem olhar para trás, pois, com certeza, não suportaria cruzar o olhar com os doces olhos da Ocarapotû (Silvia, a flor silvestre).

A TAPERA DOS PINARÉS

Partiu pelo mesmo caminho que viera acorrentado, agora voaria *libre* como o gavião pinhé-pinhé, ele e sua gente, atalhariam caminho, subiriam pelo Rio dos Rastros, passariam pelo coração de seus inimigos, os caingangues, ai de quem se atrevesse; iriam pelos campos lajeanos, atravessariam os campos das Vacarias dos portugueses, cortariam num upa o grande sertão, beberiam da água da Lagoa Vermelha em direção ao Campo do Meio e já estariam na sua querência amada do Igay, no Durasnal (pessegueiro) a primeira Redução de Santa Tereza de Los Piñales y Yerbales.

Foram mais de cinco mãos de luas de caminhadas e correrias do nascente para o ocaso, depois quebraram para o sul.

Furtivamente, desceram pela nascente do Rio Jacuí e foram se postar perto do Pulador, a um tiro de flecha da paliçada de Andrés Fernandes, o novo senhor do Tapes, o bodegueiro dos bandeirantes.

O que viu foi um quadro impressionante, diferente do que imaginara, em vez de ruína e coivara, via gente de várias raças e feitios, homens, mulheres, crianças e velhos. Gente bem e mal vestida, negros, escravos, mestiços e índios escravizados, presos e soltos. Tupis, tamoios, caingangues, mamelucos, gente miúda a pé, a graúda a cavalo. Cães, bois, carneiros, bodes, patos, galinhas. Muitos burros e mulas, carregados. Padres e coroinhas, todo mundo armado de faca esguia, facão arqueado, clavinote,

trabuco, punhal, flecha, bacamarte e cacetes, vários. Em tudo isso se transformara sua antes pacata aldeia.

Rancharia de pau-a-pique, cobertos de capim, uns barreados, outros não. Ao lado da Igreja um *teyupá* (rancho) grande dos bandeirantes, e não muito longe, a mangueira dos cativos, feita de paus roliços e ensebados de *cury* (pinheiro) em formato de cesto, não tinham como serem galgados ou escapar.

Até um forte de pedra, em formato de triângulo, estava sendo erguido, com viseiras, para defenderem-se de contra-ataques dos nossos guaranis e dos espanhóis.

Mandou um espia na calada da noite. Outro dia aventurou-se até a *mbo'eró* (escola), onde descobriu que Yasitá continuava a ensinar, agora a alguns indiozinhos e crianças várias dos mameucos e dos pretos. Seu filho Pii e sua irmã Tiké, lhe contara sua fiel esposa, que o padre Francisco Ximenes conseguira a muito custo salvá-los e os levar para a Redução de Caaçapa-Mini (atual Povo de San Luís Gonzaga). Os povos que restaram de descendentes das Reduções de Visitação, Santa Tereza e San Joaquim foram acolhidos na Redução de Conceição (Itápuã).

Foi com mágoa e tristeza profunda, que depois dessas notícias, nada mais restava ali para fazer, teria que deixar seus altaneiros pinheirais de tantos invernos e fartos pinhões e as mais belas coxilhas que seus olhos já tinham visto e descer mais ainda, rumo a onde o sol se deita para reencontrar seus amados filhos.

Outra caminhada de rachar o garrão foi encetada, acompanhado de sua esposa, e de quase uma centena de guerreiros que lhe restara, para refazer a vida conforme *Tupã* mandava.

No caminho, duas paradas em San Juan e San Miguel, quando acudiram padres e irmãos guaranis a saudá-los e saber das peripécias de seus irmãos que escaparam da escravidão dos bandeirantes.

Em Conceição, no outro lado do Rio Uruguai, foram amavelmente recebidos, pelo *tuvichá* de todos os guaranis, dom Nicolau Ñeenguirú I, braço direito dos jesuítas, cristão fervoroso e guerreiro destemido, há muito tempo, senhor das batalhas, nunca vencido. Guaraé, de hora em diante, teria a honra de mostrar seu valor ao lado do mais astucioso e valente guerreiro guarani.

ÑANDE REY SOLDADAN'CHÉ

A primeira refrega de que Guaraé tomou parte, instigados pelo padre superior das Missões, Diogo Alfaro, que morreu em combate, os guaranis encolerizados destroçaram a bandeira de Fernão Dias Pais, preso e depois solto em Assunción pelo governador Pedro Navarro, encomendeiro, mancomunado com os paulistas.

Na segunda, foram liderados pelo *tuvichá* Ignácio Abiarú, a mando do padre Dias Tanho e com a ajuda do padre Domingos Torres, antigo militar, aconteceu no lendário e famoso Mbororé.

O padre Dias Taño que, em Roma, impetrara a excomunhão dos escravizadores de índios cristãos, principalmente de Andrés Fernandes Oliveira, passou pelo Rio de Janeiro e fez publicar a Bula Papal para ver se terminava com as incursões dos paulistas nas reduções jesuíticas. Lá mesmo, soube de nova incursão e se foi a Buenos Aires, para de lá avisar seus irmãos.

Uma nova bandeira comandada por Jerônimo Pedroso de Barros, integrada por meio milhar de mamelucos e três mil índios tupis, desceu o Rio Uruguai em setecentas canoas.

Dom Nicolau, Abiarú, Guaraé e muitos outros acampados no Mbororé se fortificaram sob o comando jesuíta com trezentos canhões de bambu gigante retovados de couro cru, oitenta barcos e oitocentos guaranis contra duzentas e cinqüenta embarcações dos paulistas.

Após luta encarniçada, com muitas baixas, usando de artimanha, os bandeirantes pediram trégua, tendo o padre Romero não aceitado e rasgado a carta de paz, pois conhecia aqueles métodos desde Santa Tereza. A luta recrudescceu e a vitória esmagadora dos missioneiros acabou com cento e sessenta mamelucos e centenas de tupis, tendo o restante se embrenhado nos sertões, sendo perseguidos e acutilados ao extremo enquanto rumavam de volta a São Paulo, perecendo a maioria pelo caminho.

Outras importantes batalhas aconteceram, mas esta do Mbororé foi a maior de todas.

Eu ia te contar sobre outras, mais resumidamente, mas lembrei-me de algumas passagens que dom Nicolau e Guaraé viveram juntos e é importante que tu saibas para continuares contando aos nossos descendentes.

— Tu estás com a língua solta hoje Sefé, prossiga que eu te escuto!

Desde 1638 em diante, é repetido e celebrado um nome em todas as Reduções e entre os soldados espanhóis, porém temido entre os portugueses e mamelucos; é o dos índios tapes que ocuparam a margem oriental do Rio Uruguai. Tape tornou-se finalmente nome genérico em sentido militar, de sorte que os guaranis foram nele incluídos.

Naquela época havia quem dissesse que os tapes e os guaranis eram inúteis à coroa espanhola, mas até os reis desta monarquia não subscreveram essa opinião.

Felipe III dizia que estava no interesse de todos a conservação e o respeito pelos índios, porque se eles faltassem, tudo pereceria; Felipe IV fez declarações no mesmo sentido; e Felipe V, depois de haver enumerado muitos serviços dos índios tapes das Reduções, concluiu que:

— Sempre que se ofereceu qualquer ocasião de seu serviço real ou que a praça de Buenos Aires tinha necessitado de auxí-

lio... os que, com maior prontidão, os socorriam eram os índios das Missões.

Os reis de Espanha sabiam e nossos padres também, que aos mamelucos, além de escravizar os nossos irmãos, o que mais lhes interessava era chegar até o Peru.

Os índios das Missões formavam um cordão de isolamento que os paulistas não conseguiam romper.

A nossa ação defensiva, com a ajuda dos jesuítas que obedeciam às ordens do governo de Buenos Aires, não se limitou a guardar as fronteiras perpetuamente ameaçadas, mas estabelecer guardas e sentinelas em postos avançados, como eram os pinarés do meu bisavô Guaraé, que saiu várias vezes para destruir os fortins dos paulistas, e saía todos os anos em patrulha para percorrer todo o Tape para prevenir qualquer surpresa.

Desde essa época, não há nenhum relato que diga que os paraguaios ou espanhóis americanos de Assunción enfrentassem com suas armas os mamelucos. Só os índios guaranis das Reduções foram os que defenderam as fronteiras espanholas.

Na revolta dos índios caracarás, que queimaram a Igreja de Santa Luzia e mataram muitos espanhóis naquela Redução, o governador de Buenos Aires, não tendo outro recurso, convocou os nossos tapes para submeter e castigar os rebeldes. Enchemos vinte embarcações e juntamente com dom Christóbal Garay, governador interino do Paraguai, vencemos e obrigamos os rebeldes a voltarem às suas aldeias, morrendo em combate alguns e ficando feridos outros, o que nos valeu louvores pela nossa obediência, zelo e fidelidade à sua majestade.

Nessa mesma época, os índios frentones e calchaquis, que eram da jurisdição de Buenos Aires, tomaram a cidade de Concepción e fizeram grandes danos em Santa Fé. O governador do Porto, dom Cueva y Benevides recorreu a quem? Aos tapes, que conseguiram entrar pelas brenhas das selvas, matando-lhes grande número e fazendo trezentos prisioneiros.

Em 1645 fomos chamados pelo governador do Paraguai, dom Gregório de Hinojosa para castigar as desordens de dom Bernardino em Assunção, que saqueava e atemorizava com fogo a cidade. E já no ano seguinte a capital do Paraguai correu perigo maior ainda quando os índios guaicurus e muitos aliados quiseram se apoderar da cidade. Nossos *mburuvichá* (caciques) não perderam tempo e com nossos índios cristãos caímos em cima dos guaicurus, fazendo-lhes uma carnificina terrível, golpe que os atemorizou para o resto de suas vidas.

Somente dez anos mais tarde, em 1652, dom André Garavito teve notícias de que os mamelucos, sedentos de ouro e prata, tinham se conjurado para tomar as Missões para passarem ao Peru e se apoderarem das Minas de Potosi. Resolveram atacar em quatro pontos diferentes, autorizados que foram pelo novo soberano do Brasil e já tinham escolhido tropas regulares para ajudá-los nessa nova invasão.

No Paraná investiram contra a Redução de La Cruz; pelo Uruguai abaixo, assaltaram a Redução de Yapeyú e, pelo centro, as Reduções de San Thomé e Assumpção de Mbororé, rio acima; enquanto outra tropa ocupava os povos dos itatines.

Os paulistas foram derrotados em todas as frentes, sendo a maior batalha a de Mbororé, conforme já te contei, mas os itatines que ficavam a cem léguas de Assunção não tiveram a mesma sorte, foram surpreendidos na hora da missa, sendo todos presos e inclusive seu padre, porém uma Redução vizinha soube e deu em cima dos mamelucos, afugentando-os para a margem direita do Rio Paraguai onde os índios mbayas e os payaguás acabaram com eles sem deixar um único vivo.

E não pára por aí a incessante atividade guerreira dos tapes. Em 1655 os índios hometes e os índios frentones, tentaram invadir a cidade de Corrientes. Acudimos a mais este chamamento e demos de improviso nos aliados, os derrotando completamente, fazendo também muitos prisioneiros.

No ano seguinte revoltaram-se novamente os índios calchaquis, fronteiros à cidade de Santa Fé, com os quais, há mais de trinta anos, guerreavam com os espanhóis para acabarem com Santa Fé e com Concepción. Sem forças suficientes para resistir-lhes o governador de Buenos Aires, dom Pedro Baigorri, concitou dom Arias de Saavedra à frente de trezentos e cinqüenta guaranis, os quais depois de uma campanha de vários meses dizimaram o inimigo que não mais se levantou.

Em 1657, uma flotilha de navios franceses ameaçava bombardear Buenos Aires. Outra vez, foram os bravos tapes das Reduções que tiveram que acudir os sitiados. Em seu agradecimento disse o governador:

— Tratem com toda delicadeza estes índios do Tape, como é justo, pois ensinam a nós outros a sermos fiéis!

E outras vezes estiveram os tapes naquela cidade ajudando na construção de defesas; no Rio Lujan levantaram uma fortificação; em 1673 a cidade de Corrientes, atacada por índios vizinhos, agradeceu em carta pública aos tapes pelo auxílio prestado.

Foram tantas as batalhas que, às vezes, perco a conta, 1647, 1651, 1656, outras três bandeiras menores tiveram o mesmo fim. Os fortes bandeirantes de Tabati e Apiterebi, construídos após a batalha do Rio das Onze Voltas, em março de 1641, foram destruídos pela milícia guarani.

Guaraé dizia com orgulho:

— *Ñande rey soldadan'ché!* (Eu sou soldado do rei!)

Os tempos de loucas correrias por pradarias e selvas, as batalhas encarniçadas, o grito de raiva e de dor, a canseira de ver tanta sangueira, as contínuas cavalgadas, os desafios dos rios e dos chapadões, os rigores dos invernos e os sóis aplastantes, a tristeza de ver a cada dia, em cada escaramuça, a força do braço mermando a flecha, cada vez menos certa, as distâncias cada vez mais distantes, as mágoas, as tristezas de não ter paz, de

matar até os irmãos, pois o inimigo não parava de vir, sempre mais forte. E o rei espanhol nunca aparecia nestas paragens, raramente mandava meia dúzia de guerreiros, era verdade, valiam por muitos, mas estavam sempre longe, em Buenos Aires, em Córdoba, em Potosi, em Assunção, não ligavam para os pedidos de socorro dos jesuítas, tudo vinha se deteriorando, desmoronando, hoje era uma, amanhã outra, atravessava-se o Uruguai, depois, se voltava novamente e sempre era *peleia, pelear e pelear*.

Guaraé já estava *tuyá apayé* (velho), alquebrado, cicatrizes horrorosas o adornavam da cabeça aos pés. Um dente lhe faltava bem na frente, outro do lado, a borduna de um tupi o pegara de refilão, levemente mancava por causa de um pranchaço de um mameluco, a vista esquerda se fora por uma flechada dum frentone, a direita já estava cansada. Na canela, um buraco de tiro de trabuco. A cabeça estava boa ainda.

As duas já haviam partido, sua mulher não existia mais e sua filha casara com dom Manoel Gavião, charrua de San Francisco de Borja.

Despedira-se dos amigos e voltara da guerra, não queria morrer longe dos pagos, ali não queria entregar-se.

Numa bela manhã serena do veranico de maio, partiu com seu filho Pii (Felipe), ambos a cavalo, com destino à Tapera dos Pinarés, sua amada querência de campos dourados e de serpentes de matos mais verdes que o *passarinho verde*.

Iam alegres conversando, relembando *cosas y losas*, saboreando o ar fresco da manhã, a trotesito, sem pressa de chegar, mas sabendo a direção. Em cinco dias estariam lá para ver novamente aqueles campos mimosos, aqueles ervais de erva-mansa, amarga adocicada, cheirosa, para chimarrear ao pé do fogo, solito, com a rainha e suas lembranças, agora, nem tanto de guerras, mas dos amores da juventude, da vida, das coisas boas, caçadas, pescarias, festanças, pajelanças, comilanças, corridas de a pé e de a cavalo, danças nas missões e nas aldeias, comendo um pinhão sapecado

na grimpa, uma farinha de pinhão socada no pilão com carne de capivara, bá... um vinho de guabiju, só a casca fervida, até os padres diziam que era muito bom. Um milho assado no espeto, ou um *quibebe* de *jirimu*... e que tal uma mistura de farinha de milho com ovo de avestruz, uma mandioca frita em óleo de capincho.

Tudo isso passava pela cabeça branca do *tmichá* Guaraé, índio tape, de índole privilegiada e que fora muitas vezes honrado pela sua sabedoria, pela sua honradez e valentia, pela humanidade e pela sua religiosidade, em aceitando e fazendo todos os seus, e até os inimigos a aceitar a Cruz de Cristo, a Cruz de Lorena, o Jesus Nazareno, como único Deus, abrindo mão de suas tradições avoengas e crenças milenares, ancestralidade de dezenas de deuses e divindades, de outras tantas e tantas mulheres e concubinas, as mais formosas, por uma só, até que a morte o leve.

As patas dos cavalos vinham pisando tanta flor sem nome, azuis, roxas, rosáceas, brancas, miudinhas, pequenas e grandes, amarelas e vermelhas, como as cores dos cocares guaranis, outras de nome *caá-chica* (anil), *caá-e-ó* (sensitiva), *caápeba* (pariparoba), *caápororoca* (casca de anta), *caá-gambá* (manacá), *cainca* ou *caiapó* (*tayuyá*), douradinha, flor da paixão, arnica, juá, bibi, azedinha, bem-me-quer e malmequer (calêndula), esta era bem conhecida, muitas vezes a desfolhou, pensado em suas amadas, muitas, mas principalmente pelas três rainhas: a Rainha do Amanhecer, a Rainha do Sol e a Rainha do Crepúsculo, à cada uma um amor, uma paixão, uma saudade.

Da planta dos pés à última tinta do canitar, as saudades tão preciosas, airosos e doces momentos, foram se avolumando cada vez mais no coração do guerreiro guarani, e a alegria foi dando lugar à tristeza, e esta à saudade, e por fim à solidão, o sentimento de perda, de abandono, deu lugar às lágrimas que escorriam pelos vincos do rosto e caíam em bagas pelo albardão da *ca'aguasú* (selva grande).

A LENDA DAS JABUTICABAS

Tupã (Deus) condeou-se por ver tanta saudade e amor por aquela terra naquele filho do *novo mundo* e propôs-se a dar-lhe um presente, que seus olhos negros jamais haviam visto. Quando volvesse o olhar pelo caminho que trilhara, seu presente seria dado.

Ah... os rios da minha terra, uns verdes, outros azuis, outros marrons, outros vermelhos, uns numa braçada, outros numa quarteada, só um com canoa, o Uruguai-Pitã (Vermelho) o Paricaí, o Peperi, o Igay, o Curity, o do Peixe, o da Várzea, o Caapigui (Taquary), o Ibiraietira (Jacuí-Mirim) e o Uruguai-Mirim.

Los Curi-ri bordados de timbós, guamirins, araçás e araticuns sobrepujados por louros, cedros brancos e vermelhos, sapopemas, canelas do brejo e guaicá, cambuins, camboatás brancos e vermelhos, sucará, cangeranas, açoita-cavalos, xaxins, ipês, cambarás, cancorosas, pitangas e sete-capotes, vacuns, araticuns e uvaías, enfeitados de pássaros mil, desde os *tucãsaíyú* (tucanos amarelos, bico de navalha) até os maviosos e valentes caburés.

Nos campos, as manadas de avestruzes e cervos pastando, o branco campeiro, o pardo, o virá, o bororó, o guatapará e o raríssimo cabucica.

De longe, na tocaia, não os vejo, mas sei que estão espiando, a onça preta e a pintada, a jaguatirica e o leão baio, o gato do

mato, o guaraxaim, o lobo-guará, o zorrilho, o gato mourisco, o quati e o gambá.

D'outros são tantos que nem falo, uns rastejam, outros avoam, muitos nadam e outros tantos vivem nos charcos e nos banhadais, completando a imensa natureza nos dada por *Tupã*.

— Ôche... filho.

Que filho? Filho que é filho guarani, não repara, não pergunta, faz que não vê as lágrimas do pai, as sente também, embora sem dizer.

Já chegaram, faz tempo. Sem sentir, os cavalos a passo vão devorando lentamente as altaneiras coxilhas, acolchoadas de barbas-de-bode, emolduradas com centenaes *curi'îndî* (pinheiros).

Lá a cacimba, acolá o Pulador, a Lagoa dos Três Cantos, o Durasnal, as nascentes do Rio dos Jacus, o Passo da Cruz rumo aos ervais da Estância de San Juan, o Povinho Velho primitivo ali na entrada, as Coxilhas, o Sertão, ora Castellhano y Aragõn, no outro lado, dito português, o Butiazinho, o Campo do Meio, último reduto dos campos das vinte mil vacas da Estância de San Luís.

No Caayacó, Visitação, Butiá Grande, que Bela Vista da Lagoa Bonita, onde rondávamos o Nonoai, o Campo-Erê, o Erebangó, tudo se avista daqui, rodopiando o cavalo, alçando a ponta do pé no estribo.

Chegaram ao fim do chapadão da *îvîîrusú* (serrania), lá onde o sol nasce, onde se houve o gritador, o bugio vermelho roncadór.

Com o olhar, procura daqui, procura dali, e nada, só um triângulo, umas taipas de pedras, uns marcos de divisa da estância de San Juan.

Rancharia, paliçadas, manguieiras, portugueses, ibiangularas, tapes, Santa Tereza, não existem mais, esboroaram-se com o tempo que estivera fora.

Paulistas, mamelucos e tupis, dizem, agora caçam ouro em Goiás, Minas Gerais. Já os portugueses, estes estão novamente em Santíssimo Sacramento de olho no Rio da Prata.

Lá nas bordas do Uruguai, daqui se avista, ainda muitos fogões dos temíveis coroados, os tembetá (beijo furado), bugres caingangues (moradores do mato). Por aqui, algum que outro tape, milhares, assim como duzentos mil guaranis e outros trezentos mil de outras nações foram preados e vendidos como gado em São Paulo, Rio, Minas, Bahia, Pernambuco e arredores, sem dó nem piedade, antes, muito antes dos pretos, dos brancos e dos amarelos, me contou o padre Maceta.

Andara... andava em suas reminiscências, nos seus anseios, nas suas saudades, que não se voltara para olhar para trás, sempre andara para frente, a rédea solta, o cavalo mordiscava aqui e ali o pasto nativo mais saboroso desta terra.

Pii ficara para trás, encontrara um *teyupá* habitado por duas mãos de parentes na entrada do Povinho Velho, que faziam parte da guarda velha de San Juan-Mini. Ficara mateando e charlando, o velho não iria se perder, pois conhecia tudo como a palma da mão, cada vau, cada árvore, cada arroio, cada coxilha e cada restinga.

O Perdigão alçou vôo batendo as asas com estrépito que pareceu baqueta em taquara.

— Tá, rá, tá, tá, tá, rá, tá, tá...

A avestruz espichou a cabeça. Que foi? O cavalo levantou a cabeça num sofregão, assustado, e empinou, era passarinho, o impacto no peito do *twichá* foi violento, o pelego guariba escorregou, jogou-o de costas no chão macio da beira do mato. Só as folhas se amontoaram prevendo a morte.

Ainda vivo, mas quase sem ar, recostou-se numa árvore, com a respiração ofegante e o peito queimando de dor. Sentiu que sua hora havia chegado, iria se reunir com seus antepas-

sados com o coração alegre e feliz, pois estava novamente na sua querência, no seu amado pago do Igay, no coração da Serra Negra.

Volveu os olhos para trás, de onde viera cavalgando, na esperança de avistar, mais uma vez seu querido filho, mas nada, apenas via a floresta infundável, até que um torpor foi tomando conta de seu corpo inteiro e uma paz sem limite, infinita, foi se perpetuando.

Sentado, a mão espalmada ainda teve forças para pegar um bago esmagado, de polpa branca, parecendo algodão, que saía da casca preta e brilhante, levou-o a boca e ainda pode sentir nos lábios a doçura desconhecida, a semente ficou presa no vão do dente.

Os olhos que teimavam em se fechar não venceram a última vontade do moribundo cacique, que perscrutou com o olhar e viu o que seus olhos nunca dantes viram: uma árvore adornada com milhares de seus olhos negros.

Então, Guaraé foi erguido pela mão de *Tupã*, o corpo ficou na sua querência, e a alma subiu em flor, nas miríades de flores brancas das jabuticabeiras do Igay.

Pela demora do pai, saiu a campeá-lo. O cavalo, rédea de arrasto, pastando despreocupado, perto do dono, anunciou o desfecho da tragédia ou do desígnio, pois já viera com esse propósito de entregar a alma a Deus na sua terra-mãe.

Na entrada do Povinho Velho, choro, velas acesas, rezas, causos, arengas e um vinho novo para brindar os feitos do morto, vinho de jabuticaba dada por *Tupã* nessas paragens.

A noite comprida foi de velório cristão.

O corpo do *tuvichá* Guaraé, ataviado a preceito: chiripá, faixa, camisa de algodão, branca, jaleco preto bordado, cabelos amarrados com vincha, botas garrão de potro, um cocar, penacho de penas vermelhas e amarelas dos tapes, irmãos dos gua-

ranis. Seu arco, três flechas e suas boleadeiras, presente de dom Nicolau Ñeenguirú I. No peito, segura pelas mãos, a cruz de duas travessas. O aço de Toledo, finíssima espada, que ganhara do governador de Buenos Aires, José Herrera Soto Mayor, em 1681, depois da tomada da Colônia do Sacramento, com a ajuda de três mil e quinhentos milicianos guaranis; esta já havia dado de presente a seu filho, não faria parte de sua jornada.

No outro dia, seu filho e uns poucos velhos e velhas guaranis, cristãmente se despediram do imortal Guaraé. Não muito longe dali, seu corpo foi enterrado. No local, para marcar o lugar, colocaram uma pedra redonda gravada com a Cruz de Lorena de um lado, no outro *Guaraé, 1682*, e plantou uma roseira, colhida na tapera de Santa Tereza.

O tirador, Kitu Costa, puxador, índio da garganta limpa secundado pelo improvisado coro, entoou *incelenças* e as ladainhas do Cristo Nhandejara em guarani:

— *Cristo, senhor nosso! Livra-nos, senhor, dos nossos pecados. Ai, Cristo Senhor Nosso!*

Cantaram todas as fases da Paixão, em toada triste e melancólica, ao som da viola, finalizando:

— *Eis aí o sepulcro, onde foi encerrado teu sagrado corpo por nossos pecados. Ai, Cristo, Senhor Nosso!*

A suindara assistiu a tudo imóvel e o chimango revoava em silêncio respeitoso. A siriema soltou uma clarinada de despedida comprida e triste.

O guerreiro cristão Cuarahîhesapé, para os irmãos guaranis, Cuararé, para os espanhóis, e Guaraé, para os portugueses, cumpriu sua jornada, descansou!

A *baqueria* de Los Pinarés, apenas um posto avançado cuidava das vinte mil vacas, nada mais restara para Pii (Felipe), senão voltar para San Miguel decadente, mas que voltaria a florescer mais tarde. Nesse lugar, como tantos outros guaranis, casou, teve filhos e filhas vindo a falecer em combate em 1733.

Pii gerou Aruá (Pacífico) Tiarayú em Santiago, este teve dois filhos: Oché (José) Tiarayú, meu irmão gêmeo, e eu, Sefé (Ceferino) Tiarayú, em San Miguel. Meu pai morreu em São Martinho da Serra, fugindo da perseguição dos portugueses.

KALOKO

O padre Antônio já andara em Yapeyú, em San Carlos, em La Cruz e em San Ignacio, agora estava aqui quando recebeu ordens para dividir o povo de San Miguel e criar outra Missão.

Escolheu vinte e um caciques para acompanhá-lo nessa empreitada, entre eles, meu pai Aruá Tiarayú com suas setecentas e cinquenta famílias para empreenderem a migração.

Essa mudança não se deu de repente, primeiramente fomos nós homens para escolher o lugar, limpar, arar, fazer as casas, erguer uma igreja e só depois de um ano de árduos trabalhos é que foi possível trazer nossas famílias.

Foi nesse ano de 1713 que mais convivi com o padre Antonio e aprendi a gostar muito dele. Diferente dos espanhóis, ele era dum branco leitoso, bem alto e gordo, meio peludo, *abayuba* (avermelhado) até na cabeça e não parava quieto nunca, estava sempre inventando na marcenaria, na carpintaria, na olaria, na ferraria e em outras coisas que nem sabíamos pra que eram aqueles aparelhos. Sempre alegre e bonachão, beliscava as velhas nos teares e elas davam risada, e ficavam alegres e faladeiras.

Apostava corrida com a gurizada, perdia, ganhava, se rolava na grama e até no barro, se jogava com batina e tudo n'água, era um serelepe e todo o povo gostava muito dele, e era pai Antô pra cá, e pai Antô pra lá, dia e noite. Foi ele que nos ensinou a usar os cuscos para caçar veados e catetos. Tornou-se uma farra, quase que obrigatória, semanalmente, promovia aquela algazarra que precede uma caçada. *Turututu* (buzinas), acôos de cachorrada,

gritos de *sapucái* (grito, bravata; nome de uma árvore) e correrias alucinantes e desenfreadas atrás da bicharada.

Aquele ano foi um dos melhores da minha vida, aprendi muito, inclusive a domar os potros xucros e a tropear o gado, mas, à noite, quando nos reuníamos junto ao fogo grande de cambará, era para ouvir o padre, um grande contador de causos e histórias, assim como faziam a maioria de nossas gentes, que sabiam de tudo de nossos ancestrais e que gostavam de conversar.

Contava-nos ao pé do fogo, mateando, sobre a sociedade dos jesuítas de Ignácio de Loyola, um grande e rico militar, que deixou as riquezas que possuía por *Kitú*; das suas montanhas nevadas do sul da Áustria, um tal de Tirol, nos Alpes, com flores *edelwein*, nos picos tão altos como os andinos; de sua estada em Gênova numa tal de Itália; de sua partida e de muitos padres de vários países e línguas dum porto chamado Kadiz (1689) da Espanha; das misérias e doenças que passaram no navio; das ilhas no meio do *paraguasú*; dum tal de Fuego de San Telmo; da costa brasileira onde pescaram e comeram um peixe tão grande e delicioso que parecia um boi; até sua chegada em Buenos Aires (1691) e depois da sua peregrinação por algumas Reduções, até sua vinda para San Miguel. Agora, ali na Missão de San Juan Bautista, a três léguas, aldear e alimentar mais de três mil tapes guaranis.

Eram freqüentes no mês de outubro os temporais, mas nesse início de noite parecia que o mundo viria abaixo, até os *teru-teru* (quero-quero), gritando se mudaram. Coriscos e raios riscavam o céu de todos os lados, e os trovões iam ribombando até lá pra São Martinho, na serra.

Ficamos só olhando sem entender nada, o padre Antô metido na sua batina parda, cor de nuvem de inverno, de rosário no pescoço, crucifixo no peito, com uma mão levantava a batina

para não molhar e, com a outra levantada, batia com vigor um sino de mão, desesperadamente, na direção dos tremendos raios que caíam e incendiavam os campos e os matos lá longe.

Todos nós vimos, ninguém nos contou, foi coisa de *Tupã* e daquela sineta: os coriscos foram sumindo, os raios se apagando e os trovões desaparecendo, até que tudo voltou ao silêncio e os *teru-teru* voltaram pra coxilha.

Noutra tertúlia com os *mburwichá*, perguntei-lhe se naquela noite de tempestade, ele havia feito alguma oração que não saíamos para terminar com o temporal.

Contou-nos então que no ano de 1498, quando um tal de Christóbal Colón, de apelido, mas de nome Salvador Gonçalves Zarco, a mando da Rainha Isabel, a católica e do rei dom Fernando, descendentes diretos do rei dom Sancho Garcés III de Castela y Aragon, descobriu o *novo mundo*, lá nas Antilhas, em noites de tempestade se ouvia o som de um grande sino, e o seu somido imenso amainava os tufões, furacões, raios e tremores daquele Golfo do México.

Cada procurador carregava consigo uma pequena *sineta de sanctus*, chamada de *kaloko* e o padre Antonio carregava a sua, pois uma sineta destas pode muito contra o tempo borrascoso, porque até onde era audível o seu som, não caía raio de trovão, por isso começava logo a tocar a sineta, estando nós agora seguros contra esse perigo.

Vem daí o seu poder, arrematou o padre:

— Há muito tempo ouviu-se na terra dos maias, astecas e zapotecas, por debaixo da terra, um sino extremamente grande, que se tangia a si mesmo. Não se sabe se foram os Santos Anjeles que trouxeram este sino do céu, em todo caso, começava sempre a tocar, logo que o céu iracundo ameaçava a cidade antiga do México com terremoto ou outras forças da natureza.

Dali em diante, passamos, a respeitar também, aquele pequenino, mas poderoso sino, bem como a imaginar que poderes não teriam os grandes sinos que fizemos nas forjas de San Juan.

Nós guaranis, que gostamos muito de tagarelar, de contar causos e histórias de guerras e ancestrais, ficávamos sempre em silêncio quando o padre Antô nos contava os seus. Contava-nos sobre as lutas, as guerras e as conquistas do império romano com tal empolgação que parecia que estávamos lá, que éramos romanos e participávamos daquelas escaramuças.

Falava da Gália, da Trácia, da Germânia, da Grécia, do Egito, da Judéia, da Padólia e de tantos outros lugares. De Reis famosos, de nome Júlio César, Constantino, Marco Antônio, de Calígula sanguinário e até dum tal de Nero que incendiou a cidade de Roma e pôs a culpa nos cristãos. Mas, quando falava de sua Alemanha, aí se emocionava e derramava lágrimas de saudade do seu Tirol, da gente e das canções tirolesas, das montanhas, das neves e da pequena localidade de Alt-Oettingen, na fronteira bávaro-austriaca, onde se encontra uma imagem de Nossa Senhora, datada de 1300, toda denegrida pelo tempo, mas muito milagrosa. Não quiseram restaurá-la nem retocá-la, tornando-se por isso, a Virgem Negra de Alt-Oettingen, a Loretto Alemã.

Padre Antô era seu fervoroso devoto e nos contou que enquanto estavam em Sevilha, ele e seu xará, fizeram mais de quatrocentas imagens e as vinham distribuindo por onde passavam. Na travessia do mar curara um negro retinto e sua esposa se tornou fervorosa devota, vendo na imagem morena uma semelhante sua.

Foram tantos os milagres dessa Santa em terras Americanas que padre Antô disse que escreveria um *cuatiá* para divulgar na Europa os seus feitos. Nos disse que aqui se fizeram duas reproduções e que em Yaros, ou La Cruz, padre Antonio Bohm a introduziu como padroeira desses reduzidos.

ÃNG YAVEVÉ

Era uma tarde calorenta e empoeirada do mês de fevereiro, só as abelhas zumbiam nas flores, estava uma pasmaceira e a maioria folgava, outros na *siesta* roncavam.

Padre Antô fora rezar Missa em San Miguel com um novato que chegara. Eu estava de visita no *teyupá* do cacique tapejara dom Tibiri, tomando um *terere* (mate frio), quando vi adentrarem a cavalo na San Juan Bautista uma *cuñacarái* (senhora), acompanhada de um *caria'ï* (jovem adulto), um guri e duas *cuñatai* (gurias).

A que me pareceu a mais nova tinha uma bela estampa: alta, olhos vivos, brilhantes, bem feita de corpo, pude notar apesar do vestido branco, cabelos pretos e longos, quase na cintura, rosto delicado e corado, lábios levemente carnudos, apetitosos, nariz pouco afilado, orelhas pequenas e mimosas enfeitadas com brincos de argola de ouro boliviano, um pescoço proeminente, um sorriso puro, juvenil até, um canino saliente e uma leve penugem enfeitando o buço e seu queixo bem feito.

A outra parecia mais velha, também era muito bonita, altiva, de ossatura e porte maior, mas tinha um quê que não me agradou, trazia um pito aceso, preso nos lábios.

Simpatizei com a mais nova, montada num cavalo tordilho negro, deixava um naco de perna das mais lindas à mostra, enfeitada com penas multicoloridas, também os braços alvos e sedosos seguravam as rédeas com altivez.

Lhes... juro! Com o perdão da má palavra, era mais linda e bonita que a Virgem de Loretto.

Tudo isso eu vi de relancina e, daquele momento em diante, o meu coração não mais sossegou, eu tinha que saber quem era aquela gente, de onde e por que vieram?

Aparearam-se e foram recebidos com cordialidade num *teyupá* não muito longe de onde eu estava, mateando, um piscar de olhos.

Naquela noite não dormi e se dormi a visão daquela *amú* (família) chegando em San Juan martelava e repetia-se como um pesadelo, e os detalhes daquela linda flor se multiplicavam, e ela sorria para mim, meigamente, nossos olhos haviam se cruzado, os pretos e os castanhos, e eu senti naquele instante que *Tupã* havia me mandado de longe a minha *ãng yavevé* (alma igual), pura como eu, doce como o mel de *camuatí* (espécie de vespa), mais bela impossível, o seu olhar era uma noite serena e estrelada. Como a quê, me levantei e saí com destino certo.

Disse... “— Ô de *oga* (casa)!” e fui entrando no rancho contíguo ao dos retirantes. Saudei a todos e passei a chimarrear com o *tuvichá* dom Tibiri, tamanho guarani de prosa e verso nunca vi. E charla ia e charla vinha, passou a me contar que os novos vizinhos vieram dos fundos de Los Curi’î, dum lugar chamado San José do Itayú (ouro). A viúva, uma bela senhora, de meia idade de nome Amelí, perdera o marido de nome Purutu’é quando os portugueses atacaram e dizimaram sua aldeia. Também conseguiram escapar com vida as filhas, os filhos e um *mitãcaria’î* (guri pequeno).

Eu guardava os nomes, mas meus olhos estavam espichados porta afora e o meu pensamento também, a ânsia de vê-la novamente, de ficar frente-a-frente, de conversar, de ouvir pela primeira vez a sua voz, de sentir o seu perfume, de olhar e ser olhado nos olhos, de pegar as suas mãos, de acariciar aqueles braços, de tocá-la, de abraçá-la, de cobri-la de beijos, de perder a razão.

— Êpa!

Desculpei-me e saltei pra fora, o rosto estava um fogo, os músculos retesaram-se, o sangue trovejava, a cabeça fervia, não sei se ria; chorá não chorava, a alegria era infinda, estava louco pela primeira vez. Então disse um “— *Hasta luego!*” meio sem jeito ao *tuchava* dom Tibiri e parti, desnorreado.

Não agüentei ficar trabalhando na roça, descanguei os bois, larguei o arado de pau, dei ordens e contra-ordens aos meus comandados e voltei à casa do amigo.

Recebeu-me meio desconfiado, pois duas visitas no mesmo dia, só em caso de precisão, e era mais do que isso, pois me contou que naquele mesmo dia, um mestiço caingangue feio e cascudo, de nome dom Fernando, viera no rastro dela, das bandas dos Pinarés ver a minha amada, pois pretendia se casar com ela.

O choque da notícia foi como um golpe de *itaiça* (clava de pedra). Num primeiro momento, a sensação de impotência, frente-a-frente ao inesperado, turvou a minha mente e enegrecceu o meu coração, aflorando a raiva contra o intruso pretendente.

Nem me dera conta de que eu era um *twichá*, chefe de muitos, que entrava e saía em qualquer *oga* (casa), que mandava e desmandava e era querido por todos da Redução, por que então ficaria naquela angústia de não saber o que se passava, amiúde, e se aquela fina flor guarani me corresponderia ou não, com o mesmo ardor, aquele amor tão grande, que eu lhe devotara desde o primeiro momento em que a vi?

Com a maior sem-cerimônia, dei “— Ô de casa!” e justamente ela, veio receber-me. O coração disparou, mas não disparei. Pedi licença e me apresentei, inclusive pro cascudo ali presente.

— Sou Sefé Tiarayú, *tuvichá* deste povo e *asígué-yavené* (irmão igual) de Oché Tiarayú, corregedor de San Miguel, é uma honra recebê-los em nossa Redução, inclusive em nome do padre Antonio, hoje ausente, e do padre José Texedes, que amanhã virá vê-los.

Convidado, entrei e passei pra perto do fogo, conhecendo um por um. A simpática viúva me ofereceu milho-pipóca, amendoim, chimarrão e arrematou com doce de *yacarati'á* (fruta do *yacarati'í*, em forma de pingente).

Enquanto isso, a conversa corria solta, parecia até que nos conhecíamos de muitos verões e invernos. Contaram-me de seus trabalhos, de suas agruras, de suas desditas, da morte de Inimbó Purutu'é (Atilho alto e grande), de mais um filho casado com uma guarani de Candelária, de uma filha mais velha, a Itê, raptada por um índio coroadado de nome Toté do outro lado do Rio Uruguai e da mais velha de todas, de nome Itá, que se perdera na guerra e nunca mais souberam notícias, enfim, passamos a noite proseando.

O visitante, parece-me que entendera a sua desconfortável posição, encilhara o cavalo e desaparecera na noite. Não foi essa vez que cruzou meu caminho, e se cruzar sabe lá *Tupã* o que pode acontecer.

A mais bela flor de todas as flores de San José do Itayú seguido vinha me espiar, até que, com a fuga do dito, veio sentar-se numa rede pertinho de mim. A noite ficou pequena, a grande jarra de vinho de guabiju se esvaziava, eu bebia o vinho, o olhar e o corpo inteiro daquela deusa guarani, ali eu sabia que ela seria minha *coitiporã* (Deusa tupi do amor e da beleza), com o perdão de Nossa Senhora de Loretto.

O sineiro puxou a primeira badalada, eram seis horas da manhã, despedi-me e saí feliz da vida, o mais alegre e feliz dos filhos de *Tupã* e San Miguel, mas o tempo não passava, porém também não parava.

A família grande de cristãos aceitava e praticava nossa fé em *Kitú*, tinham princípios e fidalguia. Disse-me ela que tinha compromisso com o visitante que viera de longe e que precisava de tempo para pensar e se decidir.

Senti que só o meu posto não bastava, eu teria que mostrar outras qualidades, além daquelas de trabalhar, de laçar, de arar, de guerrear, comum entre todos os guaranis. Escrever, não eram todos que sabiam, e eu terçava o guarani, o latin e o espanhol, por isso, declarei-lhe o meu amor por escrito, nas duas línguas que eu aprendera com os jesuítas.

Pero, antes disso, no dia de seu aniversário, enchi-me de coragem, passei a mão na minha viola, presente do padre Antô, o mesmo que me ensinara a tocar à espanhola, e me fui à casa dela. Era já tarde da noite quando dedilhei as cordas e larguei um canto sentido de amor, que assim dizia:

*Esta canción las manãnitãs que cantava o Rei Davi,
a las muchachas bonitas e lês cantavas así;
Despierta, mi bien despierta, mira que l'amanecio,
ya los pajaritos cantam, la luna ya se metio.
Que linda está la manãna en que vengo a saludar-te,
venimos como mucho gusto y plazer a felicitar-te.
Al dia em que tu nasciste nascieron todas las flores,
escutia e no me olvides my amor.
Hoi quisiera ser un San Juan,
quisiera ser un San Pedro para venir a saludarte
con la musica del cielo.*

Como não via clarão de luz e nem vozes, cantei mais alto a segunda:

*Despierta dulce amor de mi vida,
despierta se te encontras a dormira,
escutia mi voz brada com tu ventana,*

*que nesta canción te vengo entregar el alma.
Perdona quién te arrumba tu sueño,
pero no poder más, esta noche te vengo a decir te quiero.
Por favor, dulce amor de tu amor pra mi amor,
Escucha mi voz brada com su ventana,
que nesta canción te vengo entregar el alma.*

Terminada a canção, abriu-me a porta; sua mãe acendeu um lampião e fomos socorrer sua irmã que, esbaforida pra ver quem tirava aquelas notas da viola e cantava em castelhano, deu com a canela na mão de pilão que escorava a porta, ficando lastimada, tamanho era a roxidão na sua bela perna.

Passados que foram os “ais” e correrias, quedei-me parado meio no lusco-fusco da lamparina que tremulava, de mãos dadas pela primeira vez com minha amada prenda. Ali, o tempo parou, era sublime aquele momento, descrevo como um dos mais, senão o mais belo momento da minha vida com meu primeiro e verdadeiro amor. Ambos, nós dois, não nos agüentávamos. Na magia do primeiro encontro puxei-a contra meu peito e senti os seus duros e mimosos, nossos lábios se encontraram com paixão desmedida e nos acariciamos assim por longo tempo, nada mais existia, só nós dois, num só, sem querer nunca mais nos desprendermos.

Com o cruzar da irmã não nos importamos, só quando a mãe pigarreou na cozinha e chamou para uma cuia de mate é que nós, meio sem jeito, nos recompomos para matear na cozinha, respeitosamente.

Já madrugada, nos despedimos; novamente aos beijos, quase morro naqueles braços, e me despede dizendo:

— Fica com *Dios! Hasta mañana!*

— Com certeza! — Pensei.

Então, vaguei inebriado pelas ruas da Redução de San Juan Bautista Del Rio Uruguai, sem me importar com o latido dos *perros* (cachorros).

O coração, a alma, o corpo inteiro estava feliz, a felicidade batera com força na minha tenda, no meu *teyupá*. Enquanto caminhava sob a luz das estrelas e da lua *yasicacnaá* (crescente) agradecia a *Tupã* por ter-me concedido a graça de ter encontrado minha alma igual. Doravante, o nosso amor seria sem fim, eu me esforçaria para isso, eu já era *tuvichá* de renome, apesar da minha pouca idade, talvez eu chegasse a corregedor como meu irmão igual, ou quem sabe *mburuvicháguasú* (grande cacique) de todos os tapes e guaranis.

Ledo engano, hoje revendo ou remoendo meu passado encontro no *cuatiá* sagrado (*tupãne'engué*) uma esclarecedora e definitiva sentença:

— *Por que causa?*

— *Porque o Senhor deu testemunho entre mim e a mulher da minha puberdade, a qual eu desprezei, sendo que esta era a minha companheira e a mulher da minha aliança.*

“Acaso não a fez o que é um, e não é ela como uma partícula do teu assopro com que ficou animada? E que pede este único autor(Deus), senão que saia de vós uma linhagem que é de Tupã? Guardai, pois, o vosso espírito e não desprezeis a mulher que recebestes na vossa mocidade.

Quando tu lhe virdes a cobrar aversão, despede-a, diz o Senhor Tupã, de todos, mas a iniquidade de quem tal fizer, lhe cobrirá o seu vestido, diz o Senhor dos Exércitos. Guardai o vosso espírito e não as desprezeis.”

(Malaquias, 2-14).

Dias depois da serenata, nos encontramos na praça defrente à catedral e entreguei-lhe a minha carta, com todo o carinho, pedindo-lhe de coração uma resposta sincera.

Com a minha missiva pretendia mesmo laçá-la para sempre, pra isso, naquele momento, tinha de tocar fundo o coração da minha *coitiporã* (Deusa do amor e da beleza), por isso burilei o mais que pude os dizeres daquela carta.

No outro dia me entregou a resposta, em duas folhas bem dobradinhas, de frente e verso, escrita em guarani, as quais, tamanha minha emoção, poderiam passar as décadas que fossem que as conservaria com carinho. Dizia-me assim:

Querido Sefé, naquela tarde em que o sol estava tapado de nuvens escuras ao se esconder no horizonte, recebi de tuas mãos amável cartinha. A emoção foi tão grande, que não suportei a ansiedade de abri-la em casa, abri e li ali na praça mesmo e a emoção foi tão grande que quase perdi os sentidos.

Sefé, os meus lábios quando se entreabrem para expressar amor, é só poesia, sonhos e romantismo. Essa espera que para ti, será amarga, para mim será um pesadelo, porque sabes mais ou menos da barreira que tenho a enfrentar para depois corresponder ao teu amor.

Sefé, tu, ultimamente, é que tens perturbado o meu coração e cruzado os meus caminhos. Tu falaste que escreveste realmente o que estávamos pensando e que não terias coragem de falar-me pessoalmente, e o mesmo digo eu.

Sefé, se me amas realmente como falas e se teu amor for sincero como espero, não estás perdendo teu tempo, porque és correspondido pelo meu amor.

Falas em erros e concordâncias de frases, mas quero dizer-te que quando se fala em amor, a pontuação fica de lado. A expressão “fica com Dios” é pelo amor e a confiança que deposito em ti! Tu vives de esperança e bem sabes que a esperança é a ultima que morre, e quando o nosso amor se unir, nem a desesperança jamais nos separará.

Sefé, tu querias agradecer os meus carinhos, mas não são merecedores de agradecimentos, senão que diria eu de tua delicadeza e da bondade de tua parte.

Meu bem, aquela noite para mim deveria ter sido infinita, meu amor. Esta carta será para mim um documento e selarei com o suor de tuas mãos, com as lágrimas de nossos olhos e com o sangue de nossos corações. Essa minha carta responde realmente o que sinto por você e, depois de alguns dias, Tupã nos unirá para sempre. Boa noite, meu amor.

Torí Purutu'é

— *I porá heimohá Tupasi!* (Parece la Virgem!)

— *I porai te papé cuñatai!* (Que hermosa muchacha!)

— *Cuñacatupiri!* (Linda mulher!)

Foram as minhas entusiásticas expressões de júbilo. Embora eu tivesse que esperar, a angústia se fora como o vento norte, rápida e pra longe. Desde a abertura da carta, me chamando de *querido*, depois de *meu bem* e de *amor*, não me restava dúvida, eu ganhara o coração da mais bela e altiva flor que San José do Ytaíu tinha me mandado. Agora eu teria que cultivar, que cuidar, que regar, que adorar, que honrar e amar tão doce entrega.

Depois desse *sim* velado, a missa e o padre me perderam de vista, e o tapejara dom Tibiri perdeu o companheiro do mate. Todo santo dia os meus pés me levavam direito ao *teyupá* (rancho) da amada. Mateávamos, charlávamos, sonhávamos nossos sonhos de juventude, construíamos ranchos, encheríamos de gurizada. A vida nos sorria.

Às vezes aperávamos os cavalos e saíamos pelo campo afora nos roçando as pernas, nos beijando, nos abraçando, íamos à missa na catedral aos domingos e aos fandangos no *teyupá* ao lado da Igreja Catedral. Nossos amigos e companheiros e até o padre nos achavam uma *pareja* (casal) alegre e perfeita.

A família dela me queria bem. Dos meus, não sei, não me importava com eles, importava eu e ela. Eu me sentia o guarani mais feliz até lá na terra mãe de Deus *Tupãnciretã*.

Certo dia, eu, ela e a família fomos todos *a peçito no más* cortando campo até o riacho que ficava uma légua da Redução, só para pescar. A querida sogra, que *Tupã* a tenha, fez churrasco para nós. Que lindo estava sendo aquele dia, nos escondendo nas macegas, roubando beijos e abraços perto dos olhos da parentela.

Na volta, brincadeiras, de malmequer, pega-pega, corrida abaixo de chuva, escorregões e tombos nos barreiros das bos-sorocas. Ela que o diga, ao derrubá-la, gentilmente, tirei-lhe o braço do lugar. Ainda bem que o curandeiro Guasupará (cervo do pampa) o colocou no lugar novamente, com seus poderosos unguentos de erva-babosa, seiva de caraguatá e badiana.

FESTA DE SAN JUAN BAUTISTA

Dia de San Antonio, padroeiro do nosso bom padre Antô, festa; san José, padroeiro do padre José Texedes, festa; depois, páscoa, Trindade, colheita do milho, da erva-mate, do trigo, do algodão, uma boiada grande que chegava, tudo era motivo para festança, sem contar a visita do padre provincial de Yapeyú, de outro de Assunción, de San Ignácio, de dragões espanhóis, de Pentecostes, e de San Juan e Navidad,

Conto-lhes:

Vinte e quatro de junho, dia de San Juan Bautista, padroeiro da nossa Redução, fundada pelo padre Antonio Sepp Von Rehegg em 1698, sempre era um dia frio *de renguiá cusco do Peru* e a noite mais longa do ano, mas todos ficavam com uma disposição febril. Logo cedo, os guris iam ao mato cortar lenha de machado, toras reforçadas, para fazer-se uma grande fogueira na praça defronte à nossa Catedral. Com uma junta de bois mansos, trazia-se de arrasto um *curitíva* novo de trinta côvados de altura, descascava-se e passava-se graxa de *capi'ivá* (capivara) e de gado, para ficar bem liso. De pé, no centro da praça, servia de brincadeira para a gurizada. Na ponta do mastro, na bandeira branca do Divino, quem a tocasse ganhava um prêmio: um anzol, uma joaninha, um crucifixo ou uma medalhinha, tudo por farra.

As vias e ruelas, a praça, e principalmente a Igreja ficavam todas enfeitadas com guirlandas e galhardetes, ornados de lírios brancos, lírios indianos, girassol, malmequer, jasmims, violetas

amarelas e azuis, esporeira, chagueira e outras lindas flores da nossa terra, como nos arcos adornados, de cachopas alaranjadas, por nós batizados de *cipó san juan*.

Mesas grandes, compridas, adornadas de alvas toalhas de algodão, rendadas e bordadas, estavam repletas de salada de envidia, crespa e lisa, repolho da Bolonha, chicória, pastinaga, espinafre, rábano miúdo e grande, couve, nabo bávaro, salsa, anis, funcho, melões, juá, radite do mato, pepinos e outras plantas comestíveis de nossa terra.

Pinhão, assado, cozido e socado, mandioca doce e mansa, batata doce, jirimu, moranga, maçãs, pêras e pêsegos assados, romãs, limas, limões doces e azedos, laranjas, marmelos, uvaías, araçás, mel e doces de jila, laranja azeda e jaracatiá, amendoim preto e vermelho e muita polenta de ovo de avestruz com farinha de milho.

Tudo isso parecia muito, mas muito pouco, para alimentar mais de três mil guaranis com suas famílias, no fim da noite não restaria nada, só erva lavada do chimarrão.

Bois e mais bois, de ano e sobre ano, coisa de cento e tantos, suas carnes eram espetadas em taquaras e paus de cambuim, em postas grandes e assadas no fogo de brasas e labaredas dos paus de guabiroveira.

O cheiro gostoso da gordura pingando na brasa se espalhava pela Redução inteira e cada um recebia um espeto de *chamuchina* e eu e minha namorada íamos saboreando aqueles manjares e sorvendo um *vinho moscatel*, presente do padre Antô aos *twichá* em dia de festa.

À noitinha, os grandes chifres de bois franqueiros (padólia-hungaros), enchidos com graxa e sebo eram acesos, iluminando a praça como se fosse dia, para apresentação de mais uma intensa manifestação de júbilo e alegria do povo juanista.

Quatro danças foram apresentadas, cada qual mais linda que a outra. A primeira foi executada por oito rapazes, que jo-

gavam com suas lanças. Na seguinte, dançaram dois esgrimistas. Na terceira, seis nautas e, a última, seis guris a cavalo vestidos à espanhola realizaram o jogo das argolas.

Os melodramas eram variados, vibravam os guaranis com as batalhas entre os espanhóis e os sarracenos ou entre anjos e demônios. A peleja encenada e dançada trava-se também com tiroteio, pranchaços de espadas e cargas de cavalaria, tudo ao compasso da música e do canto marcial. As roupas usadas, multicores e vistosas, repletas de insígnias caracterizavam os apresentadores espanhóis, turcos, russos, ciganos e berberes.

Lá pelas dez da noite, os fogos de artifício e os busca-pés eram soltos e acesa a fogueira, a alegria era geral e em especial para os devotos que não viam a hora da fogueira terminar, ficando só as brasas, para testarem a sua fé e demonstrarem sua coragem, passando sobre elas com os pés descalços. Tinha índio do pé tão encascurado (sola grossa) que não precisava nem de coragem e nem de fé, passavam *a passito no más*, outros corriam, alguns sarapecavam e muitos desistiam.

Com certeza, San Juan, padroeiro do tapuia (caboclo), olhava e dava risada!

Por fim, o guarani Inácio Paica, depois da apresentação de um gurizinho de doze anos que tocara sua cítara, com dedos firmes: sonatas, alemandas, sarabandas, correntes e boletos e muitas outras peças de insígnies maestros europeus, passou a mão na harpa, a cítara davídica, e começou a dedilhar suavemente as cordas sonoras intensificando aos poucos, não me sendo possível verificar a rapidez de seus dedos, nem tão pouco distinguir se a mão direita agora se precipitava na frente, ou se revoava na perseguição da esquerda.

Não me agüentei vendo tanta exuberância, pedi licença ao tocador e à minha amada e fiz-lhe acompanhamento com minha viola, que pinicava e repinicava o *pájaro guírapú*, a *araponga* dos brasileiros.

Depois das churumelas, a fanfarra composta de cornetas, flautas, fístulas, tiorbas, tambores, cítaras, saltérios, fagotes, violas e até piano transformavam a praça num grande fandango, num autêntico baile guarani, tocando e cantando, polcas, chotes, chamamés, bugios e, por último, a *caáteté* e *cururú* (danças indígenas antigas), valsas vienenses e rancheiras. A que eu mais gostava era a *Ca'airó do Uruguai* (Mate Amargo Uruguai) que dizia assim:

— *Oigalê tchê, ya se ajusta las pollera, porque las ranchera, hace potra ancha si señor. Miren como se menea e se colorea aquél guarani de verde, amala ya quien pudiera, me gusta quando se rí, porque saca adelante ajuera. Miren la cara e la vieja si no és la ilusión, ou se la vista no me engana, ou se lo hai prendido en la caña, como ternero mamon.*

Não raro, minha doce namorada pedia, ao som de minha viola, *Cielito lindo* e eu lascava, também, *Se quema el teyupá* só pra ver as guaranis rebolquearem as ancas e baterem o pé.

Nossas vidas corriam tranqüilas como as águas do Piratini, melhor era impossível, não fosse, a dúvida, o veneno do meu ciúme felino, de tudo e de todos, dizem que de herança paterna. Era só eu cismar com qualquer índio cascudo e pronto, estava armada a *peleia* de palavras e até vias de fato. Infelizmente, isso foi corroendo, dilacerando, enfraquecendo e terminando com aquele amor tão puro, cuja união era postergada de ano para ano.

Como diz o velho adágio chiquito (nação guarani do Rio Pilcomayo): “— Tudo que é bom, dura pouquito.” O mel, a luz do vaga-lume, a primavera, o verão, o amor, a juventude e a paixão foram se terminando, se apagando como o fogo na madrugada, mas, ainda assim, as ténues brasas restaram debaixo das cinzas.

A guerra, a maldita guerra entre espanhóis e portugueses, estava sempre presente nos nossos dias, as do passado entre nós, e dos caingangues e tupis estavam esquecidas. Com a liberação,

pelo nosso rei dom Fernando IV, do uso de armas de fogo, o padre Antonio Sepp resolveu tomar medidas militares e criou a Milícia Missioneira, que, inteira, chegou a ter quase vinte mil guerreiros, a qual era composta em cada povo, de oito companhias: quatro de infantaria, que manejavam os trovões de fogo (mosquetões), e quatro de cavalaria, que lutavam principalmente de lança, mas que usavam também as *três-marias* (boleadeiras), laços, clavas, as espadas e os facões.

Os nossos treinamentos eram efetuados festivamente aos domingos à tarde, ao som de clarim e rufar de tambores, conjuntamente com dois pelotões de soldados espanhóis, que ficavam estacionados mais de mês no *tambo*, a uma légua da Redução, local que servia de acampamento e pousada para carreteiros, índios e chinas desgarradas, viajantes e militares espanhóis.

Além disso, padre Antonio criou um verdadeiro Estado Republicano, pois elaborou leis civis, criou a magistratura, instituiu um consulado, nomeou questores, e colocou à testa da povoação juízes com direito a todas as fases.

No corpo do exército, formado para conter as investidas dos brasileiros, foram investidos alguns índios e caciques, no encargo de general e demais patentes de capitães, coronéis, alferes, tribunos, vice-tribunos, lugares tenentes, questores, comissários, embaixadores e centuriões e toda a disciplina em tempo de guerra.

Precisava ver a faceirice dos guaranis empertigados nas suas fardas e ostentando as suas insígnias tal qual os espanhóis.

Imagemem o meu posto!

Veio daí a crença na Europa, de que nossos padres quisessem se tornar independentes da coroa espanhola, o que seria possível; se tinham essa intenção, nunca me disseram, o aparato de guerra era para fazer frente aos ditos mamelucos paulistas e agora ao exército português, que avançava às portas de Buenos

Aires, fundando a Colônia do Sacramento e começava até a trazer um povo das ilhas do *pará* (mar), chamados de *açorianos* para estabelecerem trincheiras em nossos rincões.

Minha amada prenda começou a ficar de lado, pois eleito como tenente-general (corregedor), eu, Sefé, ponteava meus comandados, a milícia missioneira de alto a baixo nos rios Paraná e Uruguai para as vacarias do mar, da serra e do planalto, no Tape (caminho) antigo, rios Jacuí e Ibicuí e depois Laguna, Viamão, Rio Grande, Sacramento e até em São Paulo fomos, de certa feita, espionar os mamelucos paulistas e ainda, no Chaco, no Peru e, várias vezes, com três mil guaranis missioneiros, em Buenos Aires.

Com essa sina e as insígnias pesando nos ombros, passando e acampando por todas as Reduções, arregimentando e treinando guerreiros guaranis passando por horas boas em festas e festanças é que olhares apaixonados foram surgindo, uma aqui outra ali, solapando aquele amor, puríssimo como o bronze dos sinos de todos os povos das missões.

Fulana Ade-lê no Mondecaá, Beltranas em San Luís, Siclana Bernardina em San Joaquim, Jurema no Rio da Prata; La Rossa, *hija* de mestiça em San Francisco de Borja; Diva em Sacramento; Isabel (Sevé), no Rio Tebiquary; Ana, em Santa Tereza dos Pinarés; Lorenita, em Laguna de Los Patos, Lourdes, *hija del* governador Assuncencho, dom Christóbal Garay; Vera la Ronda, em Visitação e Mitái Locos, de Corrientes.

Todas, belas filhas de guaranis, espanhóis e até mamelucas fizeram parte, ainda que fugazmente, da minha vida amorosa. Cada uma com um atributo divino que me cativava momentaneamente, outras, dias, meses, nunca um ano. Aquela alta e esguia de olhos verdes como as penas da caturrita; outra de cabelos negros como o anu e a boca de mel; esta, o corpo bem pequeno, toda bem feita, de beijos ardentes; uma alta esbelta, voz doce e corpo sempre quente; ela, a entrega total sempre querendo mais;

a outra vizinha, invejosa, me amou só pra fazer ciúme; aquela que me tocou não ficou frustrada para o resto da vida, com todas tocávamos por música; com a penúltima, doces momentos que cruzam meu pensamento, e, a última, ainda nos ruborizamos quando nos vimos na sombra do marmeleiro, imaginando o que fizemos no sereno da madrugada. D’outras mais, nem se fala, fica feio, foram nos meus arreios.

Embora com todas não tenha dado certo, de todas guardo suas cartas com carinho, não para me engrandecer, mas para recordar (com qual teria dado certo), para dar graças a Deus por me ter dado tão doces e saudosos momentos com as criaturas mais lindas e belas que meus olhos viram e minhas mãos sentiram, como esta e aquelas outras que me escreviam assim:

Povinho de Tijuco Camba (barro preto), do Povo de San Miguel, 29 de março, dia de Santo Eustácio.

Meu bom amigo Sefé! Há poucas horas que recebi tua carta, e espero que esta vá encontrar-te muito feliz. Sinceramente Sefé, nem sei o que vou te escrever, não acho palavras para expressar o que senti naquele momento ao ler tua carta, pois foi um duro golpe para mim, apesar de que nada tínhamos, como tu mesmo disseste, era apenas amizade.

Já li a carta para a mãe, pois quando a recebi saí do armazém da Missão e vim para a minha casa para ler, mas nesse instante eles (no armazém) precisaram de mim, e ela veio me encontrar lendo-a, aí já aproveitei e li-a para ela, e ao terminar disse-me: “Nairã, a vida é assim mesmo, um dia tu encontrarás teu guerreiro e serás feliz, não ficas triste, ao menos ele foi sincero contigo, não te enganando, iludindo-te, foi um bom amigo, filha.” Sim Sefé, não desprezarei a tua amizade, tu foste sincero comigo, acho que foste o único guarani que até hoje me falaste a verdade. Sim, como te disse, dos mil talvez tu sejas o um.

Como dizes que estás sofrendo por minha causa, ainda que seja apenas por amizade, não quero que sofras Sefé, não mereço tanto, sejas feliz, és merecedor dessa felicidade.

Fizeste bem em tê-la perdoado, porque tu seguias o impulso do teu coração, tu não a perdoaste simplesmente por ser um ato divino, não, porque até essa data, tu ainda não tinhas conseguido esquecê-la e ainda gostavas dela, por isso, tenho experiência própria, porque uma vez já perdoei alguém, nesse mesmo sentido, mas que infelizmente foi em vão.

Sefé, recorda-te na última carta que te escrevi que disse que tinha algo para te contar, foi ele que na quarta-feira retrasada, novamente, veio querendo recommençar tudo, mas não concordei, porque já não acredito mais no que ele diz e, mais uma, acho que talvez esteja esquecendo-o, e é por isso que não mais acredito no que os homens dizem, mas depois de ter falado contigo, tu devolveste-me um pouco de confiança e esperança na vida, apesar de estar desiludido também, naquele dia.

Sefé, realmente eu sou triste, não queria confirmar aquele dia, mas agora pouco importa, eu quero ser uma guria alegre, mas como tu mesmo disseste: “Os olhos dizem o que a alma sente!” Tu devolveste-me um pouco de alegria, mas agora eu tornei-me mais triste ainda, fechada comigo mesma “minha tristeza e eu”.

Bem, tenho esperança de ficar conhecendo tua namorada, espero que um dia tu mesmo me apresentes a ela, já que nem o nome dela sei, mas desejo a vocês toda a felicidade que pode existir, pedindo a Tupã que seja realizado teu grande sonho, e que com o tempo ela te devolva a confiança. Sefé, lembra sempre disso, que errar é humano, ela errou, mas agora, meditou e viu seu grande erro, porque se ela não gostasse de você, porque teria namorado tanto tempo? Vós sereis felizes, tereis um lar, filhos, tudo que de belo pode existir no mundo, vos desejo isso do fundo do coração. Sefé, escuta, sê mais uma vez sincero comigo respondendo o que eu vou perguntar: tu, quando escreveste a segunda carta, já tinhas esperança de se acertar com ela, não é?

Talvez, no íntimo, tu rezavas para que isso acontecesse, mas como tu mesmo disseste: “Quando digo uma coisa não volto atrás!”. Só estavas esperando que ela desse o primeiro passo.

Aqui finalizando, desejo a vós todas as felicidades, e espero que um dia ainda nos encontrarmos, pois não guardo rancor de ti, de maneira alguma, pois tu sempre foste bem claro com tuas intenções. Talvez um dia se me der coragem, irei fazer uma visitinha aí no teu povo, quando eu for a San Juan.

Então, um “até breve” de tua amiga.

Tu és um amigo.

Nairã Arian

Só para lembrar, pequenos trechos de poucas, das muitas manifestações de amizade, carinho e amor:

“Eu, de ti guardo a imagem, de tudo sem procurar esquecer, mesmo não entendendo tua indiferença. Um abraço e obrigada pela felicidade que me deste sem eu merecer”.

“B”

“Agora, na solidão do meu teyupá eu te escrevo para confessar o meu amor. Sei que nada representarei na tua vida, mas sou feliz, uma felicidade só minha por te amar. Desejo te ver feliz, não triste como estás, com um beijo da sempre tua.

“IK”

Sábado fui te procurar em tua casa. Encontrei a porta aberta e entrei, chamei, e ninguém atendeu. Uma gurisa da vizinha me disse que

tu havias viajado para a Redução de Santa Maria La Mayor. Sefé, na tua volta, quero muito falar contigo.

“L”

“Naquele dia, quando tu me disseste que deixarias uma porta aberta para nós, não era verdade, pois já bati nela três vezes e não te encontrei para abri-la.”

“M”

Sefé, como eu gostaria de ter certeza que tu me amas ou que tu gostas de mim, mas sei que isto é impossível e sei também que nunca vais me dizer por que tu te achas gato escaldado e eu pago o pato por isto. Espero que tu me compreendas e se puderes ou, se eu merecer, sinta por mim o que eu sinto por você.

Mil beijos, “A”

Esta carta não é somente uma mensagem de amor, mas a confirmação do meu apreço por tudo que tu representas para mim.

Amor, “D”

Aqueles que dão amor, dão porque querem dar, não precisam de agradecimentos, porque sua maior alegria é saber que deram, amor. Basta isso para torná-los satisfeitos.

“AT”

*Durmas com os anjos para poder sonhar
comigo, para depois sonhar com os anjos e
poder dormir comigo.*

Ivotí, “EF”

Mas o tempo, que pra mim ainda havia, e muito, não perdoava, foi passando, *despacito*, entre escaramuças, trabalhos, festas, entreveros, acidentes, batalhas, estragos, guerras e feridas, e entre ilusões e desilusões fui descobrir, tarde demais, lendo e relendo as cartas que escrevi para minha *alma igual*, às vezes perto, outras longe, que saí pelo mundo procurando o amor que perdi, mas infelizmente não o reencontrei. O verdadeiro, o insofismável, definitivo, ainda se encontra, depois de mãos e mãos de invernos e verões, escondido, quieto, debaixo das cinzas, pronto para ressurgir, basta que n’algum dia de trovoadas, apenas um leve minuano sopra, para que rebrote inteiro, lindo, juvenil, puro, sereno e feliz, embora os anos passados, os braços caídos e o rosto enrugado digam o contrário.

Hã...? As cartas? Ah! As cartas, apenas a escrevi, não foram mandadas. Os *chasqueiros* (estafetas) percorriam todas as Missões levando os *chasques* (cartas) e tudo passava pelo crivo dos padres, eu não poderia mandá-las, pois descobririam meu amor pecaminoso, adúltero, passível de excomunhão e castigo divino. Não é por acaso, que as carregou comigo no embornal, vou lê-las pra vocês, umas duas ou três, para que talvez entendam minha desdita, pois vejam lá, depois de tudo terminado, com uma música começou e com música se findou numa noitada, por causa de um tal de Hochengo Caró, carancho carniceiro, adúltero tropeiro, *chivito monteiro*, miserável madeiro, arrastou-a pelo terreiro e se fez dono do meu mundo inteiro. *Tupã* te perdoe, agoureiro, macumbeiro, feiticeiro, filho-de-milico-e-ferreiro com uma *yegua* e uma sorra, sorrateiro *cavarámé*.

— Eil! Ei... e as cartas...? Leia-as, estou esperando para ouvi-las! Pare de xingar!

— Então espere acocorado, fiquei com raiva de lembrar do traste e da concubina, digo, do *cavarara'i* (cabrito) e da *cavará* (cabrita), vou buscar água na cacimbinha e já volto, me espere com o mate.

Ainda existia remendo para aquela rota situação, embora um tênuo fio de amor ainda existisse entre eu e ela, creio eu, não fosse o destino malévolos a me instigar a cavar um fosso maior ainda.

Lá no *tambo* (albergue), além dos viajantes e da soldadesca que não podia entrar na Redução, um *teyupá* abrigava chinas expulsas e perdidas, e entre elas uma mameluca francesa de nome Marô, que por acaso se engraçou comigo e me desgraçou. Contando ninguém acredita, até periga a verdade. Sem eu saber, essa dita, era china do *perro* Caró e foi duas-e-três estava formada a lambança, e todos ficaram sabendo quem era quem, e imaginem quem saiu perdendo: Eu! O cão ficou com minha alma igual e eu fiquei com o resto dos restos.

Todo o santo dia, no cair da noite, para que não me vissem, meus pés e meu cavalo me levavam ao *teyupá* das perdidas, e eu comecei a gostar do *cognac* da perdida de nome Marô, e a chafurdar cada vez mais nos seus braços, não que a amasse, mas para esquecer aquela que já não era mais minha.

Eu, um tenente-general, um corregedor, afundei barbaridade na bebida e, ainda, negligenciava os meus afazeres junto ao meu povo, acho que só permaneci no cargo, porque o padre era *mui* amigo desde o tempo de meu pai, e também porque precisavam de mim, havia rumores de tratados e transmigrações, a incerteza pairava no ar.

Depois de meses nesse vai-e-vem, numa noite das mais tenebrosas da minha vida, medonho temporal desabou, o céu estava escuro como carvão, e armou-se nas redondezas do ran-

cho uma briga terrível entre vários *perros* que ganiam, acoavam, rosnavam, ouriçavam-se, mordiam-se e rasgavam-se uns aos outros por causa de uma *corrida*.

Com o perdão da má palavra, pareciam *demônios* brigando no inferno, quase não dormi naquela noite. De madrugada, na mesma noite, o sonho terrível, mas salvador, sonhei que eu era um daqueles *perros* brigando, corpo de gente, mas meus pés, não eram pés, um arrepio me corre pelo corpo quando conto, eram patas de chibarro, eu estava me tornando um *danado*, pra não dizer outra coisa, perdido, que andava com a perdida e com a bebida.

De manhã, rememorei o sonho e disse para mim mesmo: “— Você é um guarani ou um mão-pelada (guachinim)? Um filho de *Tupã* ou um caipóra? Existe só uma índia no mundo? Pois eu sou um *avá* (homem) e não existe só uma *cuñá* (mulher) no mundo, e pronto.”

Daquele dia em diante deixei da china perdida e do seu *cognac*, levantei a cabeça e segui meu destino.

Na Semana Santa, procurei o confessionário do padre Te-xedes e contei-lhe ao pé do ouvido todos os meus pecados, desde ter desonrado as filhas das viúvas até o alcoolismo e a concupiscência com a Raab Marô, e alguns outros de somenos importância.

O meu pedido de perdão a *Tupã* e às pessoas com quem procedi malevolente foi sincero e abaixo de sentidas lágrimas. É a pura verdade! Este cacique chorou de arrependimento na Catedral. Somente a elas, até hoje, não tive coragem de pedir perdão, mas um dia ainda, sei que faço.

Até o dia de hoje, passados que são, tantos e tantos anos, nunca mais nos falamos, nos vemos de vez em quando, em silêncio, ambos morando na Redução de San Juan.

Por ironia do destino, certa noite eu voltava de uma festa de braço dado com outra, por sinal sua vizinha de porta, quando ao passar pela sua casa, para me cutucar, embora eu soubesse, me disse parando de frente:

— Sabias que amanhã ela vai se casar só no *cuatiá* (papel)?

Respondi que sabia, mas não me importava mais, ela tinha escolhido outro e eu seguiria o meu caminho, não voltaria jamais para trás, como não voltei até hoje. Mas na verdade, naquele momento eu tive vontade de sentar o pé na porta, atravessar o adobe a murros e ir me ajoelhar na frente dela, pedir perdão e casar-me com ela. Não foi medo, nem por causa das consequências, foi sim o danado do orgulho, da palavra “não”, que me impedia de tomar uma atitude, constrangedora, mas que talvez me tivesse dado outro destino. *Mala suerte...* má decisão, ah! Segui meu caminho. Lorenita sorria intimamente de sua doce vingança.

No dia do casamento, o meu dia foi sofrido, só o som da minha viola me consolava, as notas sentidas e os meus *ais* vagavam pelo meu peito. Ali pelas três horas da tarde, mal comparando, com *Kitú* (Jesus), tudo havia terminado, era de outro, de corpo e alma, já tinha sido minha, nunca mais nossas almas iguais se juntariam. O vaso do amor em formato de coração, se quebrara em inumeráveis cacos, não havia mais como juntá-los, cada um se encarregou de pisá-los ainda mais, para enterrá-los no fundo do coração e não mais adornar a vida.

Remoendo o remorso, disfarçando e escondendo a dor, a vida retomou o seu curso normal, a cada dia mais e mais correias e tropelias em todo Tape, as nuvens que vinham de Buenos Aires traziam más notícias.

As mateadas com dom Tibiri e as alegres e divertidas tertúlias com o padre Antô começavam a voltar com a minha lenta volta à vida. Eu sorria novamente só de vê-lo falar atrapalhado.

Em vez de “Sefé”, me dizia “Sepé”, em vez de “Severino”, dizia “Ceferino”, mas eu não ligava, até porque éramos grandes amigos, sua confiança em mim era irrestrita e eu já tinha provado em diversas batalhas e refregas o meu valor guerreiro.

Em vez de “sebo” dizia “cepo”; “no” Igreja; “na” rancho; “o” viúva “da” Pajé; “no” horta “do” fulana; “na” pessegueiro e *outras más*:

— Eu nong estar braba com focê, eu estar uma ferra. Índia mau comeu a meu boi e fez fodo com o arrado. E depois me dizem: *‘Pay, pay, che oro haí hù*, (Pai, pai, gosto de ti), *che pia guébe*. (do fundo do meu coração).

Eu me finava de tanto dar risada do alemão-guarani.

O CÉU DO TAPES

Certa noite, escura, mas azul como o vinho, estrelada e brilhante como milhares de vaga-lumes, o padre mandou apagar todos os luzeiros e ajeitou o seu *invento* no meio da praça, para que cada um de nós pudesse espiar as estrelas bem de pertinho no seu *telescópio* e, à medida que íamos olhando, alguns até pulavam para trás de assustados, aquilo que nunca havíamos presenciado ou imaginado, que pudéssemos quase tocar as estrelas. Ele ia dizendo:

— Aquelas são o Cruzeiro do Sul, o Pavão, a Abelha Índica (apis), o Camaleão e a Núbicula Maior e Menor. O Cruzeiro é a estrela Polar Antártica, sendo sua constelação parecida com a Ursa-Menor. Vejam, há outras estrelas mas eu não sei seus nomes, já aquelas mais pro sul são a Peixe-Dourado, as Pombas de Noé, as Andorinhas Marinhas, a Ave do Paraíso, o Fênix, a Pega Brasileira (Picabrasílica) e o Sagitário Indiano e outras estrelas mais. Ah! E aquela lá é a Vênus, que vocês e os Charruas chamam de Estrela Boieira. Em instantes, formou-se uma balburdia em roda, pois todos queriam ver as estrelas e tocá-las. A fila indiana ficou quase interminável, pois todos queriam de qualquer jeito ver e tocar as estrelas do céu estrelado de nossa terra.

Quando ele terminava a tertúlia, se punha de pé, fazia o sinal da cruz e dizia:

— A Deus, uno e trino, ao três vezes ótimo e máximo, seja honra e glória, por todos os séculos. Amém. Boa Noite, meus filhos!

E se mandou com o seu fabuloso instrumento de olhar as estrelas no céu.

Um bando de papagaios-xarão cortou os céus numa revoadada verde-anil que ecoou nas canhadas:

— Créu, créu, créu, créu, créu, créu, créu...

O estafeta de nome Taraguí (nome primitivo da cidade de Corrientes), montado num cavalo oveiro negro, entrou em San Juan a todo galope e estancou ao lado da Igreja. Eu o conhecia e, só pelo rompante, sabia que trazia boas notícias, pois logo um guri veio me entregar o *chasque*, que meu irmão igual, Oché Tiarayú, me mandou, convidando-me para seu casamento que iria realizar-se no dia 25 de janeiro, na Capela de Santa Terezinha, contígua à Igreja de San Miguelito.

É claro que fiquei muito contente com o convite e com a notícia, pois meu irmão merecia um bom casamento, pelo menos ele já encontrara a felicidade e eu teria muitos sobrinhos. Eu não perderia por nada esse casamento, a festa do corregedor, afinal, chegara a vez dele.

Era costume de nossa gente se casar cedo, com 15 a 17 anos, mas com a chegada dos jesuítas e o fim da poligamia para os da Ordem de San Miguel e as moças da Ordem de Maria, foram aumentando os solteirões. Oché já estava com trinta e um anos, já era hora. A noiva, Maria Curity, era boa moça da Redução de San Joaquim do *Buturabi* (Botucaraí), filha do *tuvichá* Robé Curity e já lecionava Espanhol e Guarani no colégio. Oché, que era instruído, ficaria mais ainda em tão bela companhia.

Desde aquela noite do sino chamado Kaloko, umas coisas não me saíam da cabeça: quem era Colón? Como se deu a descoberta do nosso novo mundo? Onde eram as Antilhas? Que povos lá viviam? E um monte de perguntas mais, até que, noutra noite, quando descansávamos de uma tropeada, sentados em roda do fogo grande de aroeira e espinilho, padre Antô nos

contou *cosas y lasas* sobre o descobrimento da América, desde a luta para conseguir a autorização e os meios para equipar as naus Santa Maria, Pinta e Nina, os perigos enfrentados durante meses navegando ao sabor dos ventos no desconhecido *paraguasú* (mar grande), os motins, as desordens, as traições, as esperanças, a vitória e a fé de Christóbal Colón de que daria volta pelo *pará* (mar) e encontraria as Índias, um país grandioso da Ásia, que já fora contatado por terra pelos comerciantes Árabes.

Depois de muito tempo de indagações, perguntas e respostas, me mostrou um mapa do *novo mundo* e nossa localização, suspirou e disse em monólogo:

— Quero contar-lhes um fato, para que todos vocês, ignoros paraguaios, saibam e continuem cultuando com toda sua força, a crença, a fé e a esperança em *Tupã* pai, *Kitú* filho e *Tupã Ñgatupîrî Marangatu*, nos santos, apóstolos e anjos altíssimos, pois é Ele que determina, assim como vim de tão longe para ajudar-vos, determinou também que os *novos mundos* fossem descobertos por Colombo.

— Eu vi, eu li, ninguém me contou, na *letera raríssima* dirigida por Salvador Gonçalves Zarco, vulgo Christóbal Colón à rainha Isabel de Castela, a católica, casada com dom Fernando de Aragon, que vos conto o que me lembro, como se fosse o grande navegador:

— No mês de janeiro estava obstruída a embocadura do rio e após um grande combate dos espanhóis com os índios locais, no qual morreram todos, ficaram num navio apenas Colón, seu irmão e escassa tripulação enfrentando tempestades, atormentados pela fome, mortos de fadiga e perdido as esperanças de salvação, pois o navio deles tinha ficado fora da enseada.

— Apesar disso, armou-se de toda coragem e subiu ao ponto mais alto, no calces do mastro, clamando por socorro em altos brados aos quatro ventos. Mas quem poderia ouvi-lo

naquele deserto de águas, só *Tupã* mesmo. Exausto, caiu no convés e adormeceu.

— Em seu sonho real ouviu uma voz diferente, apurada e refinada como o ouro lhe dizer estas palavras:

— *Oh insensato, porque tanta hesitação em servir ao teu Deus, o Deus do Universo! Que mais Ele fez por Moisés e por David seu servo, que não fará por ti? Desde o teu nascimento não te cercou sempre da mais terna solicitude? E quando te viu atingir a idade que Seus desígnios determinaram, não fez ressoar gloriosamente o teu nome por toda a terra? Não te deu as Índias, essa parte tão opulenta do mundo? Não te deu Ele a liberdade de doá-las a quem quizesse? Quem senão Ele te deu os meios de executar os teus projetos?*

— *Os laços que impediam a entrada do Oceano eram formados de inquebrantáveis cadeias. E Ele te deu as chaves. Teu poder foi reconhecido nas mais longínquas terras, tua glória foi proclamada por todos os cristãos.*

— *Deus se mostrou por acaso mais benevolente para com o povo de Israel, quando o tirou do Egito? Ou protegeu com mais eficiência a David quando o elevou de pastor a rei de Israel?*

— *Volta-te para ele e reconhece o teu erro, pois que a sua misericórdia é infinita e a tua velhice não será obstáculo aos grandes feitos que te esperam. Ele tem em mãos para te dar as mais brilhantes heranças.*

— *Não tinha Abraão cem anos e Sarah não havia passado ainda a sua mocidade, quando Isaac nasceu?*

— *Clamas por um socorro incerto. Responde-me: quem te expôs tantas vezes aos perigos em terra ou no mar, Deus ou o mundo?*

— *As vantagens, as promessas que Deus faz aos seus servos, Ele não as quebra mais, tudo o que Ele promete, as dá com prodigalidade e assim faz sempre.*

— Aniquilado pelos sofrimentos e por esse duro sermão durante o sono, não teve forças para responder às promessas

e argüições tão formais, chorou copiosamente, deplorando a sua falta de fé e a voz de Deus se fez ouvir um pouco mais e concluiu:

— *Espera e confia! Tuas obras serão gravadas no mármore e será com justiça!*

Do mesmo documento escrito por Colón na Jamaica em 7 de julho de 1503, dirigido à sua rainha, ele diz como se deu a descoberta do *novo mundo*:

— Ele partiu dum ponto acima do porto do Brasil, a tempestade o atirou a uma ilha chamada Lãs Pozas, ou Lãs Bocas e dali passou à terra firme. Ninguém nessas circunstâncias poderá fazer um relato exato pois lutaram muito tempo contra as correntes do Orenoco. Dali, seguiram costeando a terra firme que determinou pelo compasso e pela arte, mas ninguém pode dizer a que parte do céu correspondia pois os céus também eram desconhecidos.

— Quando partiu da ilha espanhola de Haiti, os pilotos atracaram na Ilha do Mago, quatrocentas léguas ao poente donde estavam. Os pilotos ficaram embaraçados quando Colón perguntou qual a posição de Verágua, o continente perdido.

— Sempre guiando-se pela exata ciência da Astronomia desceram a costa com os navios apodrecidos e esburacados e o mais estragado o deixaram em Belém, e que nessa região denominada Kariak havia encontrado muitos índios e grandes macacos semelhantes aos homens.

— Esse porto do Brasil, essa Belém desconhecida, e o país de Kariak, nomes tão brasileiros, só poderiam ser o continente sul-americano, o continente perdido de Verágua. Com certeza, Christóbal Colón foi destinado por Deus para descobrir não apenas a América Central, a Venezuela e a Colômbia, mas também o Brasil.

— Quando o grande navegador se propôs a procurar novos horizontes, sustentavam que não poderiam existir, quando os descobriu, pretenderam que de outros já eram conhecidos e a injustiça foi feita, em vez de *Colombianas* chamaram o novo mundo de *América*, para fazer honraria a um tal Américo Vespúcio.

Ao final da história, todos estávamos pasmos, boquiabertos como sempre, tínhamos até vergonha da nossa ignorância, ainda bem que com a vinda dos abençoados jesuítas, desde as trinta e duas Reduções que nos antecederam, começamos a entender os porquês da nossa existência, da nossa vida de bárbaros, até começarmos a escrever nossa língua-mãe e falar e escrever também em espanhol e latim, a fazermos nossas casas de *itácarú* (pedra ferro), de vivermos em sociedade, de plantar e colher nosso sustento, de sapear e cancheiar nossa erva mate, de criar e termos carnes para comer com fartura, de executar a marcenaria, a carpintaria, a escultura, a ourivesaria, a música e até a literatura em nossa tipografia. Tudo isso só foi possível pelos jesuítas, homens de honra e de fé, que vieram do outro lado do mundo para nos salvar e nos instruir. Graças a *Tupã*.

NAVIDAD EM SAN JUAN

Falando em casamento, ia me esquecendo de te contar sobre o Natal, os primeiros que passamos juntos, quando jurávamos amor eterno.

A Igreja de San Juan estava toda enfeitada, assim como no seu dia, com a diferença de que fazíamos um presépio com o *Guri Kitú* (Menino Jesus) deitado numa cama de couro, afofada com palha de milho, sua mãe Maria, seu pai adotivo José, rodeado dos pastores e dos bichos, patos, galos, vacas, burros e passarinhos, imagens esculpidas em cedro e de barro.

Durante toda a Santa Missa, os guris e as gurias faziam a representação dos reis magos chegando a cavalo, os pastores ouvindo e cantando as músicas celestiais, a entrada dos reis, Gaspar, Melchior e Baltazar entregando olíbano, ouro e mirra depois do nascimento de *Kitú*, os diálogos com José e Maria e as despedidas.

Danças de júbilo, tal qual Davi, eram apresentadas pelos dançarinos acompanhados pela harpa paraguaia, inventada pelo padre Antonio Sepp, seguidos de interlúdios dos fagotes, violas, tiorbas e flautas.

Terminada a missa, vinha a troca de presentes ali mesmo. Nós, os caciques, que sentávamos nos primeiros bancos, recebíamos os melhores presentes. Alguns dos padres, outros, vindos de Buenos Aires e Assunção, dos governadores, mandados pelos provinciais e procuradores, geralmente utensílios de guerra

e do dia-a-dia, como adagas, trabucos, espingardas, machados e formão.

Depois, íamos para a praça para o grande banquete de variadas iguarias e de um saboroso *chamuchina* (churrasco) regado a vinho e mate.

Pode-se dizer que todos os presentes foram feitos pelo padre Antonio, que, por sua vez, ensinava a todos que tinham propensão, fossem trabalhos manuais, domésticos ou de música. Tinha em Inácio Paica o seu fiel seguidor, índio de mil ofícios, pois era ourives, ferreiro, carpinteiro, escultor, músico, cantor e *outras cosas más*.

Foi ele que fez a *vincha* (faixa) de ouro, o *yasimimbí* (lunar), presente dado pelos *tuvichá*, quando escolheram Oché Tiarayú general corregedor de todos os guaranis.

Sem que ela soubesse, encomendei-lhe um relógio pequenino para que pudesse ver as horas de dia. Acho que ela gostou muito do presente, pois deu um jeito de atá-lo no pulso com uma tirinha de couro curtido e tere-te-tê estava olhando o dito relóginho do sol e me dizendo as horas.

Por outro lado, Gabriel Quiri era um músico de mão cheia, tocava todos os instrumentos que se conhecia na Missão, até piano, a par disso, também era ourives e fez pra ela uma corrente de ouro com um crucifixo, que ela me deu de presente no Natal, juntamente com uma folha de papel que se abria e saltavam pássaros, flores lilases e rosas vermelhas e amarelas de dentro dela, bordados com dizeres *mui lindos* que ainda os sei de cor:

*Tu és todo o espaço:
És o sol, a terra, o luar..
Tu és o verde traço
Que liga o céu ao mar!
Tu és branca espuma
Que se ergue do mar*

*Tu és a criatura
Que eu sempre hei de amar.*

*Pra ti, amor, no nosso primeiro
Natal, que seja de paz e tranqüi-
lidade, cheio de ternura e amor.
Sinceramente, tua
Torí Purutu'é.
25 de dezembro.*

A alegria pelos presentes trocados era visível, mas a alegria que ia nos nossos corações ninguém via, era invisível e indizível, tanto amor e tanta ternura, nos abraçando e nos beijando, caminhando pelas ruas e pela praça colorida de San Juan, alegres e sorridentes, aqui e ali, cumprimentando e conversando com os amigos, era impossível dizer que tudo aquilo n'algum dia se evaporaria como a fumaça das labaredas nos campos no fim do inverno.

Sempre no dia oito de agosto ateávamos fogo para renovar os pastos.

Depois do Natal último que passamos juntos em paz e harmonia, não consigo mais gostar de nada, nem da Missa do Galo, tudo pra mim é um suplício, a saudade vem, a dor volta e as trocas de presentes já não tem muito sentido.

Quem sabe... quem sabe num outro Natal tudo seja diferente.

Dei por finalizada a conversa, montei a cavalo, cutuquei de leve o douradilho e sai dentro da noite. O galo cantou longe três vezes, era meia noite, sinal de *cunumí* (moça) roubada. Parei no alto da coxilha pra um pito, eu, meu cavalo, solito com *Tupã*, o orvalho amarfanhado suspirou do fundo da grama, a lágrima rolou pelo seu vinco e a terra bebeu toda minha amargura.

O dia era quente uma barbaridade, apesar der ser primavera. Eu, o padre e mais alguns compadres tomávamos mate na

cua de porongo na sombra duma figueira quando os ervateiros começaram a chegar, com as carretas, abarrotadas de barricas de *yerba-mate*.

Minha gente passava três a quatro meses embrenhadas nos ervais, erguiam barbacuá, sapecavam e cancheavam a erva lá no mato, para depois trazê-la, armazená-la e reparti-la, só a sobra, que era bastante, era levada Uruguai abaixo para ser vendida em Buenos Aires como pagamento do imposto de cada um de nós ao rei dom Felipe III. Vai daí, perguntei por que não se descia o Rio Jacuí e se vendia *la yerba* na Lagoa dos Patos? Contestou-me *el pai Antô*:

— Nossos jesuítas, ao tempo do padre Roque Gonzáles de Santa Cruz, tinham grandes estabelecimentos de erva, couro, algodão e linho para os lados do Rio Uruguai e em diversos pontos espalhados pelo interior, em uma época que o governo português não havia ainda avançado nesta parte dos Campos Neutrais, sentiram grande necessidade de ter um porto de mar, tanto para facilitar suas comunicações com a Europa como para conseguir um escoadouro mais perto das Missões.

Suplicamos então, muito humildemente, ao poderoso rei de Portugal que nos concedesse a propriedade perpétua dessa *pequenina lagoa*, que o padre Roque chamava de *mbiguá (pato pintado)*, para nela criarmos patos.

O Rei nos deu a lagoa, mas ao cabo de alguns anos mandou examinar o lugar e descobriu, não sem algum despeito, a mistificação, para não dizer a mentira de nossos padres. Entendendo que não devia continuar como vítima da astúcia dos jesuítas, o governo português retomou seus direitos sobre a lagoa e conservou, entretanto, até os dias de hoje, o nome dado pela nossa santa corporação.

Ao final, padre Antô se contorcia de dar risada do *causo* e da peça que pregaram no rei de Portugal, mas nunca se conseguiu levar erva mate por ali, embora tão perto.

— Já que estamos mateando, te pergunto Sefé, conheces a origem da erva-mate?

— Como não, meu bom padre? Conheço a nossa, *la versión de ustedes y la más antigua de las antiguas*, quieres que te conte?

— *Si, como no*, desejo ouvi-lo.

— Bueno, tudo começou lá no longínquo Peru, com os Incas e os Quíchuas nossos parentes e tomou conta de nossa gente guarani. *Tupã* entregou a erva *ca'á* aos feiticeiros pajés para que estes descobrissem seus poderes e virtudes e a usassem para o bem dos guaranis, porém diz a lenda que um velho índio guarani, impedido pela velhice de ir à caça do *yaguareté* e às guerras com outras tribos, tinha a seu lado como único alento e sustento na solidão, uma única filha, a bela donzela Yará. Dizem que numa tarde receberam a visita de um estranho viajante, e o pai e a filha o trataram muito bem. À noite, o estranho dormia embalado pelo canto da bela Yará e no outro dia confessou que era um enviado de *Tupã*, e insistiu para que lhe pedissem qualquer presente que precisassem. Disse o ancião que a única coisa que lhe faltava era encontrar algo ou alguém para confortá-los nos seus últimos anos de vida, para poder deixar em liberdade sua filha para casar-se com algum valente guerreiro. *Tupã*, então, concedeu-lhe duas coisas: uma árvore de *ca'á* carregada de folhas verdes das nascentes do Rio Piquirí, cujas folhas seriam um fortificante revigorante e perpétuo companheiro para o índio na solidão da velhice e, para Yará, lhe outorgou o dom de ser o símbolo e a guardiã da erva como protetora de sua raça. Assim ela passou a ser chamada *ca'á-yará*, a senhora protetora dos ervais e dos ervateiros.

Todos ali assentiram da veracidade do *poranduva* (relato), só que padre Antô acrescentou, assim como eu sabia que ele o

faria, que o estranho viajante nada mais era do que San Tomás, que nos chamamos de Pay-Tumé, que por aqui andou em priscas eras.

Respondi no pé da letra:

— *Pero me gusta*, às vezes, cantar.

Saquei *la guitarra* em sol maior e abri o peito num chamamé qual sabiá na *mbutiá* (palmeira):

*Santo Tomé iba um dia
orillas Del Paraguay,
aprendiendo el guarani
para poder predicar.*

*Los jaguares y los pumas
no le hacían ningún mal,
ni los jejenes y avispas
ni la serpiente coral.*

*Los chontas y los motacúes
palmito y sombra le dan;
el mangangá le convida
a catar de su panal.*

*Santo Tomé los bendice
y bendice al Paraguay;
ya los índios guaraníes
le proclaman capitán.*

*Santo Tomé les responde:
“Os tengo que abandonar
porque Cristo me he mandado
otras tierras visitar.”*

*“En recuerdo de mi estada
una merced os he de dar,
que es la yerba paraguaya
que por mi bendita está”.*

*Santo Tomé entro en el río
y en peana de cristal
las aguas se lo llevaron
a las llanuras del mar.*

*Los indios, de su partida,
No se pueden consolar,
y a Dios siempre están pidiendo
que vuelva Santo Tomás.*

DECLARAÇÃO DE GUERRA

Alguns anos se passaram, padre Antonio Sepp e José Te-xedes se foram. Ouvi dizer que para San Inácio ou Assunção para tratamento de saúde. Nunca mais os vi, só ficou a saudade e muitos causos e histórias guardados na minha memória, graças a pai Antô.

Um jesuíta ia, outro vinha, e eu... resolvi que, estando longe dos olhos dela, estaria longe de seu coração, então, ainda muito machucado, me mudei de mala na garupa do pingo, com meus avios de mate *porungu*, *cuia* e *tacuapí* mais para o sul, me fui a San Miguel, afinal de contas, ainda tinha lá minha *sí* (mãe) e meu irmão Oché (José), o *porocuaítara* (corregedor), índio bom de laço, de boleadeira, na lida de campo, tropeiro, cancheador, guerreiro astuto, atilado e valente, sem falar que falava e escrevia nas duas línguas e arranhava o português, conhecido e respeitado, tapejara, trilhava e conhecia o *tape* (caminho) como a palma da mão.

Recebeu-me com um sorriso do tamanho do Jarau (Cerro do) e com um abraço mais apertado que nó de sovêu. Sua esposa Maria Curity, que eu não via desde o casamento, já tinha dois filhos, uma guria e um guri, já veio com o mate servido e uma pipoca com mel.

Escarrapachados nos mochos, na rua principal da Redução, defronte à majestosa e imponente Catedral, os passantes nos acenavam, o mate corria solto e as novidades e os causos foram se sucedendo, entardeceu e anoiteceu, o churrasco veio e junto com ele o vinho, a *mbaracá* (guitarra) e a cantoria. Já não se sabia

qual de nós dois era o mais contente, afinal de contas, parece história, nós, já passávamos dos cinquenta minuanos, um dou-radilho e um tordilho, como nossos cavalos.

O fogo grande no meio da casa, de cambuim e guamirim, faiscaya e piscava, pareciam pedras de fogo, era noite alta, a lua cheia já descambava e os pelegos convidaram.

— Boa noite! Durmam bem, durmam com *Tupã*.

No outro dia, domingo, seis da manhã, repique de sinos, conversa grande com o padre e os *tuvichá* amigos, mate e mate, e churrasco, e entrava dia e saía noite, parecia que não teria mais fim aquela festança. A alegria do reencontro com a parentela, com as coisas e lugares daquele local, afinal de contas eu também nascera ali, mas me parecia que tudo tinha mudado, tudo era diferente, até os dias sorriam para mim.

À noite, eu dormia e sonhava com ela, mas no raiar do dia a passarada, o “— Créu-créu!” dos papagaios, os relinchos da cavallhada no potreiro, o vozerio da indiada, cada um pra sua roça, a risada das moças e até o resmungo das viúvas me davam uma alegria imensa, parecia que eu pisava leve, flutuava alto, o peito estufado, cheio de ar, os olhos brilhantes olhavam o horizonte, os campos verdejantes, as matas, os algodoais branquejando, o som das machadadas no mato e do “— Era boi!” na olaria, tudo isso e mais um pouco não se explica, se sente, até o barulho da grama, a brisa na carqueja e o cricrilar longe dos grilos, e as siriemas lá no fundão se tornavam perceptíveis ao aguçado e alerta tímpano deste guarani, e a alma embevecida se enchia de alegria.

As semanas vieram e os meses se foram, depois dos amonitas, vieram os filisteus, era muito bom para ser verdade, as incertezas de nosso viver também vieram com os jesuítas e parece que, entrecortado de períodos de paraíso, vinha o purgatório, e talvez viesse até o tal de inferno baixar na nossa terra.

Dom Hermínio Cabrera, o estafeta chefe do superior geral das Missões, padre Matias Strobel, montado num lubuno entrou a galope e apeou, correndo direto à casa do padre Lourenço Balda... sacou do embornal um maço de cartas e os entregou.

Não eram boas notícias, eu lhes juro, pressenti que não eram e não erre!

Não demorou muito, lá se vieram o padre Lourenço e seu ajudante foi convidando todos os *tuvichá* para uma reunião particular na sede do Cabildo. Estava mais sério que burro atolado. Pegou uma *jirimu* das bem grandes e redondas, colocou-a em cima de uma mesa e lascou:

—Vós sabeis quem descobriu esta terra que chamamos de América? — Todos ascenderam com a cabeça que sim!

— E sobre os Tratados firmados entre os reis de Espanha e Portugal, quem sabe? — Só eu levantei a mão, pois padre Antonio contava desde o descobrimento, passando pelos Incas, o Peru, o Rio da Prata, Tucuman, Paraguai, Brasil, os trinta Povos e até o dia de hoje no lado de cá do Rio Uruguai.

— Muito bem. As coisas se passaram mais ou menos assim: no ano de 1493, antes da descoberta deste *novo mundo*, o Papa Alexandre VI, emitiu uma bula, um decreto, dividindo o planisfério, digo, o mundo em duas partes iguais, como o faço aqui. — Pegou um facão e cortou a abóbora de alto a baixo.

— Uma metade, chamada agora Índia Oriental, ficou para os portugueses e a outra, as Índias Ocidentais, para os espanhóis. Depois vieram outros tratados anulando uns e validando outros, e revogando e definindo distâncias, *Uti possidetis*, *Utrecht* e não sei o que mais, mas continuaram brigando cada um querendo avançar e abocanhar mais um pedaço de terra do outro.

— De 1540 a 1680 vivemos em relativa paz, pois através de casamentos as duas coroas se uniram numa só. Agora, a bem dizer *ontem*, dia 13 de janeiro de 1750 na cidade de Madrid na Es-

panha, se reuniram nosso rei dom Fernando VI e o de Portugal dom José I e fizeram um novo tratado, para ver se terminavam com a discussão e guerras sobre a Colônia do Sacramento e outras terras de além mar, então, resolveram fazer uma permuta em 17 de janeiro de 1751.

Padre Balda, à medida que falava, ficava mais ansioso e vermelho, até que num sofregão disparou:

— Portugal entrega para a Espanha a dita Colônia do Sacramento e a Espanha, por sua vez, entrega os Sete Povos das Missões para Portugal.

Silêncio e estupefação... sem entender ou acreditar no que estávamos ouvindo!

— E tem mais. — Disparou o padre. — Até duas comissões demarcatórias já foram nomeadas e começaram os preparativos para demarcar a parte de cada um. Já vieram ordens também do novo superior geral das Missões, frade Luiz Lope Altamirano e do padre Raface de Córdoba, para começarmos a organizar a transmigração da nossa gente para as Reduções dos rios Paraná e Paraguai.

Depois de novo silêncio, a estupefação deu lugar aos improperios e a revolta irada.

— É um absurdo!

— Que disparate!

— Estais loucos!

— Que se passa?

— Não concordamos! Jamais!

— Estas terras nos foram dadas por *Tupã* e San Miguel. — Exclamou Oché Tiarayú.

— Pagamos até tributo! — Gritou Cunhatá.

— Os espanhóis esqueceram que nós somos o seu braço armado contra o Brasil. — Lembrou dom Tibiri, vermelho de

brabo. — Isto não se resolve assim, vamos ouvir mais detalhes e depois reunir o Conselho Geral dos Sete Povos.

— Esperai, vos falo mais. — Tentou nos acalmar o padre Lourenço. — Meus filhos, escutai-me!

Ninguém quis ouvir mais nada. Estafetas da nossa confiança foram despachados e se marcou um Conselho de Guerra para dali três dias em San Nicolau, onde na data aprazada nos encontramos.

Ali, ficamos sabendo que as comissões demarcatórias já haviam subido pelo Rio Negro e pelo Jacuí, talhando caminhos para entregarem nossas terras aos portugueses.

Quarenta e cinco *tuvichá* (caciques), dos Sete Povos estavam reunidos em volta do fogo grande de tarumã e espinilho, cada um, teve vez e voz para decidir pela transmigração ou pela guerra, somente três foram contra, dentre eles os de San Francisco de Borja e os demais, sob a liderança de meu irmão Oché Tiarayú e Nicolau Ñeenguirú II, declararam guerra a Portugal e Espanha e justificaram por quê:

— Primeiro, o apego à nossa querência, ao pago que nos viu nascer, depois, nossas famílias, nossas casas, nossas Catedrais erguidas em anos e anos de penosas labutas, nossas roças mimosas, nosso sustento, cheias de trigo, algodão, linho, milho e outras coisas mais, nossos pomares de deliciosos frutos, nossas estâncias forradas de gado vacum, de animais cavallares, muares e lanudos ovinos, nossos ervais de ricas ervas mansas, nossos barbacuás, nossas inumeráveis carretas e centenas de juntas de bois mansos, nossa fartura, enfim, nossas vidas organizadas, faustas e alegres.

Deixar tudo isso, já o fizéramos outras vezes, no Guairá, na Candelária, no Paraná, em Santa Tereza, no Ivaí, San Joaquim e tantas outras. Agora chegava! Paciência tinha limites!

Os espanhóis sempre precisaram de nossos braços contra os portugueses, ao contrário, nós não precisamos deles no Cha-

co, em Buenos Aires, no Potosi, no Sacramento, em Assunción e no Mbororé, afinal de contas, como já dissera dom Oché Tiarayú e testifico: “—Estas terras nos foram dadas por *Tupã* e San Miguel e antes de eles aqui chegarem já eram nossas.” Não era justo e nem sábio cambiarmos e, se preciso fosse, as venderíamos caro, com o sacrifício de nossas vidas. Era tudo ou nada!

—Vamos ver, de que lado, San Miguel e San Nicolau estão, dos mouros ou dos cristãos novos!

Os padres Carlos Tux e Lourenço Balda que vieram conosco nos apoiaram, mas outros decidiram pelo acatamento das ordens superiores e já, alguns, pela transmigração imediata.

Eleito pelos caciques, como corregedor geral para nos levar à guerra, o *tuvicháguasú* Oché Tiarayú avocou a si a incumbência de deter os demarcadores portugueses e seus mamelucos no Rio Jacuí, enquanto que, dom Nicolau Ñeenguirú II, deteria os espanhóis que subiam pela margem oriental do Rio Uruguai.

O padre ou frade Luiz Lope Altamirano que percorria Yapeyú, La Cruz, San Borja e já estando em San Tomé escoltado por oitenta santafesinos, cinqüenta índios e por Rafael de Córdoba, padre intérprete, recebeu por escrito, assinado pelos quarenta e cinco caciques dos Sete Povos a nossa firme decisão de não imigrarmos e de resistir, e ainda mais notícias secretas o alertaram de que Oché Tiarayú junto com duzentos guerreiros miguelistas já estavam no seu encalço para matá-lo e jogá-lo aos pedaços no Uruguai, pois já sabíamos que Altamirano nada mais era do que um frade disfarçado de jesuíta a serviço dos portugueses.

A primeira vitória nos estava assegurada, de nada adiantaram as ameaças de excomunhão do dito frade contra nossos padres, como égua fugida, Altamirano seguiu para Santa Fé e depois, em 6 de abril de 1753, dia de Santa Catarina de Pallanza, chegou em Buenos Aires para relatar o fracasso de sua primeira

tentativa de nos expulsar das Missões e vinha fazendo graves queixas da insurreição de alguns de nossos jesuítas.

Mui ladino, pois eu bem o conhecia, dom Nicolau Ñeenguirú II, alegando estar envolvido com a festa de casamento de sua filha, mandou um próprio e o pedido à gente de Yapeyú e de La Cruz para que fizessem seu serviço.

Dom Rafael Paracatu com pouco mais de duzentos guerreiros atazanou por dias o exército do general Andonaegue, mas depois de uma desastrada travessia do Rio Arapeí, caiu numa cilada e teve que se bater com as forças do coronel Tomás Hilsón, o qual, com o dobro de nossas forças, depois de horas de renhida batalha, nos matou cento e vinte guerreiros e aprisionou quarenta e oito guaranis. Pior ainda, lamentamos até hoje a perda irreparável de nosso irmão *tuvichá* Rafael Paracatu, nesta primeira e inglória batalha, mas a refrega teve por mérito mostrar que estávamos dispostos a enfrentá-los e de deter por meses os espanhóis no seu acampamento do Rio Negro, curtindo geadas e sem avançar uma légua de demarcação.

Em agosto de 1753, Altamirano e Barreda, mandaram o padre Fernandez como visitador para dar um *ultimatum* a todos os superiores provinciais e aos padres das Missões.

Foi o mesmo que nada. Como rastilho de pólvora, os missioneiros estavam em estado de guerra.

Eu, Oché Tiarayú e pouco mais de cinqüenta miguelistas fomos avisados pelo padre Tadéu Xavier Hénis, que se encontrava de atalaia no Rio San Antonio, então descemos até as Lavras além do Cerrito do Ouro para deter os demarcadores.

De pronto, nos encontramos em conferência com o secretário espanhol da demarcação, padre Bernardo Echevarria, cujos demarcadores, sob suas ordens, que saíram de Santa Tecla, já haviam percorrido umas cem léguas. E aí, os fizemos ver, embora nos tenham cumulado de presentes amistosos, de que os espanhóis poderiam passar e carnear nossas vacas, mas os

portugueses não, de forma alguma, pois estas terras do Yacuí (Rio dos Jacus), eram nossas e as deles eram no Ibicuimorotí (Rio das Areias Brancas).

Os oficiais Echevarria e Zavala e os capitães portugueses José Inácio e Francisco Antônio não nos fizeram frente, disseram que por falta de ordens, mas mesmo assim, os escoltamos de volta até Aceguá, donde se foram à Colônia e Buenos Aires. Essa batalha foi vencida sem derramamento de sangue.

El rei Fernando VI da Espanha, soube do fracasso do frei Luiz Lope Altamirano e seus ajudantes, que lhe disseram:

— *Las cédulas, las cartas, ni las exhortaciones suyas e de los curas, a quienes, por otra parte, no havia podido extraer de los pueblos por no permitirlo sus habitantes “los guaraníes”, és imposible, aun al rey em persona, conseguir la transmigración de los indígenas.*

Isso ficando claro, o rei ordenou ao general Andonaegue que, de Buenos Aires, comunicou ao general português Gomes Freire na Colônia do Sacramento que a evacuação dos nossos povos seria feita de qualquer meio jeito, nem que fosse pelas armas, no próximo verão.

Já estávamos de volta em nossa querência de San Miguel saboreando a retirada de ambos os lados, quando meia dúzia dos nossos bombeiros e posteiros das estâncias de San Luís, San Lourenço e San Juan, bem a cavalo, vieram, correndo, assustados, nos dar a notícia de que, depois da retirada, o primeiro passo dos portugueses foi de erigirem uma paliçada na margem esquerda entre os rios Jacuí e Jobí (Pardo), no extremo da vasta estância pertencente ao povo de San Luís, onde estabeleceram uma guarda de sessenta homens, sob o comando do tenente Francisco Pinto Bandeira, numa evidente provocação, vindo se fincar em nossa estância e carnear nosso gado.

Alçamos novamente os pingos e, tendo Tiarayú à frente de trezentos e cinqüenta e seis guaranis, chegamos no Rio Jobí (Pardo) dia 2 de fevereiro de 1754, dia de Santa Catarina de Ricci.

Deixamos a cavallhada oculta na margem direita e, sorrateiramente, os surpreendemos de madrugada, ocultos pela cercação que se fazia do rio à guarnição do tal forte, que já tinham dado o nome de Jesus Maria Jozé.

Primeiramente, matamos dois negros, meia dúzia de sentinelas avançadas e, quando entramos no forte, num alarido medonho, disparando nossas armas e nossas flechas, a guarnição disparou e se foi ao mato, deixando dezoito mortos estirados no reduto, *pero, la mucha codícia, el poco discurso y la demasiada confianza, de nuestros guerreiros*, alguns descuidados, outros gananciosos, se entregaram à pilhagem, dando oportunidade aos portugueses de se recomporem rapidamente e nos contra-atacaram com tal rapidez e organização, que depois de muita luta, debandamos, deixando vinte e dois mortos e dezoito feridos no campo de batalha.

Y vergüenza de las vergüenzas, as las nueve de la mañana tivemos que abandonar a praça e nossos mortos, acossados por tiros de canhões, disparados pelo tal Pinto Bandeira.

Algumas coisas estavam erradas, ou muitas, pois confiamos na nossa superioridade numérica e na nossa coragem, mas não orientamos e nem precavemos nossos companheiros de que os portugueses ainda eram ardilosos e sabiam lutar contra nós, que aplicavam as diversas táticas guerreiras plasmadas na Europa, ao passo que, nós, desconhecíamos a arte de fingir retiradas e derrotas para contra-atacar como nos fizeram.

Faltou discurso e orientação, mas também nossa presença. Eu e Tiarayú, ficamos observando de longe, com a luneta (herança do padre Antonio) o desenrolar da pugna comandada por dom Cunhatá, vitoriosa de início, desastrosa depois, pela nossa imprevidência guerreira. Aprendemos de forma amarga, a lição.

Ficamos bivacando, num ponto elevado, a uma légua dali e esperamos até abril de 1754 os reforços que nos vieram, junto com os padres Balda e Garcia, de San Miguel, San Lourenço e San Luís, totalizando quinhentos guaranis e dois canhões de *taquarusú*.

Dois meses alerta, longe de casa, dava muito tempo que pensar, a não ser o contínuo ir e vir, bombear, flanquear e, às vezes, blazonar. A saudade apertava e as reminiscências dos tempos vividos em San Juan voltavam com toda intensidade. Nessas horas, pela meia-tarde, entre um mate e outro, minha pena matava as ânsias de falar solito, só eu e ela.

Li e reli, para depois não me arrepender. Enrolei a carta e a coloquei num saquitol de couro pardo sovado, chamei um amigo desde a infância, o Ridalf Charrua, e o recomendei que entregasse minha carta e esperasse resposta. Partiu faceiro no zaininho marchador, rumo à querência da minha amada, deixando feliz a guerra para trás.

Eu soube, tempos depois de que meu fiel amigo, pelo caminho andou lendo a carta, que dizia:

*Estância San Luís, Forte Jesus Maria Jozé
26 de abril,
(dia de San Clarêncio e de Santa Exuperância)*

Torí, como de tantas outras vezes, passo dias e meses sem me lembrar, mas quando tu voltas ao meu pensamento é triste, dói de lembrar. A tristeza invade minha alma, o meu corpo treme e balança, o meu corpo chora e o meu coração fica tomado de uma tristeza... que eu não sei se choro ou enrijeço os dentes para não chorar, é uma tristeza sem fim, eu não sei de onde vem, e agora, passada quase uma hora, aqui mateando e esperando a guerra acontecer, é que resolvo que tenho que colocar

no papel. Ela, a saudade volta, no silêncio do meu silêncio, na tristeza da minha tristeza e eu penso, será que neste mesmo instante, tu não estejas passando pela mesma experiência? Sozinha no teu silêncio, não estejas pensando em mim?

Não larguei tudo e corri para ti por medo de Tupã. Sei, no fundo da minha alma, que tua alma ama a minha e, assim como eu choro no fundo do meu coração, também choras por mim. Quem nos dera estarmos juntos agora apenas para tocarmos nossas mãos e nos olharmos nos olhos, no fundo do nosso coração e chorarmos tanto tempo perdido, tanta amargura, tanta saudade. Ai Tupã, tens piedade de nós, perdoa-nos porque nos amamos tanto tempo, um distante do outro e tão perto... sem nos vermos e nos tocarmos.

Escrevo e as lágrimas derramam sobre o meu rosto. Tristeza das tristezas, amargura das amarguras, repetitivas palavras, por não saber traduzir o que o coração sente.

Que as minhas palavras despertem o teu sono. Que a minha lembrança desperte-a como um fantasma. Que acordes e te lembres de mim como eu era, o teu grande amor. Olhes e me vejas sorridente, alegre e bom como nos primeiros tempos (eu clamo interiormente). Como eu queria que eu continuasse a ser assim, para você e para todas que passaram na minha vida. Tristeza das tristezas, o choro sentido e amargo da saudade, do carinho perdido, da presença alegre e bela. Quanto me dói não seres minha companheira, minha esposa, minha amiga, minha Coitiporã (Deusa), meu ontem, meu amanhã e meu entardecer.

Torí, nome que soa como os diamantes perdidos em minha juventude, mas que embora perdidos, tilintam e brilham todos os dias, na minha saudade. Choro minha saudade, choro minha dor, meu sofrimento não tem fim.

Por favor, responda pelo portador! Sempre teu grande amor.

Sefé.

CAVALHADA

Na madrugada de 29 de abril de 1754, dia de Santa Catarina de Sena, algumas léguas antes de atingir o nosso objetivo, para que o inimigo não tivesse conhecimento de nossa aproximação, empreendemos uma larga curva, procurando o caminho mais encoberto da mata, para atravessar o Rio Jobí, num ponto bem acima da passagem natural, perto do forte, para surpreender a vigilância e atacar de surpresa os portugueses.

Transposto o rio, nos deparamos, por acaso, na saída da mata, escondida de antemão numa ravina, a cavallhada portuguesa. A surpresa da presa era por demais importante. Rapidamente, em renhido, porém desigual e breve entrevero matamos treze pretos e dois soldados, que nos custaram três vidas, dentre elas o *tuvichá* dom Rômbulo Antônio e seus primos dom José Antônio e dom Juan Gualberto.

Tomada e arrebanhada a cavallhada, nossos tropeiros, puseram-na logo em perfeita segurança na outra margem do rio.

Quando nos aproximamos da paliçada do forte, a cem metros, detivemos-nos cautelosamente, reconhecendo e estudando as posições do inimigo, que agora a tinham fortificado com um fosso profundo todo em volta e com uma saída de escape até o Rio Jacuí.

Eu e os jesuítas ficamos à distância de um tiro de flecha. Meu irmão não quis me levar junto, apenas me disse ao despedir-se:

— Hoje vou te mostrar como se *peleia!*

Mais ou menos lá pelas oito horas da manhã, Tiarayú à frente, postou três esquadrões a cavalo e três a pé, atacando pelos flancos com os flecheiros e na parte frontal com as armas de fogo e com os canhões de taquaruçu, abrindo um rombo na paliçada. A fuzilaria portuguesa era intensa e os canhões troaram incessantes sobre a nossa cavalaria que teve que recuar para proteger a infantaria que fora atacada num flanco, por um piquete de dragões.

Na retirada, em ordem, deixamos nossos canhões que estavam inutilizados e apenas seis companheiros mortos.

Na metade da manhã, já sol alto, avaliando a situação pelas nossas baixas e a quietude dos sitiados, concluímos em breve conselho, que seria possível uma vitória. Nisto, uma bandeira branca foi içada no forte.

Oché Tiarayú recompôs as suas forças pelos flancos e ignorou o pedido de trégua dos portugueses. Com apenas sessenta miguelistas, que eram parte da sua guarda de honra, a ferro-e-fogo entrou em desabalada cavalgada, levando tudo por diante, pelo rombo da paliçada e só foi estancar no coração do forte, para surpresa geral de ambos os lados.

O tenente coronel Tomás Luiz Osório, que passava em revista a tropa do capitão Antônio Gonçalves, ali chegado dois dias antes, com um escolhido contingente de elite do regimento de linha da ilha de Santa Catarina, denominado Barriga Verde, percebendo o engano de nosso Tiarayú, achando que a bandeira branca era sinal de fraqueza, cercou-o e em um unísono apontar de duzentos mosquetes aprisionou meu irmão e cinquenta e três guerreiros.

A bandeira do Bandeira continuou hasteada, tremulando e, pelo silêncio selvático, achamos que os do forte se renderam ou que parlamentavam, e ordenou-se uma trégua em ordem.

Lá dentro, Francisco Pinto Bandeira, exigiu de Oché Tiarayú em troca de sua liberdade a devolução da cavallhada, mas esta já estava em mãos seguras, distante, abrigada e a caminho das Missões, conforme suas próprias ordens.

Agora o impasse, Tiarayú não tinha como comprar sua liberdade, até que propôs ao comandante que o enviasse acompanhado de uma escolta, para persuadir nós, os detentores da cavallhada, das vantagens de um escambo, deixava como reféns seus cinquenta e três companheiros pelos duzentos cavalos mansos.

A tudo eu assistia de luneta assentada. Tiarayú guardado por doze praças, quase nu em pêlo, sem esporas, desarmado, mal montado, saiu do forte em nossa direção e tão logo percebeu que os soldados que o guardavam eram murrangos e *tapanás*, ao chegar na beira da mata, antes de passar o Rio Jobí, numa rápida arrancada, cerrando pernas e cutucando com o garrão no matungo e gritando para fazê-lo correr, tomou a dianteira, de modo que, atirando-se do cavalo ao chão, correndo se embrenhou na mata, atravessou o rio a nado, escapando-se ileso, embora a perseguição e o tiroteio cerrado da guarda-escolta.

Depois das refregas, à tardinha, sempre mateávamos juntos para saber do dia-a-dia de cada um, o que houve e o que não houve, mas hoje, nem mate nem conversa quis, ficou casmurro, pensativo, afinal, lá ficara o seu braço direito, cinquenta e três miguelistas, que dali a alguns dias se revoltaram e entraram em luta corporal com os soldados. Somente quinze conseguiram fugir com vida, os outros trinta e oito morreram pelejando pela causa missioneira.

O cerco ao Forte Jesus Maria Jozé continuou por meses com ataques repetitivos, escaramuças, ameaças, canhonaços e chuvas de flechas incomodavam dia e noite os sessenta dragões de Francisco Pinto Bandeira, os duzentos infantess e dragões do

tenente coronel Tomás Luiz Osório e os duzentos soldados *barrigas verde* que tiveram o seu batismo de sangue. Não passava dia sem que não matássemos dois ou três a flechadas e tiros, e, às vezes, muitos que se aventuravam a colher víveres e arrebanhar o gado.

Foi quando Oché Tiarayú teve uma idéia ousada, pois não podendo vencer pelas armas os quase que quinhentos soldados defensores do forte, resolveu, de tocar fogo no dito.

Logo após o meio-dia, a soldadesca estava distraída, escaranchada nos andaimes da paliçada, assistindo confortavelmente as despedidas do general Gomes de Andrade, que ali muitos dias estivera arranchado com sua comissão demarcatória, agora acompanhada nas cercanias com mais de mil e seiscentos soldados, para nos fazer frente.

A tarefa coube a dom Miguel Mayra e seus comandados em número de trinta, mais ou menos. Com coragem, entraram furtivamente e incendiaram uma das principais construções, que infelizmente não era o paiol de munições, quando tudo viraria cinza, por engano, atearam fogo no armazém e no depósito de roupas, ficando os portugueses desfalcados apenas de fardamentos para os milicos. Nenhum dos nossos se perdeu nessa empreitada. A pronta ajuda dos retirantes do general Andrade com o pessoal do forte, evitou a propagação do incêndio e o nosso intento foi malgrado em parte.

CHAMUCHINA DA VITÓRIA

Nos fins do mês de setembro veio a enchente de Santa Bárbara e San Miguel. Choveu como nunca e os rios Igay (Jacuí) e Pîtũmbî (Pardo) se esparramaram floresta adentro, colhendo o colossal exército do general português Gomes Freire de Andrade, dividido pelas águas, um na margem esquerda e outro na margem direita do Igay, ilhados, sem poder se mexer, dormindo em redes e giraus nos altos das arvores que nem macacos e a chubarada batendo noite e dia, encharcando tudo e todos. Nas suas costas tinham o rio e nossos tapes, e à frente banhadais, tremedais e nossos guerreiros a pé enxuto nas coxilhas do Batoví (monte pardo amontoado).

E a nossa guerrilha continuava sem descanso minando a resistência dos invasores. Eles não andavam mais de a pé ou a cavalo, pra lá e pra cá iam de *igã* (canoa), e todos os dias muitos morriam afogados ou alvejados pelos nossos morteiros de taquaruçu retovados de couro cru. Cada canoa acertada era meia dúzia que se ia.

A enchente varou o mês inteiro e ainda metade do outro, a posição deles se tornou insustentável e dia a dia chegavam mais e mais guerreiros guaranis e charruas para poder se contrapor àquele imenso exército de um mil e seiscentos homens de guerra. O cerco era total e as baixas por deserção, doenças e por morte se avolumavam.

Como se tudo isso não bastasse, parecia que o tal general recebera um emissário vindo de Buenos Aires, de nome Pinto Carneiro, trazendo ordens do general Andonaegue de que não avançasse mais, pois havia sofrido perda considerável de gente e de cavalaria em recente batalha com que se houvera contra os guaranis, charruas e yaros, comandados pelo *tuwichá* dom Arapizandú e que estava de volta ao seu acampamento do Rio Negro para recompor suas forças.

Ficou evidente a derrota, em duas frentes da comissão demarcatória dos portugueses e espanhóis, intrigados e espantados com a nossa férrea, sistemática e coordenada resistência.

Sem poderem se mexer, atacar ou contra-atacar, o poderoso general mandou chamar os nossos *tuwichá* principais para uma reunião no quartel general dos inimigos. Oché Tiarayú estava resabiado das bandeiras brancas e dos conselhos dos portugueses, até achava que era mais um ardil ou uma traição, não poderia mais se arriscar devido à sua posição de corregedor e maioral de todos os povos indígenas na guerra.

Para representá-lo, fomos eu e mais os *tuwichá* dom Iná (Inácio), dom Pachi (Francisco), dom Kitó (Cristóvão), dom Mbatu (Bartolo), dom Fabian, dom Mingé (Miguel), dom Santiago, dom Rafael e dom Nicolau.

No princípio fiquei com um pé-atrás, mas entrando no acampamento, percebi que a situação do exército português era deplorável, pois quase um mês dentro d'água, víveres escassos, carne pouca, sem lenha seca e sem pão, cavalaria arrepiada, com tremedeira, já mole dos cascos, soldadesca maltrapilha, doentes, molhada até os ossos, desertando todos os dias, quase três anos já tinham se passado, acossados e inquietos dia e noite e agora cercados pela *i* (água) e por mais de um mil de nossa gente, só restava-lhes negociar uma trégua honrosa.

Dragões formaram uma guarda de honra, nos receberam com continências e mesuras. Apeamos e nos convidaram para

uma reunião na barraca grande onde estavam perfilados Tomáz Luiz Osório, Francisco Antônio Cardoso de Menezes e Sousa, dom Martin Joseph de Echaure, dom Miguel Ângelo de Blasco e outros. Na cabeceira, o tenente general Gomes Freire de Andrade e a seu lado um tal de coronel Cristóvão Pereira de Abreu, seu guia que trouxera duzentos mamelucos, ditos sertanejos, que talhavam as picadas para o general.

Nos ofereceram tabaco enrolado, bebidas e doces. A tudo recusamos, estávamos ali para negociar um não-sei-quê e não para confraternizar com nossos antigos inimigos, e inimigos que já nos haviam levado e matado mais de cem mil índios guaranis e de outras nações em pouco mais de um século.

O general argumentou e ponderou que o governador de Buenos Aires, coronel José Andonaegue, era o comissário em chefe da comissão demarcatória e que o mesmo se retirara para o Rio Negro, e que a demarcação de limites entre Portugal e Espanha estava suspensa, portanto nada mais lhe restava fazer, senão retirar-se para os domínios de Pau Fincado no Rio Jobí, o Forte Jesus Maria Jozé, desde que nós aceitássemos uma trégua, lavrando-se no dia 14 de novembro de 1754, dia de Santa Veneranda, uma ata do acordo, nestes fidelíssimos termos:

Aos quatorze dias do mês de novembro do ano mil setecentos e cinqüenta e quatro, neste acampamento do Rio Jacuí, o ilustríssimo e excelentíssimo senhor Gomes Freire de Andrade, governador e capitão geral da capitania do Rio de Janeiro e Minas Gerais, com as tropas de S.M.F. para auxiliar as de S.M.C., a fim de evacuar os Sete Povos da margem oriental do Uruguai, cedidas à nossa coroa em virtude do tratado de limites das conquistas, vieram à presença do dito excelentíssimo senhor general, dom Francisco Antônio, cacique do Povo de Santo Ângelo, dom Cristóvão Acatú e dom Bartolo Candú, caciques do Povo de San Luís, dom Francisco Guaçú, corregedor do dito Povo de San Luís,

e por eles foi dito lhes permitisse o dito senhor que eles se retirassem a seu povo em paz sem fazer-lhes dano, nem tampouco segui-los, nem aprisioná-los, e as suas mulheres e filhos, pois eles não queriam guerra com os portugueses; respondendo-lhes o dito senhor general e os oficiais abaixo firmados que se achavam neste exército, por ordem do seu soberano, aguardando que a cavallada e a boiada do exército que é general o senhor dom José de Andonaegue, se achasse em estado de voltar e seguir marcha, o que por falta de pastos fora obrigado a retroceder, e que tendo ordem do referido general como comandante que era de todos, avançariam, pelo que não determinavam retirar-se, fortificou-se no passo em que estavam; o que ouvido pelos mencionados caciques e demais índios presentes, pediriam em nome de Deus se lhes concedesse tempo para seu recurso, e aguardavam que S.M.C. melhor informada, do seu miserável estado de vida, aplicasse sua real piedade com tal remédio que servissem de alívio à sua miséria; e que caso S.M.C. e seu general não ouvissem seus rogos, se pusesse outra vez em campanha, ficavam certos que os portugueses os seguiriam em cumprimento das reais ordens do soberano. O que ouvido pelo dito senhor general respondeu que não pensava perder um passo do em que se achava o seu exército. Porém querendo ter com eles a piedade que lhe era rogada, permitiria de trégua o tempo que mediasse até que o exército de S.M.C. novamente marchasse para a campanha, sendo que as cláusulas seguintes: que se retirariam logo, os caciques com os oficiais e os soldados para os seus povos, e o exército português sem fazer-lhes hostilidade alguma passaria o Rio Jobí, conservando-se de uma parte outra em inteira paz até determinação dos dois soberanos, fidelíssimo e católico, ou bem até que o exército espanhol saia para a campanha, porque em saindo exército português precisamente há de seguir as ordens do general de Buenos Aires; e para que não suscite alguma dúvida declara que a divisão provisória do Rio de Viamão e pelo Guaíba acima até onde o Jacuí nele entra que é neste onde nos achamos acampados, seguindo-o até sua nascente pelo braço que corre de su-

doeste. A parte que nesta divisão de terras fica ao norte não passará gado ou índio algum, e sendo encontrado se poderá tomar o gado por perdido, e castigar os índios que forem achados: e a do sul não passará português e se encontrado algum será castigado pelos caciques e demais justiças dos ditos Povos, na mesma forma, exceto os que forem mandados com cartas de uma ou outra parte, porque estes serão tratados com toda fidelidade. E de como assim o prometeram executar tanto o dito exmo. sr. general por sua parte com os referidos caciques pela sua, o firmaram todos, e juraram aos Santos Evangelhos, no que puseram suas mãos direitas na mão do reverendo padre Tomáz Clarque, e eu Manuel da Silva Neves, secretário da expedição, que o escrevi, Gomes Freire de Andrade, dom Martin Joseph de Echaure, dom Miguel Ângelo de Blasco, Francisco Antônio Cardoso de Menezes e Sousa, Tomáz Luiz Osório, Fabian Naguasú e Santiago Pindo.

Sáímos dali como os cavalos, pisando nas pontas dos cascos de faceiros, aliviados, com a nítida sensação de vitória, sem ter disparado uma só lança ou flecha. É verdade que cedemos o que já havia sido demarcado, a banda oriental do Rio Igay. Teríamos que retirar nossa gente e nossos gados, mas ainda ficávamos com grandes fazendas, da Serra dos Tapes até lá na Vacaria dos Pinhais na antiga Santa Tereza, afinal de contas, o nosso plano de defesa, plasmado pelos padres Balda, Hénis, Tux e Garcia, eu, Tiarayú e quase todos os outros que assinaram o acordo, era de retardar ao máximo, ao extremo, os demarcadores, dando azo ao tempo para que nossos jesuítas, junto ao Papa, demovessem os reis católicos e os fidelíssimos de tal acordo de troca das nossas Missões pela Colônia do Sacramento.

Em último caso, todos tinham ordens expressas do nosso capitão corregedor Oché Tiarayú, de não oferecer batalha naquelas paragens em hipótese alguma, pois não tínhamos armas e gente suficiente para fazer frente ao exército português e

ainda escudado pelo exército espanhol, mas na serra, na Boca do Monte, na Picada de San Martinho e de San Xavier, tais inimigos não passariam de jeito nenhum, estava tudo traçado e pronto: vau por vau, perau por perau, trilha por trilha, penhasco por penhasco, carrascais, tigüeras, capoeiras e matos. Minas de pólvora, armadilhas, centenas de pedras e toras, prontas para explodir e rolar, guerreiros com lanças, com fundas, flechas e boleadeiras, arcabuzes, espingardas, morteiros, mosquetes e canhões. Estava tudo mapeado no papel e em nossas cabeças, que conheciam palmo a palmo as duas picadas para o Cimo da Serra, ali seria nossa última trincheira, exército nenhum nos venceria no nosso chão, mas felizmente isto não foi preciso, era visível o desapontamento e o constrangimento dos portugueses na *ca'aigapé* (floresta inundada).

Os padres e Oché Tiarayú, quase sem acreditar leram e re-leram em voz alta para que muitos ouvissem aquela ata, aquele documento de trégua, aquela sentença de quase derrota dos portugueses pela nossa mãe natureza.

O tiroteio que se seguiu, a gritaria, os abraços de confraternização, as correrias e esbarradas dos cavaleiros, transformaram nosso acampamento num vendaval de alegria.

Estafetas foram despachados para todos os Povos sem mais delongas para dar a boa notícia. Dias depois fomos recebidos, cada um em seu Povo, com repique de sinos, fogos e banda de música. Nossas mulheres não cabiam de contentamento, era mate chimarrão pra todo lado e todos querendo saber como tinha sido a rendição dos portugueses, já haviam até montado uma peça teatral, a gurizada, encenando Gomes Freire e seus Oficiais, cabisbaixos, redigindo uma ata humilhante perante os ativos *tuvichá* dos Sete Povos Missioneiros.

San Miguel, assim como as outras, estava enfeitada e engalanada para comemorar festivamente a parada e o recuo da comissão demarcatória. Parecia Festa de San Miguel, San Juan

ou Natal. Padre Lourenço mandou fazer um grande *chamuchina* e presenteou os caciques com vinho da Espanha, geladinhos, guardados há anos, a sete chaves, nos porões da Catedral. Depois veio a missa das três horas, onde agradecemos a *Tupã* e San Miguel pela vitória alcançada. Os caciques sentados na primeira fila leram trechos do *cuatiá* (livro) sagrado e novamente a tal ata foi lida pelo nosso padre, que comentou o significado da vitória.

À noite, depois do fandango, pensei, no outro dia encilhar o meu *cavayú* (cavalo) e ir até San Juan em busca do meu bem querer, mas, como não tinha recebido resposta da minha primeira carta, resolvi procurar meu amigo Ridalf Charrua para ter notícias dela.

Cedito no más fui ao seu rancho para matear e prosear, sobre a guerra e sobre a carta. Fez rodeio, mas fechou a presilha do laço me dizendo que ela recebeu a minha carta com indiferença, não disse água e nem sal, só que talvez mandasse resposta num outro dia, iria pensar. Contou-me também que por causa da guerra ela estava viúva, soube que o tal Hochengo Caló foi embora para Yapeyú no outro lado do Rio Uruguai e não voltou mais, e que também seu filho, imaginem, levado pelo padre NUSDORFFER foi estudar para doutor em Buenos Aires, *entonces* agora ela estava mais solita que sabiá na arapuca.

Saí dali e fui direito à pena e ao tinteiro para escrever outra carta, talvez seria a oportunidade de desenterrar o passado, quiçá um recomeço ou quem sabe perdido para sempre.

Nem bem tinha começado a escrever, entra meu irmão Oché e vai me arrastando porta afora. Um *chasque* chegou de Concepción a mando de dom Ñeenguirú nos convidando para uma grande festa em comemoração à nossa vitória contra os portugueses.

ANO DE PAZ

*Povo de San Miguel, 23 de dezembro,
dia de San Juan Câncio, de 1754.*

Torí,

Hoje é vinte e três de dezembro, ante-véspera de Navidad, voltei da guerra e de Concepción e estava aqui assistindo a Missa, e como sempre, de forma inusitada, volta com força a tua presença à minha saudade, e eu me imagino amanhã, véspera de Natal, que não é alegre para mim, não sei por quê... indo ao teu encontro.

Palavras rebuscadas passaram pela minha mente, consegui alijá-las, eu sou e quero ser o mais puro e sincero contigo, como sempre fui, então volto à simplicidade.

Como eu me vestia no tempo em que namorávamos, coloco o meu chiripá listrado, o único que tenho, em vez daquele branco de algodão que me ornava e que eu gostava, pois foi teu presente. Procuro um chapéu branco, de aba larga, espanholado, talvez alguém me empreste. As botas garrão de potro, é claro, estão reluzentes e enebadas. Meu cabelo, eu sei que tu não gostas, curto, estão compridos e amarrados. A vincha, que o amarra, é vermelha, combina com qualquer roupa.

Êpa, olho para o lado, meu vinho está no fim. Ultimamente minha cabeça fervilha. Não é de loucura não, não fiques imaginando coisas. Estou reescrevendo um cuatiá de versos e a descoberta desse meu dom me empolga e se sucedem a cada dia. Logo saberás! Um gole curto, poupando o líquido amigo que está no fim. Falando nisso, como era gostoso o nosso conhaque com guaranina e mbutiá! Tu lembrás?

Espero a hora de terminar o teu trabalho nos bilros, como sempre o fazias. Cansei de te esperar aos sábados pobre de cansada. Eu não compreendia tua canseira, como poderia imaginar o cansaço de teus braços alisando metros sem fim de lã e algodão, às vezes cardando, se eu apenas esperava o dia inteiro para te ver, para te ter em meus braços, para te beijar para te amar a meu modo, como eu sabia, como tu sabes, como ninguém soube, só eu e tu.

Uma ponta de ciúme maldito, como sempre, risca meu pensamento.

Quem me dera a pureza do teu coração com a pureza da minha paixão. Nada de lágrimas amigo, digas o que se sente. Hoje tantos e tantos anos passados bato à tua porta.

Com um ramalhete de flores do campo às mãos, fico de costas. Quando abrires a porta e deres de cara comigo, qual será tua surpresa ao me veres ali, defronte a ti, tantos e tantos anos depois, como se fora ontem, alguns dias passados. Meu coração tem que ser controlado pela razão. Não há palavras.

A tua reação ao me veres frente-a-frente, pode ser de estupefação, de surpresa, de indiferença e até de uma alegria, visível ou disfarçada.

Dou-te boa noite. Desculpo-me, porque com certeza, sou inconveniente. Talvez tenhas visitas, irmãos... amigos, parentes, quem sabe... tantos anos passados... “Que será que esse camarada quer?”

Eu vim, eu estou aqui, na tua casa, frente-a-frente contigo, para te dizer que ainda te amo, é verdade, eu te amo, eu não te esqueci... a minha vida passou, mas eu não te esqueci, eu te amo... não importa o que estejas pensando de mim, eu não quero julgamento, eu só vim aqui pra te dizer que ainda te amo, eu quero que tu saibas que eu te amo, eu não quero mais carregar sozinho esta dor, eu quero que tu saibas para o resto da tua vida que eu te amo!

Com os olhos fitos em mim, ouves e sabes, comprendes tudo que te digo e até o que não consigo te dizer.

Talvez a dúvida assalte teu coração, mas pouco importa. Tantos anos depois, o gelo da tua alma tenha petrificado o amor que sentias por mim. Sei que talvez hoje não o sintas, mas naqueles dias da nossa juventude me amavas e eu também, com que loucura, com que paixão, com que amor, com que angústia, pois, nossos poucos momentos de prazer e de alegria estavam truncados, pelo ciúme, pelas desavenças, pela guerra que era, o dia-a-dia, por não termos liberdade e platas, por termos medo de sermos felizes.

Não quero ficar triste minha ãng-yavevé.

Vejo-te andar linda e faceira pelas ruas de San Juan. Vejo-te comigo na praça e na Catedral, mas, inescusavelmente, cantando no coral ao som maravilhoso de uma harpa paraguaia e eu roubando teus beijos. Eu sei que não vou conseguir dizer tudo isso, por isso estou escrevendo. Amanhã, talvez, como centenas de vezes, não tenho vergonha de dizer, eu não tenha coragem de perturbar a tua paz, de reviver teu amor esquecido e de abrir velhas feridas.

Quem sou eu para te magoar! Se te amo, como vou ousar te machucar, mas eu preciso te dizer, eu preciso que saibas, que eu não te esqueço, eu não te esqueci, nesses anos todos caminhastes comigo dia e noite, tu és a alegria e, ao mesmo tempo, a tristeza do meu coração, tu és a minha saudade, meu tudo e meu nada, és a minha dor. Tu és o meu amor verdadeiro.

Assinado: tovichá Sefé Tiarayú.

Como da outra vez, o Ridalf Charrua foi o próprio. De presente, e pelo serviço, dei-lhe uma adaga prateada, presente dum moribundo português lá do Vacacaí.

Fui incisivo com ele:

— Traga-me uma resposta, de qualquer meio jeito.

Partiu!

Naqueles tempos tínhamos vários postos de observação espalhados pelas estâncias de gado e ervais, nas picadas das serras e nos vaus dos rios, sem contar com os posteiros desses fundões, com suas famílias e meia dúzia de guaranis, mas os inimigos mereciam atenção especial e, por sorte, de San Miguel, eu, Cunhatá e mais cinqüenta guerreiros fomos sorteados para vigiar *par y passo* os portugueses do forte no Rio Pítumbê. Fabian Naguasú e Santiago Pindo com os seus, vigiariam os espanhóis no Rio Negro. Em Santa Tecla e Aceguá estavam encarregados os principais de San Lourenço e San Luís. Montei no douradilho e parti de volta rumo ao Igay substituir os que lá tinham ficado de bombeiros.

Quase um ano se passou. Ficamos alguns meses acompanhando a retirada dos portugueses do Rio Jobí, lá pro outro lado da Îpá-Mbiguá (Lagoa dos Patos). Os castelhanos voltaram para Montevidéu e Buenos Aires. Por essas e por outras, fomos regressando aos nossos Povos, desmobilizando as nossas forças, nos acomodando e relaxando na vigilância, pensávamos até que, pelas dificuldades e pela nossa resistência em cambiar as Missões pelo Sacramento, os Reis desistissem do seu intento.

Nosso povo de San Miguel, capatazes da Estância de San Luís e San Juan, fincados em pequenas aldeias e capitéis em Santa Tecla, San Antonio, San Agostinho e na beira da serra, eram os atalaias, nossos sentinelas avançados, prontos para nos avisar de qualquer movimentação.

Nossa vida em 1755 praticamente voltou ao normal, apenas persistindo aquela sensação estranha de que, mais hoje ou mais amanhã a guerra bateria em nossa porta.

Torí recebeu pelo portador minha segunda carta, talvez a mais importante das muitas que foram escritas, novamente com indiferença e silêncio, própria da natureza de nossas índias,

quietas, submissas, recatadas, mas altivas. Mandou dizer (parece que ouço sua voz cristalina):

— Charrua nanico! Diga-lhe que o passado está morto e enterrado, dê-lhe a entender que também já tenho outro em vista, que siga seu caminho sem olhar para trás e, se escapar da guerra, que venha pessoalmente falar comigo, pois ainda tenho poucas-e-boas para dizer-lhe, o assunto entre nós não está encerrado.

Para bom entendedor... restava um só caminho, mas o meu não parava, já fazia mais de dois anos que quase não apeava do lombo do cavalo, eu, mais Oché Tiarayú e outros, de San Miguel a Yapeyú, deste a Santa Tecla ao Rio Jobí, três vezes, a todos os Povos das Missões, ao Batoví, Jaguarí, Vacacaí e outros tantos lugares, ininterruptamente, acossando e solapando a resistência dos invasores, não tive tempo de pensar essa derrota do coração, sempre soube que a batalha amorosa final ainda estaria pela frente tal qual a guerra.

CUARAHÍHESAPÉ
APAGOU-SE

Em outubro de 1755 os inimigos começaram a se movimentar estranhamente. Amiúde, estafetas chegavam trazendo notícias de que algo de grave estava sendo urdido.

Dia 18 de dezembro, dia de San Basiliano, no Rio Sarandi, nascentes do Rio Negro, se encontraram o general português Gomes Freire de Andrade, José Joaquim Vianna, governador de Montevidéu e imediato do general Andonaegue de Buenos Aires, ambos com seus exércitos, que agora marchariam contra nós, unidos, para tirar nossas terras e nossos povos pela força das armas.

Foi o pior Natal de nossas vidas! Parecia que tudo tinha perdido a beleza e o gosto, desde a missa, o presépio até as encenações e o churrasco. Não se falava no nascimento do *Guri Kitú*, na Virgem de Loretto, em José, em Baltazar, Melchior e Gaspar. Tão pouco me lembrava dela, conversa e *ca'airó* (mate amargo) era só sobre a guerra, os insanos portugueses com seus soldados e mamelucos e agora Castela y Aragon, nosso *rey*, mandava Vianna e Andonaegue matarem seus leais súditos, esqueceram-se de nossos serviços, de nosso dízimo, da nossa erva e dos nossos panos de linho e algodão, ignoravam e retiravam os jesuítas como se nada fossem em cento e cinqüenta anos de evangelização e civilização dos yaros, charruas e principalmente dos guaranis. Enfim, dois exércitos, duas nações da longínqua

Europa, viriam a ferro-e-fogo contra nós, a nação guarani do Tape estava só, solita e entregue à sua própria sorte.

Dom Oché Tiarayú pensava assim, mas não esmorecia e era o primeiro a levantar a voz:

— Que venham! De San Martinho não passarão! Só Deus e o padre Lourenço mandam em mim! Estas terras nos foram dadas por *Kitú* (Jesus) e seu anjo principal San Miguel! Não respeito meluco e nem espanhol. Meus irmãos, Guaicuá (Gamarra), Arycuié (Arias), Manucho (Manuel) e Sefé (Ceverino) e *miles* de outros sustentam meu braço! Minha lança voa, minha flecha corta a carne. Pulo no meu cavalo tostado, presente do meu compadre Ñeenguirú e só largo o estribo quando os invasores voltarem de donde vieram. Esta terra tem dono! *Vayan-se! Ocarape tapehó!* (Vão-se fora daqui! Voltem pelo mesmo caminho!)

Padre Tadéu Hénis, conhecedor das artes militares, também nos animava e foi dele e de meu irmão Oché que partiram os estafetas levando os pedidos e recomendações aos Sete Povos e aos outros do outro lado do Rio Uruguai, para que nos acudissem nesta hora tão ingrata.

*Povo de San Miguel, 1º de janeiro de 1756,
dia de San Odilon e de Santa Maria.*

Aos povos de San Nicolau, San Borja, San Luís, San Lorenzo, San Juan, Santo Angelo Custódio, Loretto, San Inácio Mini, Concepción, Corpus, Santa Maria La Mayor, Candelária, Yapeyú, La Cruz, San Xavier, San Carlos, Apóstoles, San Tomé, Sant'Ana, San José e Mártires.

Neste chasque, nesta hora amarga em que Portugal e Espanha querem, por força das armas, nos obrigar a entregar os Sete Povos das Missões, venho apelar a todos os irmãos guaranis para que nos unamos em defesa desta terra, assim como nos unimos para outras batalhas em defesa do nosso chão e da coroa espanhola. Os tuvichá de cada povo, responsáveis pelas nossas mi-

lúcias, deverão exercitar as lideranças para aprimorar o combate a pé e a cavalo e providenciar-nos trens de guerra, a saber:

Os cavaleiros deverão estar munidos de lanças, adagas, macanás, capacetes e esporas; os da infantaria, de flechas, arcos, pedras, macanás, facões e escudos; os flecheiros levarão, cada um deles, dois arcos, quatro cordas e trinta flechas; os pedreiros, que desejo sejam o maior número e em cada cento haja cinqüenta, terão pelo menos trinta pedras, uma dúzia de fundas, uma macaná e faca.

De cada um dos Povos sairão seis desjarretadeiras, trinta cunhas e tantos outros facões.

De cada cem índios, far-se-á uma companhia a pé com o seu capitão, alferes e dois sargentos, caixa de guerra com sua bandeira, que poderá ser de pano, pintada com o que tiverem; das companhias a cavalo, constarão de cada uma cinqüenta soldados com o seu capitão e tenente, estandarte, clarim, chirimia ou corneta.

Todos os oficiais de guerra levarão suas insígnias: ginetas, os capitães; venábulos, os alferes; alabardas, os sargentos.

Os capitães a cavalo, espada ou alfanje desembainhado; todos os guaranis levarão seus pingolos, pifanos ou flautas para se animarem na guerra; em cada Povo, escolha-se dezesseis índios, os melhores que houver, que manejem os arcabuzes com pontaria e eficácia, os quais lhes serão entregues em San Miguel com pólvora e balas; cada um deles trará oito varas de cordas, frasco para a pólvora e bolsa para as balas.

Quanto aos víveres, cada missão dará duas bolsas de palas, esteiras e muita comida para os índios, em milho e trigo tostado feito farinha, e em grãos também, feijões e um bom saco de biscoitos para os doentes e feridos. Cada povo dará a erva necessária para os seus índios, ou seja, doze arrobas para cada cem índios, e estas acomodadas em bolsas próprias para levá-las na garupa dos cavalos, as quais, como todas as demais de carga, terão suas cangalhas ou bastos para não ferir

os animais. Também se leve de cada Povo o tabaco que se puder.

Escolham enfermeiros em cada Redução, que cuidem dos feridos e levem as medicinas ordinárias, como sejam, laxativas, ventosas, lancetas, panos para as ataduras e vendas, sal, facas para cauterizar, enxofre, alhos, pedra de San Paulo, óleo de capivara, mel de abelhas e uma dúzia de padiolas para os doentes e feridos.

Para cada um dos milicianos a cavalo serão destinados três cavalgaduras, uma mula e dois cavalos. Escolham cavalariaço que cuidem de suas próprias cavalgaduras, marcadas com a marca de cada povo e com o mesmo ferro, assinalem os sacos de comida ou se pintem os nomes dos povos donde saem ditos mantimentos.

Todos os padres-curas alistarão, logo que receberem este chasque, os soldados treinados em nossas milícias e me enviarão logo a relação de seus nomes com posto ou função, firmada pelo padre, para que eu entregue ao padre e ao corregedor, que terão que cuidar de todos os guerreiros.

Antes que os guaranis saiam dos seus Povos hão de confessar e comungar, para cumprir com a Igreja sua fé e para virem bem dispostos para qualquer acontecimento, do qual se dará aviso especial, com data e local onde deverão se apresentar para dar batalha às ditas comissões demarcatórias.

Que tudo seja feito sem mais tardança, até o fim do mês de janeiro e, para que nada seja esquecido, vossa reverendíssima fará um traslado deste documento e afixado na Igreja onde todos possam tomar conhecimento.

Assinado: padre Tadéu e Oché Tiarayú.

Enquanto isso, nas cercanias de San Miguel, no campo aberto, os laços voavam e as boleadeiras zuniam, era pelo pescoço e pelas patas, pelos de lombo e sobre-lombo, de colher e meia, um a um os matungos eram derrubados, e logo já pulávamos em cima, agarrados só nas clinas do pescoço e dê-lhe laço e dê-lhe pau pelas orelhas até cansar ou nos derrubar.

O serviço tinha que ser feito a toda brida, dali para diante cada um de nós iria precisar de três cavalos cada um, para vencer as distâncias entre as Reduções para depois nos reunirmos no Rio Jobí, no forte dos portugueses, donde achávamos que começariam novamente as hostilidades.

Os mal domados eram acolherados aos mansos e, com o contínuo montar, iam perdendo as coscas (baldas), numa semana de léguas estavam mansos, de queixo quebrado e de rédeas de arrasto.

O baio *cabos negros* que eu chamava de Guarácharí era flor de cavalo, falar não falava, mas entendia tudo, prestativo, bom de rédea na lida de campo com a boiada, valente e ágil nas escaramuças de guerra, brilhava ao sol, chamava a atenção dos companheiros, era, como diziam, “cavalo de *tuvicháguasú*”. Era da linhagem do garanhão que nosso pai ganhara do governador de Buenos Aires, quando derrotamos os portugueses em Sacramento. Oché ganhou de herança um tordilho azulego. Pela estampa, pareciam até que eram irmãos que nem nós, pouco menores que o andaluz dos espanhóis e mais velozes, menos encontro mas de mais resistência, correndo estendiam a cola, parecia uma bandeira estendida ao vento, nos disseram que eram árabes com berbere.

Em janeiro, verão tinindo, saímos de San Miguel com mais de cem guerreiros, rumo ao encontro dos inimigos que haviam se reunido em Aceguá e que iam subindo para Santa Tecla, percorrendo novamente o mesmo caminho anterior, só que agora talhavam campos e caminhos já reconhecidos e com mais desenvoltura. No caminho, encontramos nossos posteiros que, na retirada, incendiaram seus ranchos e dispersaram as manadas.

Dali a poucos dias, mais quatrocentos miguelistas vieram para fazer parapeito, a fim de qualquer modo cortar e retardar o avanço dos exércitos, que no dia 23 de janeiro, dia de San Severiano, acamparam na coxilha de Santa Tecla.

Dia 24, dia de San Feliciano, andaram duas léguas, pousando nas pontas do Rio Îcabaquã (Correntoso), ao norte do nosso Rodeio Colorado, onde se fincaram até dia 25, dia San Juventino.

A 26, dia de Santa Paula, encontraram o Rio Îbirá-mirim. Marchando a 27, dia de Santa Ângela, acamparam no campo das Palmas e depois de andarem três léguas a 28, dia de San Pedro Nolasco, transpuseram o Rio Taquarembó e acamparam.

Dia 29, dia de San Constancio, avançaram pelo Rio Îbaaro, entre as cabeceiras do Taquarembó e Jaguary e acamparam perto do nosso sítio de San Agostinho.

Aí, nessa Capela de San Agostinho, encontramos o general Vianna com uma patrulha de bandeira branca tremulando, então, a seu pedido, parlamentamos. Sugeriu que nos retirássemos para o outro lado do Rio Uruguai a fim de evitar a guerra e derramamento de sangue.

Oché Tiarayú foi quem respondeu:

— Nós conhecemos a nossa liberdade, recebida de Deus, a estância de San Miguel é nossa propriedade, a qual, somente Deus pode nos tirar e vocês daqui não passarão!

O general insistiu mais uma vez para que obedecêssemos às ordens dos generais Gomes Freire e Andonaegue. Oché respondeu com desdém e sarcasmo:

— Querem outra trégua para descansar os cavalos? — Ao se despedirem, Tiarayú ainda disse:

— No caminho nos encontraremos! — Ambos, pelos olhares, se juraram de morte.

Nesse mesmo dia, nem bem o general tinha se afastado um quarto de légua, quando na canhada da coxilha, na meia volta do mato, sem aviso, a patrulha do *twichá* dom Cunhatá, que voltava para o acampamento, ignorando a bandeira branca, atacou a cavalo, lanças e flechas os espanhóis, escapando-se por milagre o general José Joaquim Vianna, deixando vinte e três *belendengues* (nativos uruguaios) mortos no campo.

Ali em San Agostinho, no ponto mais elevado, donde se descortina todo o panorama, pudemos, pela primeira vez, com espanto, vislumbrar claramente as forças dos exércitos espanhol e português, quando vimos com amargor que, com os mais quatrocentos guaranis chegados das Missões, não poderíamos fazer frente a tão poderoso exército, teriam que vir mais guerreiros, mas mesmo assim, nosso plano continuava, nos atendo às operações de surpresa, de guerrilha, talando lado a lado com uma centena de miguelistas avançados, preservando, o grosso de nossas forças. Íamos de todos os modos procurando cortar os recursos dos inimigos, incendiando os campos, retirando os gados, destruindo os ranchos, arrasando plantações e lavouras e, sobretudo, inquietando os acampamentos com tiros, pedras e flechas, fazendo ciladas e massacrando os soldados que se apartassem das suas unidades.

E assim era. Saíram de San Antonio em 31, dia de Santa Marcela, e a 4 de fevereiro, dia de Santa Joana de Valois, depois de muito penarem, os peninsulares acamparam no Rio Yaguaraï (dos cachorros). Nesse dia, pela manhã, avançamos numa patrulha de dezesseis homens comandados por um alferes espanhol, nenhum escapou.

No dia 5, dia de Santa Águeda, os exércitos unidos marcharam apenas légua e meia, incomodados diuturnamente. À meia-tarde, onze peões portugueses que procuravam nosso gado encontraram nossas facas enquanto carneavam despreocupados na sombra do mato.

No dia 6, dia de Santa Dorotéia, transpuseram o Rio Vacacaí com muito sacrifício, gastando quase o dia inteiro no Rio Îcabaquã andaram umas duas léguas e se foram acampar junto à margem direita no dia 7 de fevereiro, dia de San Ricardo de Toscana.

A noite de 6 para 7 de fevereiro foi tenebrosa. No calor do verão, armou-se um temporal para as bandas da serra e os trovões lá explodiam e ribombavam longe, lá pros lados da

Lagoa Formosa, precedido, à tarde, por uma ventania abafada e corrupto de areia. Raios e coriscos deixaram a cavallhada inquieta nos piquetes fora e dentro do mato, quando desandou uma tremenda chuvarada grossa e fria, cada um abrigou-se como pôde, primeiro debaixo do poncho e do chapéu e, depois, nas tendas de couro, e assim passamos a noite, bem dizer *em claro*.

Assim como veio se foi, o dia clareou lindo e faceiro, sem uma nuvem no céu, dava para se ouvir até o som das esporas no acampamento dos invasores.

Um gavião no céu é bom augúrio, dois é o casal, três é com filhote, mas muitos, planando alto, à moda urubu rei e gritando, é mau prenúncio. Embora a lindeza do dia, meu coração estava apertado.

Nossos guerreiros dos Sete Povos e mais dois reforços que chegaram de Yapeyú e Concepción estavam longe dos miguelistas avançados, somente nós, como a dois meses vínhamos fazendo sem descanso, nos levantávamos antes de clarear o dia, de madrugada alta, para assar um pedaço de carne, tomar umas cuias de mate, levar a cavallhada para beber e mordiscar, verificar os *aperos* (arreios), preparar as armas e sair em patrulha, os planos já tinham sido acertados e tomados no mate.

Dom Cunhatá iria, hoje, pela direita do Rio Vacacaí com uma centena de guerreiros e dom Oché Tiarayú com outro tanto de miguelistas foi pela esquerda. Qualquer patrulha que saísse de qualquer lado cairia em nossas mãos, como quantas já haviam caído.

Assim, como tínhamos avistado todo o poderio do exército luso-castelhano, eles também tomaram conhecimento e viram ao longe nossa não tão pouca horda guerreira a pé e a cavalo, acampada duas léguas, para nos resguardar, preciso fosse.

Como vissem nossa movimentação pelos flancos, os generais mandaram trezentos dragões espanhóis e portugueses se postarem numa coxilha a meia légua de nossas forças, pela

margem esquerda do Vacacaí. Pela margem direita, distenderam outros quinhentos dragões com o claro intuito de surpreender dom Cunhatá, tendo este se escapado por pouco do artilhado transpondo o rio e vindo em direção de dom Tiarayú. Antes que pudesse alcançá-lo, coisa de mil metros, o governador de Montevideú, José Joaquim Vianna, para vingar seus *belendengues*, achando que fora ordem de Tiarayú naquele dia 29, jogou seus trezentos dragões sobre nós, depois de nos crivarem de tiros de mosquetes, vieram com tudo com a sua cavalaria.

Espadas, lanças, adagas, flechas, pedras e tiros cortavam o ar. Índios, portugueses, espanhóis, *belendengues* e correntinos naquele entrevero de pernas e patas de cavalos, correndo, relinchando, caindo, num turbilhão de poeira com pólvora, suor, sangue, penas, escudos e capacetes caídos no chão.

Vi, não me contaram, na paz e na guerra andei sempre junto com meu irmão *yavevé* (igual), eu era sua sombra, muitas vezes o seu guia, conselheiro, ouvinte, seu defensor e seu escudo, muitas vezes o tirei na garupa, como faz o anjo da guarda, mas... desta vez não me foi possível!

Dos trezentos dragões que nos atacaram, depois do choque frontal, já eram só setenta, e desses, uns cinquenta, nos apartaram do nosso *tuvichá*, nosso corregedor, nosso guia e meu irmão, pra beira duma sanga, num capãozinho de mato.

Eram setenta, depois, quatro mãos de inimigos, bem a cavalo, espadas, lanças e pistolas à mão, todos atirando numa só direção, no começo do cerco, frente a frente, numa sanha maligna, homicida, no único intuito de matarem quem nos comandava.

As setas, como coriscos, voavam das mãos de Oché Tiarayú, uma rasgou a perna e outra o rosto do governador de Montevideú, a lança derrubou um soldado e, por fim, a espada gamada cortava cavalos e cavaleiros, à direita e à esquerda.

Agora sozinho em louca disparada, seu tordilho azulego era só espuma, sangue e relinchos de dor pela desjarretadeira (lança

com meia lua de ferro afiada) que um *belendengue* lhe passara. Rodou... e no tombo jogou longe Oché Tiarayú, que se refez com lança juntada ao acaso, mas já era tarde, um soldado português o lanceara pelas costas, por três vezes, não conseguiu se levantar e eu, ali pertinho, cercado, *peleando*, matando sem parar, não podia acudir meu irmão.

De relancina vi sua queda e quando conseguiu levantar-se, vi a fumaça do nagão... o tiro foi dado de cima pra baixo acertando bem no coração de Tiarayú, disparado pelo general José Joaquim Vianna, governador montevideano.

Joguei meu cavalo por cima de tudo e de todos na ânsia da vingança. Dom Cunhatá, que alcançara o final da batalha, também viu a morte do nosso grande guerreiro e acudiram com uma chuva de flechas, pedras e tiros, mas mais uma partida de sessenta dragões cortou-lhe o passo e o ímpeto, e o que é pior, a tiros de mosquete, caíamos como *guavirú* sacudida pelo vento, e descambava a tarde, lusco-fusco, só se divisavam os vultos entreverados.

Não pudemos resgatar o corpo de Oché Tiarayú, que foi jogado sobre o lombo de um cavalo e escoltado como troféu de guerra rumo ao acampamento maior dos invasores, com certeza para ser depositado aos pés do general Gomes Freire de Andrade, como prova dos espanhóis da real intenção de entregar nossas terras aos portugueses, e, assim, pela nossa terra, Tiarayú entregou sua alma a *Tupã*.

Noite escura, um e outro foram aparecendo no acampamento menor, cabisbaixos, feridos, lanhados, *mui* tristes, triste noite, tristes causos, incertos dias viriam para nosso povo.

Dom Cunhatá viveu e dele só voltaram quarenta. Dos cem patrulheiros miguelistas nenhum voltou, todos acompanharam Tiarayú para a morada celeste.

Nossa luz, nosso guia, nosso condutor, o capitão corregedor, o mais nobre dos nobres guerreiros guaranis, o nosso *porocuitara* se fora para o céu, juntar-se aos seus *tamoigetá* (antepassados). Deixará de nos *hesapé* (iluminar) a nossa *cuarahíhesapé* (luz do sol).

*Diferente, em noite escura,
Pelo lunar do seu rosto,
Que se tornava visível,
Apenas era o sol posto,
Assim era Tiarayú,
Chamado Sepé por gosto.*

*Das brutas escaramuças,
As artes e artimanhas
Foi o grande “Languirú”
Que lhe ensinou; e as façanhas
De enredar o inimigo
Com o saber das aranhas...*

*Então Sepé foi erguido
Pela mão de Deus Senhor,
Que lhe marcara na testa
O sinal de seu penhor!...
O corpo ficou na terra...
A alma subiu em flor!...*

(Simões Lopes Neto)

Quando o *yaguaretépopé* (onça) voltava da caçada da noite, saía em direção da sanga onde tombara Tiarayú para apalpar a grama e sentir seu sangue, porém onde havia caído, nada mais restava, só as lembranças da vida e da batalha.

Corpos e corpos estendidos aqui e ali, de muitos de meus irmãos, amigos e parentes, cavalos mortos e alguns quebrados ainda viviam para os corvos. Dos arcos, das flechas, pedras e armas esparramadas nas coxilhas, só juntei a lança, o arco de penas vermelhas e amarelas de Oché Tiarayú e sua espada, he-

rança de seu *tamoirú* (bisavô). Mais de uma centena de inimigos e suas armas completavam o cenário, ignorado e desdenhado por mim, teríamos que matar muito mais para vencê-los.

Um piquete de missioneiros chegou para juntar os mortos e enterrá-los cristãmente, como cristãos que somos, batizados com nomes de santos. Várias carretas rangendo escoltadas por uma guarda de dragões também chegaram para juntar os seus. Dei meia volta e me fui ao acampamento grande dos nossos missioneiros, com a alma triste e o coração pesado.

Dias 8 e 9, dias de San Ciríaco e de Santa Apolônia, foi para prantear nossos mortos.

GENOCÍDIO EM CAIBOATÉ

No acampamento grande, ao redor do grande fogo de aroeira capororóca e tarumã, o assunto girava em torno da morte do nosso grande guia e condutor, nossa luz, nosso *porocuitara* e *mburuvicháguasú* (chefe de toda a nação guarani), nosso capitão corregedor que morrera num entrevero, *peleando* pelo seu torrão natal, numa batalha fortuita, por pura vingança de um general, pois os dois exércitos sabiam que a verdadeira batalha seria na serra, na *ivitirusú* (cordilheira) de San Martinho, ou mais longe, em San Xavier.

Agora, o mais nobre guarani se fora, nos deixando deserdados, sem herdeiro que comungasse suas idéias e seus ideais, a não ser eu e dom Cunhatá, todos os outros *tuvichá* opinaram por uma batalha campal, insuflados por dom Nicolau Ñeenguirú II, o segundo em comando, e pelos *tuvichá* correntinos dom Tabaré e Ignácio Yamandú, há pouco chegados com tropas auxiliares, que teimosamente sustentavam:

— Se não brigarmos agora, quando brigaremos então?

Outros diziam:

— Pra que estamos aqui, senão para vencer ou morrer?

Argumentavam ainda os três caciques:

— Eles não são imbatíveis, já se renderam, no Jacuí e anteontem eram trezentos e tantos contra Tiarayú e só sobraram quatro mãos, e, de mais a mais, estamos a quatro anos guerrean-

do sem cessar, temos que por um ponto-final nisto. É viver ou morrer pela nossa liberdade!

Por todos *mui* respeitados, eu e dom Cunhatá tentamos ainda dissuadi-los para que fôssemos seguindo os invasores até a serra, mas não adiantou. Os padres Tadéu e Garcia deram o comando ao velho, ardiloso e experiente *twichá* dom Nicolau Ñeenguirú II. Estávamos nas mãos dele e de *Tupã*.

Dias 8 e 9 de fevereiro, com uma vanguarda de seiscentos homens, os invasores saíram do Rio Vacacaí e vieram se estabelecer na coxilha grande, nas nascentes do arroio Caiboaté.

Na noite de 9 para 10, dormimos de frente, um acampamento avistava o fogo e a ira um do outro.

No dia 10 de fevereiro de 1756, dia de San Guilherme de Maleval, pelas seis horas da manhã, marchando sempre para o norte, na direção de nossas Missões, depois de terem andado quase duas léguas, tiveram que estancar diante de nossas forças, constituídas de um mil e oitocentos guaranis, formada a cavalo os mais experientes, e a grande maioria na infantaria, cercando uma grande lombada e senhores das aguadas do arroio Caiboaté, da Lagoa Jacaré-Pirú e do Rio Cacequí.

Lá estava, altaneiro, plantado em seu cavalo preto, o *twichá* dom Ignácio Mbaeguê do Povo de San Juan, com cento e cinquenta guaranis.

De San Nicolás, com o padre Carlos Tux, vieram duzentos guerreiros comandados por Nicolau Ñeenguirú.

Dom Cunhatá e eu de San Miguel chefiávamos quinhentos miguelistas a mando do padre Lourenço Balda.

Dom Francisco Antônio veio com duzentos guaranis de Santo Ângelo Custódio.

Do Povo de San Luís, com cento e cinquenta guerreiros, eram comandados por dom Cristóvão Acatú, dom Bartolo Candú e dom Francisco Guasú, corregedor de San Luís do padre José Garcia;

Do Povo de San Lorenzo mais cento e cinqüenta guaranis a mando dos *tuvichá* dom Fabian Naguasú, Miguel Mayra e Santiago Pindo.

Do outro lado do Rio Uruguai, vieram cem guerreiros do povo de Mártires, comandados por dom Tabaré.

De Santa Maria la Mayor, dom Guarumbá, comandava mais cem guaranis.

Dom Ignácio Yamandú comandava mais cem irmãos do Povo de La Cruz; e do povo de Concepción vieram mais duzentos guerreiros comandados pelo cacique Overá.

Agora nosso comandante chefe *porocunaitara* dom Nicolau Ñeenguirú II poderia dispor de um total de um mil, oitocentos e tantos combatentes.

Ñeenguirú II não sabia o que tinha pela frente, recém chegado, só ouvira falar, dos exércitos de Espanha e Portugal, talvez sua fama e sua ira o tivessem cegado. Eu e dom Cunhatá sabíamos e tínhamos visto, pois nosso amigo, o capitão de navio espanhol dom Juan de Echevarria tentou dissuadir Oché Tiarayú do enfrentamento, enumerando de cabo a rabo as forças que estavam prestes a nos dar batalha:

Pelo exército espanhol, o coronel e governador de Buenos Aires, posto que de 75 anos, José João Andonaegue; dom Gaspar de Munis Desorno, o marquês de Valdelírios e dom José Joaquim Vianna, governador de Montevideú, comandavam um mil, seiscentos e setenta homens de guerra e mais quinhentos sapadores (*belendengues*, uruguaios, santafesinos e correntinos) escudados com vinte peças de artilharia e nove canhões de campanha, quatrocentas carretas e carretões transportando os trens de guerra com cinco mil e quinhentos quintais de biscoitos, e repontando vinte mil cavalos, três mil mulas e três mil e duzentos bois mansos.

Pelo exército português, um mil e seiscentos dragões e mais duzentos sapadores (sertanejos de São Paulo) com dez canhões

de calibres dois e um, sendo sete canhões de bronze de calibres dois e três, cento e cinquenta e duas carretas e dezessete carretões. Fechando com a soma de três mil, setecentos e sessenta cavalos; um mil, oitocentos e dezesseis bois mansos de tração; duzentos e setenta bestas muares e duas mil, oitocentas e vinte reses de corte.

No comando maior, o capitão general Gomes Freire de Andrade, o conde de Bobadela, governador do Rio de Janeiro e de Minas Gerais; o coronel Tomáz Luiz Osório, continentino, comandante dos dragões; o coronel Cristóvão Pereira de Abreu, comandante dos sertanejos sapadores.

O alferes Antonio Pinto Carneiro e mais o coronel José Pinto Alpoim, comandante do 1º Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro; o capitão Álvaro de Brito Rego, comandante da 1ª Companhia de Granadeiros; o capitão André Vaz Figueira, comandante do 1º Regimento de Fuzileiros.

O 1º Regimento Velho era comandado pelo capitão João de Mascarenhas e o 1º Regimento Novo pelo capitão João Teixeira de Carvalho.

Resumindo, ao todo, os dois exércitos, compunham-se de três mil novecentos e setenta homens, em sua maioria, de cavalaria, artilharia e poucos de infantaria, com canhões, lanças, espadas, mosquetes, pistolas, capacetes, couraças, estribados ainda em vinte peças de artilharia e dezenove canhões, contra apenas um mil e oitocentos de nossa gente, a maioria a pé, com apenas uma centena de armas de fogo e quarenta morteiros de *tacuarusú* e, para piorar a situação, não vieram mais reforços do outro lado do Rio Uruguai dos nossos parentes charruas e da Redução de San Francisco de Borja.

Cerração baixa, sol que racha!

O dia 10 de fevereiro de 1756, amanheceu coberto de cerração, coxilhas, capões de matos, banhadais e restingas não se enxergavam. Lá por perto do meio-dia, quando a cerração

levantou, os chiripás e as camisas começaram a encharcar, as mutucas incomodavam os cavalos. O dia abriu-se lindo, ensolarado, de tremer a vista e aí se descortinou o panorama: aquela imensidão de soldados a cavalo, penachos coloridos, capacetes reluzindo ao sol, os maiores à frente, ataviados, sobressaindo-se para comandarem a morte. Rangidos de carretas, mugido de bois, relinchos sem conta de cavalos, escarceando, parecia um bando de tubunas enraivecidas. Granadeiros e artilheiros perfilados, a pé, prontos, canhões apontados para nossa infantaria e modesta cavalaria.

Eu já tinha visto esse poderio militar em Buenos Aires, tinha participado de manobras e desfiles, inclusive de combates simulados, não os temia, mas a diferença era muito grande.

Os cavaleiros celestiais de Macabeus, disparando seus raios fulminantes, ainda não haviam aparecido! Estariam de que lado?

Pude ver o meu novo corregedor, natural de Concepción, Ñeenguirú II, ficar hirtos, virar *itá* (pedra), seu rosto desfigurou-se, depois de momentos, recompôs-se e percorreu impávido, rosto altivo, sereno, passo a passo (talvez refletindo na sua arrogância), com seu cavalo pampa mascando o freio de pau, todo o nosso acampamento, encorajando só com o olhar a nossa gente guerreira, os guaranis e irmãos charruas a se portarem com bravura e altiveza frente ao inimigo, honrando as cores vermelhas e amarelas de nossos cocares e insígnias.

A bandeira do Divino Espírito Santo, de Nossa Senhora de Loretto e do Arcanjo San Miguel, tremulavam mansamente, seguradas com fé por dez Povos das missões jesuíticas, comandados, ao todo, por quarenta e cinco *tuwichá* da melhor estirpe guerreira.

O silêncio fazia ouvir, o coração e o repuxo do couro do cavalo espantando a mutuca e os *mbgú* (porvinha).

Dom Ñeenguirú II fez alto no freio, ergueu o bastão de prata, símbolo de sua autoridade, e gritou várias vezes:

— Viva! Arriba, Oché Tiarayú! Viva! Arriba, Oché Tiarayú!
— E esporeou o cavalo repetindo a saudação com mais ênfase ainda à frente de todos os nossos homens:

— Viva! Arriba, Oché Tiarayú!

A resposta foi estrepitosa e ensurdecadora, tiros e escaramuças de cavalos, misturadas com gritos de guerra:

— *Quibibiu! Hibabaha!* — Rugiram os gritos de *sapucái* guarani.

Os inimigos, ficaram nervosos, arrepiaram-se, sentiram nas veias a nossa ira, e se movimentaram nos regimentos de dragões para nos dar batalha. Dom Ñeenguirú II fez alto, levantou novamente o bastão de prata e depois o baixou até o chão, pedindo com o gesto, silêncio absoluto.

O clarim tocou, descansar!

Uma bandeira branca foi erguida e três *twichá* tomaram a direção dos invasores.

O sol do meio dia rachava a cabaça atada nos tentos, na sombra à beira do mato distendemos a cavallhada, para descansar, enquanto às pressas se comia um churrasco de ontem com uns goles de mate.

Dom Miguel Mayra, Fabian Naguasú e Santiago Pindo, maiores do povo de San Lourenço, dirigiram-se aos invasores, com pequena escolta de duas mãos, sendo recebidos pelo coronel José João Andonaegue, que os ouviu:

— Os espanhóis ainda são bem vindos e podem passar e acampar à direita, nas aguadas, mas os portugueses que se retirem para suas terras, conforme o tratado assinado no Rio Vacacái um ano atrás.

O ancião, coronel Andonaegue, respondeu:

— Os guaranis não ditam as regras e a conduta dos aliados, e é uma ordem do rei que se tome e entregue os Sete Povos das Missões à Coroa de Portugal, de conformidade com o tratado de limites em execução.

Dom Miguel Mayra pediu a resposta por escrito para trazer ao conhecimento de nossos padres e *tuvichá*, a fim de estudarmos a possibilidade de uma retirada em paz ou aceitarmos a batalha.

O alvoroço entre nós foi muito grande, apesar da disposição pelo confronto. Todos nós sabíamos, e agora Ñeenguirú também, que devíamos evitar o combate frontal e aguardar reforços consideráveis para enfrentá-los na *ñwítirusú* (serra) e não ali em campo aberto, numa diferença de três para um, sem falar na cavalaria e na artilharia, extremamente desigual.

Um dia depois da morte de Oché Tiarayú, um estafeta vindo das Missões, dera conta de que haviam chegado ao povo de San Francisco de Borja, mais de dois mil guerreiros guaranis, vindos das Reduções do outro lado do Uruguai, que estavam a caminho e que seria uma questão de dias para chegarem, o que equilibraria nossas forças. Por outro lado, quinhentos, guerreiros charruas, a cavalo, também estariam a caminho, munidos de alguns canhões.

Por essas e por outras, Ñeenguirú II protelava sua decisão de combater. Mandou outra embaixada ao coronel castelhano, que talvez pressentindo poder ganhar a nossa desistência e provocar uma retirada em paz, deu-nos, não um dia ou dois de prazo para pensarmos, mas apenas mais uma hora. Retirada ou *marandecó* (guerra).

Nossos padres, tal qual Pilatos, lavaram as mãos, deixando a liberdade de decisão e ação para dom Nicolau e nossos *mburwiguasú* (grandes chefes), que mais uma vez, instigados por dom Yamandú e pelo *mburwichá* dom Tabaré, decidiram pelo confronto por armas.

Quase duas horas da tarde, o sol queimava mais ainda e a areia repisada pela cavallhada tremelicava, ardendo a vista. Pensávamos que iríamos ter um combate de igual para igual, infantaria contra infantaria e cavalaria contra cavalaria, não pensávamos no poder de morte dos canhões.

Nossos canhões de *tacuarusú* (taquara gigante), estavam assentados; minas explosivas prontas e esquadrões a pé com flecheiros, lanceiros, ñanduceiros e pedreiros prontos, e, ainda, outros piquetes que os protegiam com espingardas, pistolas e mosquetes estavam entrincheirados nas brenhas e voçorocas das nascentes do arroio Caiboaté, para deter e abater a infantaria inimiga.

Pelos flancos e retaguarda, novecentos missioneiros, bem a cavalo, para proteger e atacar a cavalaria inimiga. Com a luneta assentada, vi os capelães portugueses rezando e abençoando os oficiais e os exércitos Português e Espanhol.

Às duas horas da tarde as caixas de guerra espanholas tocaram, silenciando a pampa, então, ouvi dizerem:

— *Viva el rey!* — Gritou o comandante espanhol. — *Viva el rey!* — Respondeu a soldadesca. E logo:

— Viva sua majestade! — Gritou o general português. — Viva sua majestade! — Respondeu a portuguesada.

Em seguida os capitães da artilharia espanhola deram o alerta:

— *Atención, atención, hoy ai batalla! Apuntar, fuego!*

E os de Portugal:

— Atensão, Atensão, hoje tem batalha! Fogo!

E o inferno desceu em Caiboaté. Começou com o os canhões que trovejaram, vomitando bolas de fogo e esfumando nosso campo.

Dom Cunhatá levantara sua lança e o bólido do canhão o acertou com cavalo e tudo, morreu sem dar seu grito de guerra, nem “ai” disse o primeiro a cair, o segundo em comando, o amigo de Tiarayú.

O barulho ensurdecador acompanhava a morte, meus irmãos iam caindo alçados de seus cavalos, como muda de penas da avestruz. Nas trincheiras o sangue corria mais ainda.

Quando os canhões silenciaram, as quatrocentas carretas, se abriram na retaguarda e delas surgiram a artilharia leve, os granadeiros e os fuzileiros portugueses se revezando em três frentes, atirando sem parar, alternadamente. Caíamos como *ñavijú* (guabiju) sacudido no galho. Só ali foram centenas, esmagados e crivados de balas e estilhaços.

Dentro de meia hora, as coxilhas e as trincheiras naturais e as que fizemos, estavam coalhadas de mortos e feridos. Sangue era de bica que corria.

Da ala direita vieram contra nós seiscentos dragões do tal de Osório, a toda brida, descarregando os mosquetes, depois as lanças, as pistolas e as espadas. O impacto foi tremendo... muito mais que a metade de nossos melhores cavaleiros ficaram estendidos, não faltou bravura nem coragem, a força numérica nos derrotava: uma flecha voava, contra três tiros de mosquete, uma lança contra quatro, uma pedra contra cinco espadas, mesmo assim nesse desigual choque o coronel Osório sentiu o gosto da flecha vermelho-amarela guarani, duas flechadas no braço direito e uma nas costas quando fugia da morte, disparadas por dom Ñeenguirú. Acudido pela portuguesada, escapou-se, ficando ali ao derredor mais de dez mortos e uma vintena de feridos.

Da esquerda atacando o nosso flanco, veio o coronel José Andonaegue com outros oitocentos dragões espanhóis, ajaezados seus cavalos andaluzes com couraças, seus cavaleiros com longas lanças, mosquetes, pistolas e espadas e capacetes brilhantes tais quais romanos, outrora, nossos companheiros de guerra contra os mamelucos, os índios do Chaco, os franceses e agora os portugueses e os amigos contra nós.

A fina flor do cacicado guarani, homens valorosos e experientes na guerra, há quatro anos dando combate incessante aos invasores de nossas terras, caíram pelas mãos dos que outrora nos acariciavam, que bebiam nosso mate, churrasqueavam nosso gado, encilhavam nossos cavalos, vestiam nosso algodão e

tosquiavam nossas ovelhas, agora tosquiavam e enfiavam pontiagudas tesouras em forma de lança em nossos braços e peitos.

Parecia mais insano e voraz o ataque espanhol que o português, queriam, com certeza, entregar-nos, os miguelistas e juanistas, na bandeja para o heródes português, o rei tenente general Gomes Freire de Andrade, que, de longe, a carnificina e o massacre assistia, sem pelo menos levantar a espada.

Tupã com certeza a tudo assistia. Seus anjos pelejavam ao lado dos velhos cristãos da Europa, os novos cristãos missionários, como *Kitú* (Jesus), deviam ser sacrificados, para que cada semente, mais tarde, desse cento por um!

O excídio foi total, em tudo que caminhasse ou corresse foi atirado, desjarretado e morto, ferido não ficou nenhum, apenas fizeram a cento e cinquenta e quatro de nós prisioneiros pela misericórdia de um, quase um de nós, o meio-inca, o senhor Marques de Valdelírios, dom Gaspar Munis Desorno, que se interpôs na hora da execução sumária.

Ali, caíram para sempre Cunhatá, Mbaeguê, Francisco Acatú, Candú, Pindo, Naguasú, Afonso Cuanara, Marcelo Moendí, Vicente Yapui, Felipe Pepiri, José Guaray, João Miri, Antonio Caraíchure, Diogo Tambabe, Francisco Arazai, Bartolomeu Ayerobia, Manoel Jaguacabuça e mais outros tantos *twichá* e centenas e centenas de jovens guerreiros guaranis.

Quando só restavam da cavalaria, talvez quase trezentos, entre os da retaguarda e os que sobraram dos flancos, aglutinados, o maquiavélico e vingativo inimigo, o coronel José Joaquim Vianna, mandou arremeter contra nós, setecentos mercenários, os sapadores, gente sem farda, sem lei e nem grei, tudo meio mestiço, nem branco nem índio, mas *maulas* e terríveis, que se diziam: *belendengues*, uruguaios, santafesinos, correntinos, mame-lucos e sertanejos.

Primeiro foram matando os sobreviventes feridos, a pé e a cavalo, que sobraram da nossa infantaria. Desciam pelas grotas,

banhadais, bibocas, restingas, bossorocas, buracos e tocas, lanceando e passando a fio de espada, adaga e alfanje, tudo e todos. Se se entregasse o facão comia e a pistola fazia buraco. Laçados, boleados e mortos *sem tilte nem guarte* (sem dó nem piedade), era o extermínio, o genocídio da brava gente guarani, que caiu ali para não mais se levantar, cujo único crime fora o de defender nossa terra natal.

FIM DA YVIMARAE'Y

Eu, mais dois irmãos guaranis Arycuié e Guaicuá, dom Nicolau Ñeenguirú, dom Ignácio Yamandú, dom Oché Tabaré, dom Miguel Mayra, dom Tibiri e dom Guiraverá e o que sobrou de uma hora e meia de encarniçada, porém, desigual batalha, obedecemos o som desesperado de retirada vindo do *turututu* (buzina de osso) ordenado por nosso *porocuitara*.

Por dois dias e duas noites os sapadores nos acossaram, sempre cutucando nosso garrão, tiroteando em pequenos e grandes entreveros e emboscadas. Mais de uma centena de mercenários entregaram suas almas desalmadas a Deus. Só pararam de nos perseguir no povinho de San Xavier, na coxilha do Pau Fincado, donde nos roubaram muitas mulheres, um rebanho de quatro mil ovelhas, um mil e seiscentos cavalos xucros e duzentas e setenta mulas e burros hechores, onde mataram também, nosso capataz Valentim Ybaringuã.

Quando enfim paramos na tardezinha do dia 13 de fevereiro dia de Santa Ermelinda, num regato na beira do monte grande da serra, quase à noitinha, laçamos e carneamos uns touros desgarrados para matar a fome dos nossos quase duzentos que sobraram, a maioria feridos e estropiados, mas nós todos éramos iguais, guaranis, guerreiros, cristãos, batizados e crismados, que lutáramos anos a fio e que perdêramos a última batalha, perdêramos a liberdade, a nossa terra, nossas casas, nossas hortas,

nossas igrejas, nossos bens materiais e muitos perderam o mais importante, a fé.

O índio que canta triste, calado, mais triste ainda está por dentro; ninguém falava, nem “toma lá um mate!” ou “dá cá um naco de carne!”. O pensamento estava longe, léguas dali, talvez cada um pensava na morte de Oché Tiarayú, na visagem, que viram ele subindo ao céu no seu tordilho azulogo, o começo da derrocada e na sangrenta batalha que tintou os arroios Cacequi e Caiboaté e suas matas e coxilhas.

No lusco-fusco, no silêncio da Serra Negra, se ouvia o mastigar dos dentes e o ronco nas cuias do mate, mas não se ouvia um “hum!”, uma palavra, nem se via uma lágrima depois de tanta dor e de tantas perdas.

Pensei:

“Com certeza os sinos de Buenos Aires, Rio de Janeiro, Rio Grande e Montevideú dobram alucinados e os vencedores cantam um *Te Deum* em suas catedrais, comemorando a morte do nosso caudilho Oché Tiarayú e o massacre de Caiboaté. E os nossos sinos, os nossos sinos dos Sete Povos, não dobrarão mais com alegria, se foi a liberdade, as missas, as cantorias, San Juan, San Miguel, Navidad, Pentecostes, batizados e casamentos, churrascadas e fandangos. O nosso maravilhoso novo mundo, dos campos amenos da pampa, savanas e serranias, ruíra, esboroou-se, durou apenas quatro gerações, eu e meus *tendotaré* (irmãos) Tiarayú, meu *guogirú* (pai), meu *taitaguasú* (avô) e meu *tamoirú* (bisavô) Cuarahíhesapé, vulgo Guaraé.”

E os nossos mortos? Quem vai cuidar deles? Os inimigos, talvez? Os corvos? Com certeza, não! Anteontem, padre Tadéu e dom Miguel Mayra e quatro mãos de guerreiros tinham voltado ao Caiboaté, para enterrar nosso milho e tantos de mortos em vala comum naquelas voçorocas e erguer mais uma *curusú* (cruz), das tantas que foram erguidas e gravadas em madeira, em *itácurusú* (cruz de pedra) e nos seculares pinheiros, no mesmo

lugar onde os generais mandaram enterrar nosso *tetãrendotá* (chefe da nação) Oché Tiarayú.

O pó voltou ao pó! A alma, a Deus pertence!

Ao redor do *tatá* (fogo) grande de guajuvira e sucará, a dor foi mermando e aqueles dias todos de guerra, sem falar, começaram a se desvanecer e aos poucos nossos corações voltaram a pulsar mais serenos, afinal estávamos vivos, para continuar nossas vidas e contar nossas histórias. Até a madrugada damos vazão, ao que cada um tinha para contar, desde as valentias até como se escaparam da morte por um fio naqueles entreveros infernais. Livres dos perigos e das vigílias de meses, dias e noites, dormimos um sono profundo, reparador, outros não, levantavam de olhos arregalados como se estivessem *peleando* com a morte.

O pássaro fornero (joão-de-barro) anunciou o fim da madrugada; o nambu piou; o serelepe estalou os dentinhos e a algazarra dos bem-te-vis foi acordando a nossa bugrada. Dali a um pouco, com pesar, nos dividimos. Dom Nicolau Ñeenguirú II e um punhado de sua gente, despediram-se tomando o rumo de San Lorenzo, nós, outro pouco, teríamos ainda que galgar a serra, e mais dois dias a cavalo para chegar em San Mingé.

“Mais vale passo que dure que trote que canse!”, dizia o velho meu *guogirú* (pai) Aruá Tiarayú. Assim, subimos a serra *a passito no más*, rememorando cada pedra, cada vau, cada penhasco, cada cachoeira, cada trilha, cada desfiladeiro, que conhecíamos como a palma da mão, que era ali que eu, Oché e Cunhatá havíamos previamente decidido enfrentar os traiçoeiros invasores.

A morte prematura de nosso guia e depois a decisão equivocada e fatídica pôs tudo a perder. Paciência! Não se chora o leite derramado nem o terneiro desgarrado! O destino de nosso povo e a fatalidade se deram as mãos.

Cada passo do trote do meu cavalo, os cascos batendo no chão duro, ecoam na minha cabeça, martelam qual araponga e eu não consigo atinar por que fomos derrotados tão fragorosamente? Não consigo entender onde erramos. Se foi falta de coragem ou excesso de confiança. Faltou-nos mais guerreiros e canhões? Se eles tivessem chegado a tempo a história teria sido outra? Sinceramente, não sei!

Alcançamos o planalto, andamos umas seis léguas, partindo de San Lucas, atravessamos o Ibicuí-Mirim o Rio Toropí e o rincão de San Vicente e depois ainda, transpomos o Rio Jaguarí, nas cabeceiras, saindo acima de Santiago.

Galgamos as campinas verdejantes, nos altos do cimo da serra e sorvemos com prazer, o *îvîú*, o *aire*, o ar mais leve e puro, até nossos cavalos ficaram mais ligeiros e cheiravam o ar resfolegando a brisa que vinha da querência. Homens e cavalos interagem, alegres, faceiros, brincalhões, relinchando, rindo e conversando. Por momentos, se olvidou a guerra, começava-se a festejar a vida.

À noitinha, o churrasco ao pé das brasas respingava a gordura e aguçava o paladar, tomava-se mate de erva *buena*, uns de cócoras, outros, oitavados no pingo ou estirados nos pelegos. Dom Tabaré, tagarela uma barbaridade, parecia um jesuíta no púlpito, contava causos e mais causos de sua querência lá das bandas do Uruguai.

Quando cansou, pois o *chamuchina* era de dar laço nas tripas, não sei donde, mas arranjou-se um violão para dom Yamandú (por sinal, filho do meu amigo Kichú Costa, um tapejara dos mais afamados), que começou a dedilhar o dito cujo com uma empolgação que se foi noite adentro. Fiquei admirado, pois não sabia dessa sua virtude, perguntei com qual *avaré* (padre) jesuíta aprendera a tocar.

— Que *avaré* que nada, aprendi a tocar com meu pai e com um correntino safado dos dedos, meu amigo dom Lúcio Taraguí, lá em Santiago del Estero.

Quando a *mbaracá* (guitarra) parou, o mate corria solto e mais um dedo de prosa arrisquei, mas ninguém queria saber, pediram mais chamamé (nome de notas musicais correntinas inspiradas na música popular paraguaia) pra dom Yamandú.

No outro dia, à tardinha, mais despedidas: uma mão foi para cá, duas para lá, cinco acolá, e lá se foram para San Juan, San Luís, Santo Angelo, Concepción, Santa Maria, La Cruz e Yapeyú nossos irmãos de sangue e de guerra, pois alguns charruas também emprestaram seus braços.

Os seis sinos da Catedral de San Miguel anunciaram pausadamente a nossa chegada. Crianças primeiro, mulheres depois e, por último, os velhos vieram correndo nos receber com olhares estupefatos me perguntando de um sem número dos seus, onde estavam, o que tinha acontecido, por quê? Pra onde foram os mais de quinhentos miguelistas se só regressaram dezessete *guaranibara* (guerreiros)?

Padre Lourenço Balda, já nos seus mais de setenta anos, acudiu com lágrimas nos olhos, abraçando um por um e dizendo palavras de conforto. Os guris perguntando pelos pais, as gurias pelos namorados e as mulheres pelos seus maridos e os velhos pelos seus filhos e genros. Era infundável o sofrimento ao dizer:

— Fulano morreu lançado, Beltrano não vi mais, Ciclano de tiro, aquele *peleon* até a morte, outros três os mataram à espada, aquele quebrou o pescoço na rodada, destes não sei dizer o que houve.

E ali se fomos noite adentro explicando o inexplicável, contando e recontando sobre a morte de dom Oché Tiarayú, sobre sua visagem, a grande batalha de Caiboaté e a nossa completa derrota.

Três horas da tarde do dia 16 de fevereiro, dia de San Elias, Jeremias e Daniel, só um sino foi tangido nos chamando para a missa especial, em honra dos homens que tombaram na guerra. Foi a missa mais triste que assisti na minha vida.

Mais de hora, cinco coroinhas se revezaram nominando um-por-um dos mil e quinhentos que tombaram em defesa da nossa terra e da nossa gente. A cada nome, um “ai”, um choro sentido, um grito de dor de um parente. Por fim, padre Loru- renço subiu no púlpito e leu umas passagens do *cutiá* sagrado: Macabeus Cap. 3, v. 18 a 22, Miquéias Cap. 2 e Isaías Cap. 1, v. 7. Depois do evangelho e a explicação pormenorizada do seu sentido, veio a homília e a eucaristia, quando comungamos e pedimos perdão a Deus de todos os nossos pecados cometidos na guerra.

Por último, a palavra fatal pela qual damos nossas vidas e fomos derrotados: *transmigração*. Aguardaríamos a chegada dos generais espanhóis e portugueses para o juízo-final.

Ainda assim, alguns idosos e tenros jovens argumentaram sobre um possível levante, com a ajuda dos guaranis do além Paraná, mas como? Não era possível, de quarenta e cinco *mburuvichaguasú* sobrou uma mão, de outro tanto de *tuvichá* e *mburuvichá* não sobrou um.

Foi aí que um estafeta experimentado de nome Minsú, me perguntou sobre os missioneiros de San Francisco de Borja. No sufragante lhe respondi, que na batalha de Caiboaté deste povo não se apresentaram. Então me contou, que viu os padres jesuítas entretendo por mais de uma semana, com festas e mais festas, os dois mil guaranis que vieram do outro lado do Rio Uruguai, aos quais diziam que as comissões demarcatórias e os exércitos se retiravam.

E mais, ouviu dizer que o interventor padre Lope Altamirano entregou de parte do general Andonaegue vinte e oito mil patações de ouro, para serem distribuídos aos jesuítas para

comprarem alfaias e adornos para suas Igrejas, com a promessa de que não fizessem esforço algum em mandar mais guerreiros para anteparar e estancar os invasores peninsulares.

Naquele instante ficou claro como a lua cheia os porquês que, com exceção de San Miguel, a contribuição dos demais povos com armas e homens de guerra fora exígua, para não dizer nenhuma. Só se apresentaram para o holocausto os de livre e espontânea vontade, os que acreditavam na liderança, os que criam em Oché Tiarayú e seus ideais de *yvimarae'y* (terra sem males).

Mandados não foram nenhum, com exceção, talvez de mais um ou dois povos. O dinheiro e as pressões palacianas dos reis dom José, dom Fernando VI e do Papa nos venceram para sempre.

Eu não iria mais ficar ali em San Miguel!

Não suportaria ver o rosto dos vencedores! Eu já havia entregado a minha terra, não iria entregar minha vida e nem minha liberdade. Eu não seria humilhado!

YAGUAPITÁ Y KIRIKIRI

Reuni minhas sobras de guerra, meus cavalos Guarácharí e Mancha, duas éguas com dois potros ao pé e uma *mburicá* (mula) de carga e me toquei para o povo de San Juan, com um único intuito e fim.

Como eu o fizera, há muitos anos passados, apeei na porta do rancho, arrastando as esporas cantadeiras, dei “ô de casa!”, folgazão, “não tem fogo nem brasal!” e fui entrando, afinal eu sou Sefé Tiarayú, irmão igual do tenente corregedor Oché Tiarayú, ninguém me ataca, não tem baitaca que não caia do pinheiro.

Ela veio me receber com um relâmpago no olhar e um adeus respeitoso. Foi mais o susto que a emoção, o meu coração descompassou, mas não saiu pela boca, desta saiu a voz firme e serena:

— Fulana, vim te buscar para sempre, o passado não existe mais, daqui pra frente vamos começar uma nova vida, longe daqui, lá pras bandas dos Pinheirais.

Conversa fiada, eu só pensei em encará-la daquele jeito e imaginei a resposta dela. Se ela bate o pé eu saio correndo. Então, para evitar desaforo de mulher, passei *a lo largo* (longe).

Andei pelo Povo visitando os amigos, um mate aqui, outro ali, contando causos e mais causos de guerra, até enjoar. Fui na missa só para vê-la e depois passei umas quantas vezes pela casa dela, mas na hora de falar, as dúvidas antigas, de encontros e desencontros afluíam. Ora eu queria, ora não, ademais, seus

olhos quietos como a *yaguapitã* (sussuarana), não me mandavam nenhum sinal, passava por mim como se eu nunca tivesse existido, com uma frieza de machucar o coração.

Não era para menos, muito mais do que três décadas, parece mentira, já tinham se passado, não era assunto pra ser resolvido num repente, o acerto, se houvesse, seria muito difícil, cá no meu pouco entender da alma dessa mulher.

Às vezes, eu me ria intimamente da situação. Eu, ciente, do que queria; ela, talvez, sem ao menos imaginar o que se passava comigo, pois se ela se fazia de sussuarana desentendida, quieta, imóvel, fria e distante, eu me punha igual ou pior, me fazia de *kirikiri* (gavião chimango) empoleirado no alto do meu orgulho de ancestrais guerreiros, olhava-a só de *sacupé* (revesgueio), enxergando com a direita o que com a esquerda não via, revoava baixo e planava alto. Às vezes, arrastava as asas perto da presa, d'outras, sumia, meses, depois voltava com as penas brilhantes, o peito estufado e as garras afiadas.

E eu me ria, interiormente. Por quê? Ora, porque quando eu quisesse, quando ela menos esperasse, eu daria uma rasante com todas as minhas forças e velocidade e a suspenderia pelos braços, tomaria o seu rosto em minhas mãos e gritaria bem alto:

— Kiri, kiri, kiri, pinhé, pinhé... — Como o gavião faz e a levaria bem pra longe, só para mim, para os meus últimos dias.

Pensava assim, quando decidi resolver, à minha maneira antiga, essa pendenga. Pedi pena e papel para o *cuatiáxapoara* (secretário geral) do cabildo e abri meu coração empertigado, mas apaixonado por ela. Depois de pensar e repensar, milhares de vezes, esses anos todos, o final poderia ser feliz para nós dois ou quem sabe, trágico para mim. Além das batalhas da vida e esta guerra deixarem traumas e seqüelas, não sei se ainda haveria uma ponte ou se a pinguela desmoronaria no momento de atravessá-la.

Sangue, não é qualquer um que bebe, e sangueira, qualquer um não vê! O causo se parou difícil, mas no outro dia, colhi um

maço de flores do campo, atei-o com cipó San Juan, enrusti a carta no atilho e coloquei-o na soleira da sua janela, e fiquei espiando de longe.

A reação às flores foi boa, mas a leitura da carta com o cenho franzido e o olhar pensativo me deram mais o que pensar. Horas de dúvidas e amargas incertezas se passaram e eu ali, parado na sombra de um *jeribá* (palmeira) ouvindo o canto do sabiá, até que um guri veio me dizer que ela queria falar comigo.

Ôche! Oigalê! Aí sim! Nem bem tinha sumido o som das chilenas quando cheguei frente-a-frente, depois de tantos anos e dei-lhe um sorridente

— Buenos días!

Nem pestanejou! Respondeu secamente à saudação e me disse:

— É muito tempo passado desde o nosso primeiro encontro, veja lá, eu tinha dezoito e tu vinte e dois anos. Tu já reparaste no meu rosto, que as rugas do tempo já estão aparecendo, e que eu já não sou tão bela? Como se isso não bastasse, pesa contra nós, além da idade, milhares de fatos e coisas que se passaram em nossas vidas, de parte à parte, que não é fácil olvidar! Assim como tu, eu também tive outros amores. Será que não te dói só em pensar, que meu corpo, meus lábios e meu coração já tiveram outros donos? Tu sabes muito bem de tudo isso e mais um pouco, não preciso, abrir velhas feridas, pois sempre estiveste por perto, o que se passa em San Juanito, os sinos de San Miguel contam aos quatro ventos.

— Quando tu me largaste e me esqueceste por outra lá do tambo, nada mais fiz do que me vingar. É certo que me arrependi, pensava em ti noite e dia e, às vezes, até me parava de louca na rua, olhando de longe tua casa, na esperança de te ver. Houve dias que eu não suportava mais o Hochengo, eu até queria me matar, quase arranquei minha orelha, para arrancá-lo do meu pensamento, mas aí já era tarde, eu não tinha mais a ti,

minha querida mãe morreu, ora te abençoando, ora te maldizendo, porque tu não tinhas honrado o teu compromisso comigo. Com a desculpa das milícias e das guerras vagueaste de Povo em Povo, eu sei, arrastando tuas asas de gavião-carancho e eu me obriguei a ficar com o que me restara, ainda mais, que logo me veio um filho.

— Sem pai, nem mãe, os irmãos que nem perdiz, o que eu poderia fazer? Assumir a quem eu tinha escolhido, entre o guerreiro e o sedentário, escolhi o conforto e a segurança aqui de San Juan mesmo. Tu custaste, mas também traçaste o teu destino. Então, o tempo, que é remédio para tudo, foi curando aos pouquinhos a minha dor, nos perdemos pra sempre. De repente, como sabes, tudo se desfez, como prova de que eu tinha feito tudo errado. Não dei ouvidos ao meu coração, só à razão, eu não acreditava em alma igual conforme diz o jesuíta na Catedral e fiquei sozinha de novo, agora com o meu primogênito para criar. Graças a Deus, está bem encaminhado em Buenos Aires.

— Depois, o tempo foi passando, passando, mas sempre que eu podia, arranjava um *cambicho* (namorado) perto de ti, só para te incomodar, para te enciumar, pois não foram sérios, não deram em nada, milicos sem tacos, índios fracos para meus longos braços.

— Não me arrependo de nada que fiz, pois sempre fui *yeravá* (altaneira) e dona do meu nariz, cozinho a minha carne e como da *mandi'ó* (aipim) a raiz, se te serve. A decisão é mais tua do que minha.

Eu só suspirava e engolia em seco a dura verdade. Enquanto o unísono de sua raiva cortava tudo à frente, eu principalmente.

— Para te ser bem sincera, tuas cartas, cheias de lágrimas de *caimã* (jacaré) não me comovem mais, até nem sei se são tão sinceras quanto eu o estou sendo agora. Não nego, que foste o meu primeiro grande amor, e que tivemos momentos felizes, mas também é verdade que sofri muito com os ciúmes que tu

tinhas, até da sombra do teu cavalo, além disso, o teu sonho de ser corregedor como teu irmão foi adiando o nosso casamento, sempre tinhas uma desculpa, ora era o cabildo, ora era a milícia, os mamelucos, os rodeios nas estâncias e a guerra, que é a vida, terminou levando você para longe, para San Miguel e para longe de mim.

— Hoje, tu mandas flores, presentes e cartas que me parecem as daqueles dias de nossa juventude, mas não são mais, muita água rolou em cachoeira, de ambas se desprendem amarguras, tristezas e ressentimentos, agora, nesse instante imperdoáveis, talvez seja uma purificação com a benção de *Tupã*, para um dia fazer de conta que não houve tristezas, só alegrias, que um novo sol se faça e uma lua nova renasça para apagar o que nos aconteceu. Juro que não sei! A vida foi muito dura para comigo! Até hoje vejo no olhar das índias mais velhas a desaprovação pelo que fiz e a malícia pelo tipo de vida que levo. Mas sou culpada? Quem me abandonou? Tu! Tu que me enganaste, me usaste e destruíste os meus sonhos de guria, de uma vida feliz nos braços do meu único amor.

— Agora, depois das cinzas e do sofrimento terem acobertado as dores e as mágoas, voltas, como santo do pau oco detrás da sacristia, com a maior sem-cerimônia, com voz gutural, mansamente, me pedindo de joelhos para voltar, para recomeçar, para esquecer tudo, simples, como lavar o corpo com terra, não sai, fica mais sujo ainda, então precisa um rio de água, uma cascata para limpar o corpo e o passado. E o espírito, como fica? Só Deus pode limpar e apagar o meu, o teu, o nosso pecado, de naqueles tempos não nos termos compreendido, que fomos feitos um para o outro, de termos nos casado, constituído família e hoje, já tordilhos com os filhos criados, podermos dizer ao mundo: “Vede como nos amamos, como somos felizes! Vinde! Vede, nossos amigos guaranis, tapes, arachanes, patos, minuanos

e charruas, vamos confraternizar, rir e gritar! Vencemos o mal, nós somos o amor, nós somos a vida da Terra Sem Males!”

— É muito pouco ainda o que eu te disse, eu teria ainda um rosário para desfiar e um cento de cestos para fazer. Sabes quantas vezes eu chorei? Quantos dias deflinhei? Quantas noites não dormi? Quantos terços rezei pedindo a Nossa Senhora de Loretto que te fizesses voltar para mim? Não sabes, né? Escondida dos jesuítas, até os magos e pajés Camar, Airê, Mutemá e Iarro fui consultar, para me curar desse longo caminhar, mas nada adiantou, não voltaste, não vieste na flor da vida.

— Agora, alquebrado, *viejo, yaguané* (velho), dolorido, derrotado, mais pra cavalo velho que pra potrilho, voltas, arrependido, *zorriño* (cangambá), com uma mão na frente e outra no fundilho, pedindo perdão. O mesmo refrão e cantando o mesmo estribilho: “Te amo, te quero, te venero, te trato, me mato, me firo, me dou um tiro, por ti *me muero, te quiero*, para sempre, *mi cielo* (meu céu)”.

— Hoje... A minha resposta é não! O tempo passado, meu fiel conselheiro, me diz para não voltar atrás, o passado está morto e enterrado, não te amo mais, não te quero, sigas teu caminho, não olhes para trás, eu lá não estou mais.

Bá... Engoli em seco! O desfecho caiu como uma *itaiçá* (clava de pedra) na minha cabeça, um zumbido apareceu de repente me deixando atordoado, sem saber o que dizer.

Eu esperava uma merecida carraspana, daquelas de verter sangue do couro, mas juro que esperava até um abrandamento e um “sim”, no final.

Sem poder sustentar a dureza dos fatos, meus olhos vagaram e vergaram para o chão, enquanto fervilhavam perguntas sem respostas na parte frontal, na testa, abraseada e vermelha que nem topete de *guirápità* (cardeal).

Consegui balbuciar, acanhadamente, meio tropeçando nas palavras:

— Então me desculpas por ter vindo falar contigo. Tu me perdoas?

— Desculpar? Perdoar? Por quê? Do quê? Não! Não te perdôo, ainda não é chegada a hora para tal, para que tu saias daqui, altaneiro, realizado e perdoado, com *ayres* (ares) de vencedor? Eu quero que vás embora do meu *teyupá*, que voltes pelo mesmo caminho que vieste e que te vás sem olhar o passado, que sigas em frente na tua vida, que dures bastante, com remorso, para que tenhas ainda bastante tempo para chorares e para te arrependeres sinceramente de todo o mal e sofrimento que me causaste.

— Tu!... Tu desprezaste e rejeitaste a tua alma igual. *Sape, vate*, Sefé!

O chão batido parece que afundou com o peso das botas, depois dos *laços* ainda veio um *guascaço* e um *trompaço*, que me deixaram ainda mais envergonhado que donzela surpreendida.

Contando, até periga a verdade. Nunca levei desaforo na garupa, nem de homem, muito menos de mulher, nem de asno, nem de bicho e alma d'outro mundo, e agora, estava eu ali, *despacito*, quieto, tartamudo, sendo lanhado e machucado moralmente, por aquela linda voz, saída dos lábios que foram meus, sem retrucar, aceitando o sermão e a benzedura sem dizer um “ai”, sem nenhum gemido.

Que desaforo... mulher não se abraça devagarinho, tem que ser rápido e com força!

Puxei-a contra o peito e juntei sola com sola, e pêlo com pêlo, e beijo com beijo num beijo quente, remexido, ardente, remodelado, resfolegado e demorado como *guainumbí* (beija-flor) no néctar da flor.

Depois de tempo, quando consegui se soltar das minhas mãos que iam e vinham dos lados de lá e dos lados de cá, se pendurou, tremendo, no meu pescoço com suas mãos grandes e delicadas, com os olhos cheios d'água, mas já era outra mulher,

doce, alegre, quente, sorridente, seu corpo tremia, se contorcia, de alegria e de paixão e de saudade dos meus carinhos.

O ódio, a mágoa, a tristeza, o ressentimento, a ira, a vingança, o desdém e a indiferença se desvaneceram, sumiram como que por encanto.

Ela não disse, mas me senti aceito novamente e perdoado. Tudo parecia um longo sonho que se repetia indefinidamente, entre abraços e beijos cada vez mais lânguidos, macios, ardentes e frenéticos.

A cortina da noite enluzada se fechou escondendo a nossa rede, que balançava e parava, balançava e parava, até que o fogo se apagou e a noite grande nos cobriu com o *vichará* (poncho) e dormimos entrelaçados nas asas do destino.

Levantei mais tarde do que cedo, aqueci a chaleira pro mate e saí dar trato aos cavalos. Eu ainda não acreditava em tudo o que eu tinha ouvido e no que tinha me acontecido. Eu pisava mais leve que o *yaguareté* (tigre) na barba-de-bode (macega). O coração saltava de alegria, parecia meu potro baio na mangueira de pedra. “Será que era verdade?” Pensei na minha cachola.

Antes que ela se arrependesse, voltei, fiz ovos com ovos e servi-lhe mate na *nubá* (rede) e fui *charlando* meio cantarolado:

— Minha china, minha prenda, meu bem querer, meu sol, meu bem-me-quer, minha *estrela chirúa* (estrela D’Alva), meu levante, meu entardecer, hoje *no más*, vá arrumando o enxoval, os avios, as moringas e os canecos, as redes e os *aperos* e vamos viver nova vida bem longe daqui; chega de San Juan, dessa casa de pedra rosada, desse vizindário e das coisas ruins que passaram. Vamos lá para San José do Itayú (Ouro), no cimo da serra, na antiga Santa Tereza do Igay, na terra das altivas árvores e dos altaneiros pinheirais. Lá, longe daqui, na terra dos teus e dos meus ancestrais.

— No caminho vou te contar a história que meu pai me contou, que meu avô contou-lhe sobre o meu bisavô, o *twichá* Cuarahîhesapé.

O fel se transformou em mel e a onça em jaguatirica, assentiu com um doce sorriso e disse:

— Nem imaginas com que ansiedade e com que saudade esperei por este dia, em que finalmente reafirmarias, não por carta, mas com tua voz, com teus abraços e beijos e a nossa longa noite na rede, que verdadeiramente me amas e que sempre me amaste. *Tupã* te guarde e te proteja! Bendito e querido és tu, Sefé, irmão de Oché, filho de Tiarayú, vou até os confins do mundo contigo.

E lá se foi cantarolando baixinho, arrumar os adornos e utensílios da casa, para nos mudarmos para outros pagos, lá na querência dos nossos antepassados.

Encilhei meu cavalo, o outro no cabresto, acorelhei os dois potros, carreguei a mula mansa com as traías e encilhei uma égua baía ruana, presente da minha madrinha Yracilde, e fomos nos despedir dos amigos, dos parentes e dos vigários de San Lourenço, Adolfo Escol e Miguel de Soto, homiziados que estavam, em San Juan.

Dia 18 de março de 1756, dia de San Cirilo de Jerusalém, como estava linda essa manhã ensolarada, quando eu e Torí botamos as patas dos cavalos nos campos verdes rumo à antiga Santa Tereza; como estava linda minha mulher guarani, com seus cabelos negros e compridos esvoaçando ao vento quente que vinha do norte; como era lindo seu porte cavalgando, sua pele, seus braços, suas pernas, seus vestidos e seus olhos; seu sorriso brejeiro enchia meu peito de alegria e sua voz límpida e alegre ecoava serena, nas canhadas e nas coxilhas, até os pássaros se calaram atentos para ouvir seu riso estridente e faceiro; a conversa fluía como um manancial das águas do Uruguai-Pitã, alegre, solta, divertida, entremeadada de suspiros e “ais” por tanto

tempo perdido de alegria e felicidade; e por longo caminhar a pé, puxando os cavalos a cabresto, aos beijos e abraços, rolando nas macegas e deixando envergonhados os passantes lá do alto.

Ela falava de tudo e eu queria ouvir e contar tanta coisa que a nossa conversa se parava em encontros e desencontros de causos, e ríamos à toa.

À tardinha, à beira duma lagoa mansa, a água refrescou a secura de nossas bocas e saciou a sede dos animais. Aceso o fogo, imitando o crepúsculo, o charque no espeto e o mate foram o intróito para mais uma noite de amor, das tantas que com certeza viriam.

E assim foi no outro dia e mais de uma semana, tudo igual e para melhor, ao tranquilo, sem pressa, como meu avô dizia: “Devagar se vai ao longe!” Íamos saboreando a manhã, apreciando a tarde, sorvendo o ar puro e adocicado, eu e Torí se regozijando à noite e à madrugada com nosso amor e com a natureza cada vez mais bela. Na medida em que íamos deixando as coxilhas alterosas e as umbrosas matas de verdes mil, foram surgindo árvores carregadas com o mais autêntico verde dos verdes, os *curity* (pinheiros), que à tardinha serviam para pousada e algazarra de bandos de tucanos, periquitos, carucacas, baitacas, maracanãs multicores e papagaios, *como guá’á, araracãn, paracáu, ayurú, arapachá, aruaí, caecae, cnyucnyú, sí, tu’i e m’baitá.*

Ahh! Que maravilha percorrer o mesmo caminho que meu bisavô, não como um velho cansado de guerra, solito com o filho, mas como um guerreiro ainda farto de vida, carregando um grande amor nos braços, para envelhecer feliz da vida.

A natureza também nos recebia de braços abertos; os campos floridos, entremeados de trevos rosas e roxos, juncados de gramas e capins nativos e de barbas-de-bode douradas ondulando ao vento, sem contar as flores nevadas dos caraguatás ornando as várzeas e os banhadais.

E os pássaros, assoviando, piando, gritando e chilreando para nós: coleirinhos, pintassilgos, azulões, chupins pretos, rajados e amarelos, cardeais e canarinhos nos tocos e ramadas e lá de longe dando risada para nós o João-grande, tarrãs, saracuras, garças e gaviões. Ah, e a siriema nos avisando à tardinha que a chuva vinha à noite.

Frutos silvestres, dezenas; e caças, outro tanto para nos servir de alimento, não para um, mas até para uma centena de viandantes e migrantes como nós. Que terra tão rica, que fartura de pinhão, amoras, araçás, guabirovas, guabijus, pitangas, sete-capotes, para rechear um nambu, macucos, patos, gansos e marrecos, cervos, tatus, pacas, cutias, antas, capivaras, catetos e tatetos, bugios e macacos, de bando, de vara e de manadas de ecoar o tropel.

Nos rios nem se fala: jundiás, lambaris, sardelas, traíras, piavas, dourados, surubis, jacarés, lontras e ariranhas.

Quando chegamos, sol a pino, na floresta negra de *curity*, no alto do cimo da serra, donde se avista *mui lejos* as terras dos ibiangularas, pra lá das nascentes do Igay (Jacuú), nos deparamos, avistamos pela primeira vez em nossas vidas, permeio os *curity*, com uma imensa floresta de milhares de árvores medianas e roliças, de tronco amarelo rosado, folhas compridinhas verdes avermelhadas nas pontas, pontilhadas de flores brancas, minúsculas, agrupadas, apinhadas como trevinho, de cheiro suave, essas flores, não juntas aos ramos e folhas como as pitangas ou guamirins, mas brotando desde o tronco até o mais alto dos galhos, de alto a baixo, em roda de tudo, inclusive todos os galhos, grossos ou finos, parecia que a neve tinha tomado conta dessa árvore, a famosa jabuticabeira, que não existe em nenhum outro lugar do *tape* e olhe que eu o conheço como a palma da minha mão, dizia meu pai, que foi *Tupã* que a criou da noite para o dia e a deu de presente para o meu bisavô o *twichá* Cuarahíhesapé,

cujo fruto, a jabuticaba, de casca grossa, é preta por fora e branca por dentro, parecendo os olhos dos guaranis.

Vamos esperar para ver!

Yó (eu) e Torí achamos lindo o lugar. À beira dum pequeno campestre, conviviam com as jabuticabeiras, timbós nas bordas, camboatás, canelas, sapopemas, louros, ipês, cedros e, defronte a uma majestosa cangerana, resolvemos ali sentar o nosso *teyupá* (rancho), para reiniciar nossa vida.

Aguada boa perto, pasto para os animais, horizonte a perder de vista, a cavaleiro, no planalto, porque talvez os portugueses e seus mamelucos algum dia poderiam vir tomar posse até aqui, agora, de suas terras. Como dantes, o seguro morreu de velho e o inimigo sempre cria casca e se faz de *sórro* (lobo-guará).

O FIM DOS SETE POVOS DAS MISSÕES E A TRANSMIGRAÇÃO

Já era mês de maio, as jabuticabas, de verdes, passaram a um roxo azulado e agora estavam pretas, maduras e açúcaradas para se fazer vinho e licor, quando sem mais nem menos, eis que chega *a trotesito no más*, montando um cavalo branco melado, o irmão mais novo da Torí, a quem há muitos anos não víamos, e não sabíamos se era morto ou se era vivo, trazendo no embornal uma carta do meu amigo, o padre Lourenço Balda, que assim me relatou sobre a tomada do povo de San Miguel:

*San Miguel, 16 de maio de 1756,
dia de San Juan Nepomuceno.*

Estimado amigo, tuvichá Sefé Tiarayú!

Aproveito o ensejo e a boa vontade do portador para te dizer que trinta e um dias depois da batalha de Caibotaté, agora dia 16, os generais espanhóis, José Joaquim Vianna e José João Andonaegue entraram triunfantes na Redução de San Miguel, sendo recebidos com indiferença pelo povo e com indisfarçável má vontade pelos nossos superiores, tendo o padre provincial geral Matias Estrobel S.J., argumentado, longamente com o general Vianna, da impossibilidade de largar gados e colheitas ao Deus dará e a própria Redução para realizar a transmigração do que restou do nosso Povo.

Ficou acertado que um novo cura tomará conta de San Miguel e o cabildo doravante não será mais dos

índios, mas será governado por um civil, que será nomeado pelo novo governador de Buenos Aires, dom Pedro de Cevallos e que a transmigração se fará no prazo de um ano, depois das colheitas.

Também o provincial geral falou, asperamente, e perguntou aos generais, com que direito tinham mandado me prender, e praticamente ordenou que me soltassem, pois além de eu ser um jesuíta, era um homem íntegro, um ancião de 75 anos de idade, piedoso, irmão e amigo dos guaranis, e que a Igreja tinha suas leis e métodos de punição.

Assim que me soltaram, fui levado à presença dos espanhóis e inquirido sobre a minha participação no levante e na guerra dos missioneiros. Assumi toda e qualquer responsabilidade pela guerra e disse mais ao general José Joaquim Vianna, que me interpelava com insolência:

— Al rey no lê han costada nada estos pueblos; somos nosotros los hemos conquistado con el Santo Cristo en la mano. Su majestad no puede entregarlos a los portugueses; y si yo estuviera en la còrte, le informaria de modo que tal entrega no habia de verificar-se.

Disse-lhe ainda uma porção de coisas mais que não vêm ao caso, mas só para que tu saibas meu amigo, nem o general Gomes Freire de Andrade, o conde de Bobadela, se dignou a vir tomar posse de nossas terras, nem representante mandou, ficou lá no Forte Jesus Maria Jozé, vejas com que desdém trataram a questão, com que desprezo receberam nossas terras, nossas catedrais e nossa gente.

Ah, ia me esquecendo: levaram preso o padre Tadéu Hénis no meu lugar.

Daqui do Povo de San Miguel, sigo viagem para Assunción e, de lá, não sei meu destino. Se não nos vermos mais, saiba que foste o meu melhor amigo e que o recomendo a Deus e a San Miguel diariamente em minhas orações. Espero que esta te encontre livre e com saúde. Adeus amigo!

Assinado, padre Lourenço Balda S.J.

O jovem amigo José Purutu'é, seu cavalo e seu guaipeca de nome Guamirim se quedaram em nosso *teyupá* por muitos dias, amenizando as saudades e contando causos de estafetas, trabalhos *a fuzel*, tropeiradas e escaramuças de guerra lá por San Antonio Mini, coisas comuns que eu também conhecia. Casara-se com uma açoriana do ramo português, recém chegada de além-mar, de nome Eíraruá (abelha rainha). Refeito das andanças e dos guascaços da vida, certo dia, partiu de volta à sua querência, abarrotado de bem-querenças, abraço cinchado e sorriso de orelha a orelha, pelos dias de fraterna convivência.

E o tempo foi passando como *quatiara* (víbora) de arrasto, liso e rápido, mourando as melenas, mas ainda sobrava tempo para tourear *guaicuru* (sapo) e matar perereca, passarinha, marrêca e qualquer bicho que avoa.

Filho que é bom, não vinha, mas pra quê?

Chegam dois, bem criados!

Nessa idade, não se quer muito caminhar, tão pouco andar a cavalo, caçar e pescar só por honra do sustento da família, eu e ela.

O andar fica mais lento, o caminho mais longo, a cabeça manda, mas o corpo não obedece. Trabalho bom mesmo é tomar mate, chimarrão e prosear na sombra do mato, comer um *chamuchina*, balançar na rede, dormir e acordar com o canto da passarada e o grito dos xarões, gritando no céu:

— Créu, créu, créu: Sefé, vai cuidá do pangaré e depois da muié!

De vez em quando passava um que outro irmão guarani, desgarrado, fugindo das Missões e, às vezes, famílias inteiras.

Visita... lá de vez em quando, dum casal de caingangues lá do Mondecá, vizinhos de porta, fazer o quê, a gente se entendia mais ou menos, mas eu não falo gê, só espanhol, o guarani, um pouco de português e latim e nome feio em alemão, que fazia o vizinho se mijar de dar risada.

Não é latindo, é falando em latim, lembrei-me do bom padre Sepp, que me contava as fábulas dum tal de Esopo, para a gente entender o mundo e as pessoas.

Lupus et agnus

*Ad rivum eundem lupus et
agnus vénerant,
Siti compulsi: superior stabat
lupus,
Longeque inferior agnus. Tunc
fauce improba
Latro incitatus, júrgii causam
intulit.*

*Cur, inquit, turbulentam facisti
mihi,
Aquam bibenti? Lániger contra
timens:
Qui possum, quaeso, fácere
quod quéreris, Lupe?
A te decurrit ad meos haustus
liquor.
Repulsus ille veritatis víribus:*

*Ante hos sex menses ait maledi-
xisti mihi.
Respondit agnus:
Équidem natus
non eram.
Pater, Hercle, tuus, ille inquit,
male dixit mihi.
Atque ita correptum lácerat,
injusta nece.*

*Haec propter illos scripta (inno-
centes) est hómines fábulas,
Qui fictis causis innocentes
ópprimunt.*

O lobo e o cordeiro

*Um lobo e o cordeiro vieram
para o mesmo riacho,
Impelidos pela sede. Mas, mais
acima, estava o lobo
e muito mais abaixo o cordeiro.
Então, o ladrão incitado pela
goela voraz procurou um moti-
vo de briga.*

*Diz:
Por que me fizeste turba a água
que estou bebendo?
O lanígero temendo responde:
Como posso, suplico, fazer o que
reclama, ó lobo?
A água corre de ti para os meus
sorvos.
Aquele repellido pela força da
verdade diz:
Antes destes seis meses falaste
mal de mim.
O cordeiro responde:
Na verdade eu não era nascido
ainda!
Aquele diz:
Por Hércules, teu pai falou mal
de mim!
E assim dilacera o arrebatado,
com morte injusta*

*Essa fábulas foi escrita
por causa daqueles homens
que oprimem os inocentes com
falsos pretextos.*

E assim nos foi feito pelos espanhóis e portugueses, ao longo de nossa história, vivida nas diversas Reduções Jesuíticas.

No outro ano não vieram mais, nem deram notícia de que *Tupã* havia levado o velho cacique Votouro para viver noutras matas, além das nuvens do céu.

Os dias de felicidade e os anos de vida passaram assoviando como o vento minuano, no inverno, muitos fatos sem importância se sucederam, até que um dia, ouvi vindo distante, um som de guerra, não de quinhentas e tantas como em Caiboaté, mas uma, rangendo no alto da coxilha, uma carreta toldada, grande, puxada por seis juntas de bois franqueiros, ajojados e cangados à portuguesa, conduzida por um tal de Basco Chananéco, me disse seu nome ao se apresentar.

Sujeito buenacho, alto, forte, grandalhão, sorriso aberto, pele queimada do sol e bom de prosa uma barbaridade. Por ele é que fiquei sabendo que os tratados entre Portugal e Espanha não deram em nada.

Contou-me que os Sete Povos das Missões ainda eram de Espanha, mas em completa decadência, por causa que viera um novo governador para Buenos Aires, um tal de dom Pedro de Cevallos Cortes Y Calderón, que primeiro atacou os portugueses em Sacramento, nas ilhas de San Miguel e Dos Hermanos; tomou também pelas armas os fortes de Santa Tereza, San Miguel e Rio Grande e até a ilha antiga de Desterro (Santa Catarina) varrendo os portugueses das fronteiras espanholas e que depois realizou a transmigração. É verdade que posteriormente devolveram esta ilha, mas os portugueses só ficaram com ela e parte do Tapes, do Rio Jobí até Viamão para baixo.

Alegre ficou meu coração, quando, entre um mate e outro, contou-me que o general português, Gomes Freire de Andrade, nosso fidalgal inimigo, teve um ataque do coração e morreu quando soube que os espanhóis de dom Cevallos retomaram a Colônia do Sacramento.

Aproveitei a ocasião e perguntei o que seria feito de nossos jesuítas, se estavam bem e se também tinham ido para o Paraguai. Meio sem jeito, pois eu tinha lhe falado da carta que recebi, me respondeu que infelizmente, em 1768, por influência nefasta de um tal de Sebastião José de Carvalho, o marquês de Pombal, todos os jesuítas das américas foram expulsos e regressaram para a Europa.

A notícia cortou o meu coração, fiquei por horas calado, relembrando minha vida na companhia dos jesuítas: os homens não sabem o que fazem e *Tupã* escreve certo por linhas tortas, a semente da fé que eles plantaram ainda darão miles por um.

O carreteiro era bem informado, uma barbaridade, até de causos do outro lado do mundo. Contou-me também que por lá houve um tal de *terremoto*, um estrondo debaixo da terra que derrubou tudo que estava por riba, arrasando com a capital dos portugueses, a tal de Lisboa, matando mais de trinta mil lisboetas. Sorri intimamente pensando que se isso não fosse um castigo, então não sei o que seria: nossos hum mil e quinhentos guaranis estavam compensados em cento por um. E mais, que o rei de Espanha agora é um tal de Carlos III, dona Bárbara de Bragança e seu esposo dom Fernando VI já bateram com os mocotó, e que os reis portugueses também já se foram para a estância do céu, e agora quem mandava era uma tal de dona Mariana Vitória de Bourbon.

Para fim de conversa, acho que quase nada mudou desde que em 1756 nos afrontaram e nos derrotaram, dizimaram o meu povo que se espalhou pelas sesmarias e pelas cidades dos novos donos e a maioria voltou pra donde vieram: uns pelo Tape, os de San Borja foram para o Queguaí, junto aos charruas.

Os de San Nicolau foram se fincar numa curva do Rio Paraná, entre Itapua y Trinidad; os de San Luís foram para a Lagoa Iberá, no Mirinai e Santa Luzia; os de San Lourenço voltaram para onde moravam seus ancestrais, na ilha de Santa Maria, no

meio do Rio Paraná; os meus irmãos de San Miguel foram para o norte do Rio Queguai, sobre o Rio Negro.

Os de Santo Ângelo foram parar no norte do povo de Corpus Christi e os meus irmãos guaranis de San Juan, onde passei os melhores anos da minha vida, foram recebidos pelo povo de San Ignacio, às margens do Rio Tebicuarí, junto à foz do Rio Paraguai nas terras perto do pantanal Neembucú, só eu me escapei por lado de Santa Tereza do Igay, antigo Curity.

Contou-me ainda o sabido tropeiro que os tratados de 1777 e 1778, do qual eu vira uma comissão demarcatória passando aqui perto e demarcando, também não deram em nada e que doravante, pelo que ficou sabendo, só valia, tanto para portugueses como para espanhóis, o *Uti possidetis*.

Em vista disso, vou ficando por aqui mesmo, de posse da minha terra, pequena, *pero*, minha!

No outro dia, o falaz e agradável visitante seguiu sua jornada, cantando o *Boi barroso*, disse-me que iria até São Paulo, num lugar chamado Sorocaba, com a tropa de mula que vinha atrás, dum tal de Cipriano Dias Garcez lá do Pau Fincado... ou será que era dos roseteiros... ou dos papa-laranja.

Ué! Já, não me lembro, bem!

OTRAS PLAGAS DE DEUS

Às vezes, na sombra do arvoredado, ficava pensando sobre o amor e a felicidade, se é que para nós, índios guaranis, esses conceitos existam, ambos se confundem num emaranhado de cipós.

Não sei se amor é felicidade, é convivência, escutar, falar, dar atenção, cortesia, uma palavra boa, carinho, gentileza, um roçar, um abraço ou beijo, ficar olhando nos olhos, ou cabisbaixo, olhando para dentro de mim para não verem totalmente que sou feliz, para não verem o ciúme e a inveja, ou a insuportável ausência, mesmo que por instantes, um sorriso, um trejeito, um elogio, um mate alcançado, um doce ofertado, uma iguaria, com molho, cozida, um milho assado, um pinhão no borralho, ou trazer o cavalo para beber água, ou não me acordar da sesta, só para me olhar, me ver dormir sereno, de noite a rede arrumar, ou o perfume das flores, se enfeitar para mim, sorrir, me convidar:

— Venha logo, vamos, se deitar, tenho muito amor para dar!

E assim, foram se passando meus últimos dias, até que, cada dia mais, parece que as forças me vão faltando, a vista escurecendo, os causos de guerra, esquecendo, o apetite cedendo, a vontade esmorecendo e fui ficando *mitã* (criança) de novo, maior do tempo, sentado, em roda do fogo, brincando com o *perro* e com o dedo, escrevendo no chão, causos, contos e imaginários poemas, como este:

Torí
Até hoje, choro por ti
Como antes, tantas vezes,
Chorei nos teus braços.
Sempre choro por ti,
Hoje, ainda choro por ti.

E me há de perguntar...
Porque recuerdas, porque choras?
Choro e clamo na ânsia de voltar
A te amar
De te ver, de te sentir,
E novamente
Nos teus braços chorar.

Se pensas que te esqueci,
Estás enganada,
Ainda choro por ti.
Na solidão da madrugada,
Eu ainda te escrevi.
Talvez, por tudo ou por nada,
Por nada ou por tudo,
És minha amada,
Torí

Não mais que de repente, nada mais tinha importância, nem o que fui, o que sou ou ainda serei.

Torí pegava pela minha mão, me segurando, os passos, tropeçando, arrastando para não cair, horas a fio dormindo, sonhando com meu *asígué yavevé* (irmão igual), meu pai, minha mãe, outros irmãos, *tuvichá* de muitos povos, outras flores machucadas, cargas de cavalaria, flechadas, bordoadas de bordunas, fogaréu nos campos, noites estreladas, jesuítas, sinos e *kalokos*, meus ancestrais, *cuatiás*, mamelucos, espanhóis, reis e rainhas, Natal, San Juan, San Miguel, *jô-i*, *jô-e*, *yaguareté*, *guainumbí*, *curity*, *Anhangá* talvez não, só *Tupã*, o supremo *tuvichá*, é quem sabe.

Se mais não falo, é porque índio *avá* (homem) guarani é quieto, calado, aguenta, não reclama, não chora, se conforma com a vida que leva. Vive o dia de hoje, amanhã, a Deus pertence.

Ouvi os quero-queros cantar na coxilha quando passei por eles em sonho, depois... depois vi... *outras plagas* de Deus! Muitos guaranis, milhares, e entre eles me perdi!

— Ó de *oga* (casa)!

Eu mesmo dormindo respondo: — Não tem fogo nem brasa!

É a caingangue, que chegou.

— Bom dia, dona Jurema, se aproxegue!

— Bom dia Torí! Como tem passado?

— Bem, obrigada!

— E o véio tuvichá? Como está?

— Daquele jeito, vizinha, virou criança, não se responde mais, caduco, caducando, que dá dó. Olha o mate comadre, se sirva!

— Obrigada!

— Imagine Jurema, que coloco ele sentado, ali na sombra da jabuticabeira, e ele lá fica horas olhando para as jabuticabas e conversando, diz que elas são os olhos dos seus companheiros que morreram lá no Caiboaté Grande.

— É mesmo?

— Chora que dá dó, comanda ataques, dá gritos de guerra, briga, chora, fica espavorido, cai, levanta, se arrasta e o ergo, se acalma e escreve com o dedo no chão.

— Outro dia, veio um bando de tucanos e pousaram ali na cangerana, sabe o que ele disse Jurema?

— Não Torí!...

— Disse que eram os guaranis que estavam voltando lá do Rio Paraná, com seus cocares de guerra, vermelho e amarelo,

para tomarem de volta as terras dos portugueses. Veja se tem cabimento uma coisa dessas!?

— ...

— Oh... hoje ainda não se levantou! Ta sesteando por demais da conta!

Três dias depois, em 31 de março de 1783, dia de San Benjamim, numa tarde quente, ensolarada, de brisa amena, a natureza se quedou silenciosa, só os quero-queros gritaram no alto da coxilha, anunciando a morte do último guarani, filho do povo de San Miguel.

Quem se lembrará dele daqui a um quarto de milênio? Adeus Sefé Tiarayú, um outro caudilho.

Fim.

INTRODUÇÃO À ONOMÁSTICA GUARANI

A onomástica, que aqui se transcreve por mera curiosidade, é a moderna. Refere-se aos nomes próprios derivados dos nomes de pessoas espanholas, comumente usadas no Paraguai, Corrientes, Misiones, Mato Grosso, sendo os nomes e apelidos guaranis espanholizados. Esta lista não pretende ser completa, nela apenas figuram os nomes mais comuns e populares.

Por razões óbvias, prescindiu-se da antiga onomástica guarani, hoje quase que totalmente desaparecida. Durante muito tempo ela foi usada nas Missões Jesuíticas, mas, despojada, naturalmente, de seus fundamentos sociais, étnicos e religiosos. Os índios missioneiros levavam, geralmente, dois nomes: um, tirado do repertório bíblico e católico, e outro, com função de apelido, formado do uso comum dos guaranis. Ou seja: José (português): José, Joseph e Josefus em Espanhol e Latim ou Oché, e Tiarayú em guarani. Esse costume, subsistiu até o Século XVIII, mas ainda hoje são usados no Paraguay e em outras regiões os nomes e apelidos indígenas, como os que seguem:

“Lambaré, Aricuyé, Yaharí, Aguará, Yaratá, Arecutá, Aritikí, Guarí, Cuyurí, Yasí, Guaracuyú, Guapí etc.”.

Em sua maioria, os patronímicos guaranis foram sendo substituídos por outros de origem espanhola. A substituição se fez em muitos casos por equivalencia meramente fonética ou de similitudes de origem histórico-familiar. De qualquer modo, esta curiosa nomenclatura onomástica, recolhida pelos Drs. Anselmo Jover Peralta e Tomás Osuna, registram fenômenos fisiológicos sumamente interessantes. É típica do Paraguai, mas já o foi também do Rio Grande do Sul em priscas eras.

A onomástica dos antigos guaranis se reveste hoje de um valor puramente etnológico. Atualmente, é importante pelo seu duplo aspecto fisiológico e social. Como esta glosa, tem a única finalidade de fazer a apresentação desta curiosidade linguística e de justificar o título deste livro, limitamo-nos

a fazer estas breves considerações e realçar mais algumas características.

a) Notemos, em primeiro lugar, a tendência à simplificação e à redução, que são fortes na língua guarani. Quase todos os nomes espanhóis perderam as sílabas iniciais, ou finais, conservando unicamente os sons essenciais.

b) As trocas fonéticas são freqüentes. As letras e combinações de letras de difícil pronúncia ou inexistentes no guarani são substituídas por seus equivalentes do alfabeto vernáculo. Exemplificando, a letra “m” se transforma em “mb”, como em *Camilo = Cambilo*, o “s” em “ch” como em *Simon = Chimó*.

c) Verifica-se também a tendência em guaranizar os nomes masculinos, mais que os nomes femininos.

d) Notemos, finalmente, que estes nomes não figuram nos registros civis. Ainda que não sejam proibidos, não são oficiais, mas muitos os usam, especialmente no interior e no meio campesino onde estão mais arraigadas as tradições avoengas.

e) Portanto, se os padres jesuítas e os espanhóis chamavam Tiarayú de “José”, seus iguais, os guaranis, o chamavam de “Oché”.

ONOMÁSTICA GUARANI

Abelardo = *Abelo*

Aguayo = *Aguai*

Agustín, Agostinho =

Aguí

Ambrósio = *Amboró,*

Mborõ

Alberto = *Laleto*

Anastácio = *Tacho*

Antonio = *Toní, Toñi,*

Toñó

Apolinário(a) = *Apolí,*

Poli

Arambulo = *Arapú*

Artur(o) = *Tucho*

Aranda = *Guerendá*

Areco = *Arepocó*

Arias = *Aricuyé*

Atanásio = *Taná, Tacho*

Ayala = *Guaiá*

Bartolomé (meu) =

Mbatú

Batista = *Bautí, Tita*

Belisário = *Belí*

Benito = *Bení*

Bernardo = *Bená, Berená*

Bernabé = *Verená*

Benvinda = *Bienblás*

Brás = *Ulá, Lachí*

Brás Antonio = *Totoño*

Bonifacio = *Boní*

Boaventura = *Ventú*

Cabral = *Cavú*

Calixta = *Calí*

Calixto = *Calatío, Calatú*

Camilo = <i>Cambilo</i>	Espínola, Espíndola = <i>Pin-</i> <i>durá, Pindú</i>
Candelaria = <i>Candé</i>	Estanislau = <i>Taní</i>
Carlos = <i>Caró, Caló, Caló,</i> <i>Calaitó</i>	Eulogio = <i>Uló</i>
Carmem = <i>Camé, Lecá</i>	Eustácio, = <i>Utacio</i>
Casemira = <i>Cachí</i>	Eustaquio(a) = <i>Utá</i>
Casemiro = <i>Cachiro</i>	Evangelista = <i>Kelí</i>
Catarina = <i>Catí</i>	Facunda = <i>Facú</i>
Caetano = <i>Cayé</i>	Feliciano = <i>Chano</i>
Celestino(a) = <i>Selé</i>	Felipe = <i>Pi'í</i>
Cecílio = <i>Chichilo</i>	Florêncio = <i>Letó</i>
Celidônia = <i>Selí</i>	Fulgencio = <i>Kencho</i>
Ceverino = <i>Sefé</i>	Francisca = <i>Chicá</i>
Cipriano = <i>Septí</i>	Francisco = <i>Ticú, Pachí,</i> <i>Pachicú</i>
Ciriaco = <i>Chiró</i>	Gamarra = <i>Guaicuá</i>
Cirilo = <i>Chirí</i>	Genoveva = <i>Henó</i>
Coronel = <i>Corõ</i>	Gertrudes = <i>Kitú, Hetú</i>
Corvolan = <i>Corí</i>	Gervásio = <i>Kerevá</i>
Cristina = <i>Kití</i>	Gimenez = <i>Chimé</i>
Cristo = <i>Kiritó</i> (nome humo- rístico)	Gomes = <i>Igó</i>
Concepción, Conceição =	Gregório = <i>Legó, Regó</i>
<i>Conché</i>	Guillermo, Guilherme =
Clemencio = <i>Kené</i>	<i>Giyé</i>
Constancia = <i>Cotá</i>	Hermenegildo = <i>Merekí</i>
Cristóbal, Cristóvão = <i>Kitó</i>	Hipólito = <i>Lito, Impólito,</i> <i>Empólito, Poli</i>
Cubilla = <i>Cuyurí</i>	Ignácio, Inácio = <i>Iná</i>
Cuciratti = <i>Cuchirá</i>	Ildefonso = <i>Ilé</i>
Dejesus = <i>Likichú, Leké</i>	Isabel = <i>Sevé</i>
De La Cruz = <i>Lacú</i>	Isidoro, Izidoro = <i>Chiró</i>
De La Paz = <i>Lapá</i>	Isidro = <i>Chiró</i>
De Los Angeles = <i>Losángele</i>	Hilário = <i>Ilá, Choilá</i>
Del Pilar = <i>Delpi'í</i>	Jerônimo = <i>Keró</i>
Rosario = <i>Rochí</i> (m) <i>Lochá</i> (f)	Jesus = <i>Kitú, Kichú</i>
Demétrio = <i>Leme</i>	José = <i>Oché, Hoché, Ho-</i> <i>chengó</i>
Dionísio = <i>Leoní</i>	Juan, João = <i>Chuã, Huá,</i> <i>Huanchí, Huaní</i>
Dolores = <i>Loló</i>	Juan Alberto = <i>Laletó</i>
Domingo(s) = <i>Tutí</i>	Ladislau = <i>Lalá</i>
Droteo = <i>Roté</i>	Laureano = <i>Laurí, Labrí</i>
Eduardo = <i>Ru</i>	
Eleuterio = <i>Leú</i>	
Encarnación = <i>Canachó</i>	

Leocádio = <i>Locá, Lecá</i>	Pilar = <i>Pila</i>
Leonidas = <i>Loní</i>	Policarpo = <i>Polí</i>
Leopoldo = <i>Lopó</i>	Portillo = <i>Poritú</i>
Leovigilda = <i>Vikí</i>	Prisciliano = <i>Pichí</i>
Liberato = <i>Livé</i>	Purificación (Ão) = <i>Purí</i>
Libório = <i>Livó</i>	Prudencio = <i>Pulé</i>
Luciano = <i>Luchí</i>	Quiteria = <i>Kité</i>
Luis (Z) = <i>Luí, Duhí</i>	Ramón (Ão) = <i>Ramó</i>
Lupércio = <i>Lupé</i>	Rodrigues = <i>Rorí</i>
Magdalena, (Mada) = <i>Man- galena</i>	Rômulo = <i>Rómbulo</i>
Manuel (Oel) = <i>Manú, Manucho</i>	Rosa = <i>Rosa</i>
Margarita, Margarida = <i>Mangarí, Manga, Manga- cha</i>	Rosária = <i>Lochá</i>
Maria Paula = <i>Chapala</i>	Rosário = <i>Rochí</i>
Maurício = <i>Mauri</i>	Ruperto(a), Roberto = <i>Lupé</i>
Máximo = <i>Machí, Mancí</i>	Saldívar = <i>Satí</i>
Melchora = <i>Mecho</i>	Salvador = <i>Chaló</i>
Mercedes = <i>Mercé</i>	Sanchez (S) = <i>Chi'ã</i>
Miguel = <i>Mingé</i>	Sandalio = <i>Yallo</i>
Narciso = <i>Nachí</i>	Saturnino = <i>Tuní, Tucho</i>
Natalício = <i>Nata</i>	Sebastián (A)(Ão) = <i>Seva</i>
Natividad = <i>Natí</i>	Secundino = <i>Secú</i>
Nicanor = <i>Canó</i>	Silvano = <i>Chivá</i>
Nicolás (Au) = <i>Colá</i>	Silvério = <i>Chivé</i>
Nolasco = <i>Nolá, Chotrolo</i>	Sinforiano, Sinfronio = <i>Sinfó</i>
Norberto = <i>Lové</i>	Simón (Ão) = <i>Chimó</i>
Oros(z)Imbo = <i>Oro</i>	Socorro = <i>Chotrolo</i>
Otílio = <i>Otí</i>	Solís = <i>Curasî</i>
Pablo, Paulo = <i>Palé, Palí, Chapale, Pauro</i>	Telésforo = <i>Telé</i>
Pacífico = <i>Aruá</i>	Teodoro = <i>Téo, Oro</i>
Pantaleão = <i>Panta, Pale</i>	Teodosio = <i>Te'ó</i>
Patrícia = <i>Patí</i>	Teófilo = <i>Teó</i>
Patrício = <i>Lepatí, Patí</i>	Tiburcio = <i>Thimbu, Tivú</i>
Pedro = <i>Peru, Choperú, Peito, Perico, Perí, Champé, Petoto</i>	Timotio (Eo) = <i>Toté, Timó</i>
Perez(s) = <i>Pe</i>	Tomás (Z) = <i>Tomé, Sumé, Tumé, Chumé, Chomé</i>
Petrona = <i>Petó</i>	Toríbio (Tu) = <i>Torí</i>
	Vitório = <i>Vitó</i>
	Vitoriano = <i>Vitó</i>
	Yegros = <i>Yepó</i>
	Venceslau = <i>Vence</i>

OBRAS CONSULTADAS

ASSUNÇÃO, Fernando O. *Pilchas criollas*. 3. ed. Buenos Aires: Enecé, 1991.

BRASIL, Gal. Assis. *Batalha de Caiboaté*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935.

BRUXEL, Arnaldo. *Os trinta Povos Guaranis*. Caxias do sul: UCS; Porto Alegre: Livraria Sulina, 1978.

CAFRUNI, Jorge E. *Passo Fundo das Missões*. Passo Fundo: Edição Especial: Municipalidade de Passo Fundo, 1966.

CATEN, Avelino Tem S. J. *A História dos mártires e das Missões Guaranis*. 3. ed. Santa Maria: Pallotti, 1986.

FIGUEIREDO, Padre Antonio Pereira de. *Tradução da Bíblia*. Erexim: Edelbra, 1979.

HELLWIG, Rubem. *Testamento guarani*. Porto Alegre: Proletra, 1982.

JAEGER, P.; Luiz Gonzaga S. J. *Os Heróis de Caraó e Pirapó*.

LEITE, Bazilisso. *Generalidades das Missões Jesuíticas*. Porto Alegre: Internacional, 1973.

LESSA, Barbosa. *Rodeio dos ventos*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1978. [Coleção RBS]

PERALTA, Anselmo Jover; Osuna, Tomás. *Dicionário Guaraní-Espanhol e Espanhol-guarani*. Assunción: Litocolor, 1984.

RECHEGG, Antonio Sepp Von S. J. *Viagem às Missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos*. São Paulo: Martins, 1943.

RIBEIRO, Gonçalves; J. Lanzellotti. *Estórias e lendas do Brasil*. MEC/ Colted, vol. 3, 1970.

TESCHAUER, Carlos S. J. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. Porto Alegre: Selbach, vol. 1, 1918.

Homenagem máxima

*À minha família, querida esposa, diletos filhos e genro,
respectivamente, sra. Profa. Joene Maria Pinheiro Ayres,
bel. Tiana Ayres,
bel. Felipe Ayres e sr. Briando Manoel Almada Betten-
court.*

Agradecimento máximo

*Ao empresário Sr. Valdir Tamanho (Dom Tibiri), diretor
presidente das empresas Cia. Grif., da Spasso, da A
Babilônia e da Tamanho&Tamanho;*

*Ao dr. Daltro José Wesp, diretor superintendente das
Rádios Planalto AM e FM;*

À Fundação Cultural Planalto de Passo Fundo - RS.

Agradecimento especial

Ao sr. Prefeito Municipal Arno Cleri Reinstein Schröder de São Sepé - RS;

A sra. Lourdes Giacomolli Osório, presidente da Fundação Cultural “Afif Jorge Simões Filho” de São Sepé - RS;

Ao sr. Luiz Otávio Picada Gazen, patrão do Índio Sepé CTG de São Sepé - RS;

Aos Promotores do Fórum “Sepé Tiarajú, o Personagem e o Mito”, em memória dos 250 anos da morte de Sepé Tiarajú, comemorado dia 7 de fevereiro de 2006 em São Sepé - RS;

Ao sr. Prefeito Municipal Eduardo Loureiro de Santo Ângelo - RS;

Ao sr. Geovani Gisler, secretário de Turismo e Esportes de Santo Ângelo - RS;

Aos promotores das festividades alusivas aos 300 anos de fundação da Redução Jesuítica Guarani de Santo Ângelo Custódio.

Ao sr. Charles Pimentel, diretor proprietário da Editora Méritos de Passo Fundo - RS;

Aos personagens anônimos, visíveis e invisíveis que me ajudaram a construir esta obra. De coração, a todos, muito obrigado!

ODILON GARCEZ AYRES

Oché
e
Sefé
TIARAYO
ROMANCE

Torna-se insaciante uma única leitura deste virtuoso romance, tal é a laboriosidade da trama que serpenteia a obra.

A história ocorre no período das guerras, tratados e sangueiras que fizeram parte da formação dos países da pampa, Argentina, Paraguai e Sul do Brasil, mais o Uruguai, no entanto não segue uma simetria acadêmica enfiada quando ficciona as emoções vividas por Sefé e Oché durante os anos de refregas entre Portugal e Espanha no século XVIII.

Enquanto vive em constante clima de guerra na companhia do seu igual, Sefé ainda tem que pelear com o coração para (re)conquistar o seu amor verdadeiro. Essas e outras agruras permeiam os dias destes guaranis que não sabem ficar parados vendo sua terra ser demarcada, muito menos não reagir frente a um amor impossível.

Mas como deter os exércitos espanhóis e portugueses?

Como resgatar o amor de Torí?

méritos
editora

www.meritos.com.br

ISBN 85-89769-13-5



9 798589 769135